

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA

**BRASIL ENTRE TRINCHEIRAS: EDUARDO TADDEO, O CORRESPONDENTE
FAVELADO DE UMA GUERRA NÃO DECLARADA (2000-2012)**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
MONTES CLAROS-MG**

Março/2019

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA

**BRASIL ENTRE TRINCHEIRAS: EDUARDO TADDEO, O CORRESPONDENTE
FAVELADO DE UMA GUERRA NÃO DECLARADA (2000-2012)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para o título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social
Linha de Pesquisa: Cultura, Relações Sociais e Gênero.
Orientador: Prof. Dr. Ildenilson Meireles

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES

MONTES CLAROS-MG

Março/2019

AGRADECIMENTOS

Já dizia o poeta: “Conquista é escada não é elevador”. Nesse sentido, é válido lembrar quem me ajudou a subir cada degrau dessa conquista. Queria agradecer aos meus grandes amigos (irmãos) de caminhada da graduação até o Mestrado, Rubens de Brito e Douglas Moreira, que desde o início, em 2012, me ajudaram e incentivaram a participar da vida acadêmica, sem eles nenhuma página desse trabalho poderia ser escrita.

Meus profundos agradecimentos ao meu orientador Ildenilson Meirelles, pela paciência, atenção e coragem que foram necessárias nesses dois anos para a consolidação desse trabalho.

Queria aproveitar o espaço para agradecer minha família, especialmente minhas tias/mães Marinalva (Deda) e Eliane (Dande) que me deram a base e a tranquilidade familiar que me foram úteis para essa jornada.

Não poderia deixar de agradecer aos professores do PPGH, que foram fundamentais nos esclarecimentos, debates e críticas. Além da minha banca de qualificação, na qual participaram os professores Roger Aníbal e Alisson Freitas. Pelas críticas, elogios e sugestões, meus sinceros agradecimentos.

Não obstante, queria agradecer aos colegas que conheci neste percurso, eles me tornaram um profissional melhor, mais crítico e contundente. Agradecimento especial a Rhaenny Maísa, que na reta final desse trabalho fez as devidas correções, que potencializaram e otimizaram essa pesquisa.

Meu agradecimento também é destinado à Capes, que me propiciou apoio financeiro neste último ano, apoio esse que foi fundamental para dar a tranquilidade necessária para a realização da pesquisa.

Enfim, a toda a comunidade do *Rap*, que nestes últimos anos foram, como disse o *Rapper* Renan: “uma chave, um escudo, uma espada /Uma lâmpada, um colete, uma escada/ Uma bússola, um despertador”. O *Rap* me mostrou seu verdadeiro significado: compromisso. O *Rap* me colocou de frente com as questões mais sérias e profundas dessa terra maravilhosa, mas também sangrenta, chamada Brasil.

RESUMO

O Brasil, na primeira década do século XXI, apresentou números exorbitantes sobre homicídios, chegando a ser superiores a países com conflitos bélicos. Não obstante, esses mesmo números não atingem a sociedade homogeneamente, estão voltados a grupos específicos da população brasileira, sendo eles: jovens, negros, pobres e moradores da periferia. Nesse sentido, essa pesquisa teve como objetivo trabalhar a questão da violência urbana na ótica de um favelado, chamado Carlos Eduardo Taddeo e sua tese de uma guerra não declarada. O recorte temporal escolhido para a produção deste trabalho é de 2000 a 2012, tempo este em que se consolida a carreira do *Rapper* e até a publicação do seu livro em 2012, também por ser um período de relativa estabilidade política e econômica, mas mesmo assim com alto grau de homicídios em território brasileiro.

PALAVRAS CHAVE: Eduardo Taddeo. Rap. Segurança pública. Violência.

ABSTRACT

Brazil, in the first decade of the 21st century, presented exorbitant figures on homicides, even being superior to countries with warlike conflicts. Nevertheless, these same numbers do not reach the society homogeneously, they are directed to specific groups of the Brazilian population, being: young, black, poor and inhabitants of the periphery. In this sense, this research had as objective to work the urban violence issue in the perspective of a favelado, called Carlos Eduardo Taddeo and his thesis of an undeclared war. The time cut chosen for the production of this work is from 2000 to 2012, a time in which Rapper's career is consolidated and the publication of his book in 2012, also because it is a period of relative political and economic stability, but even so with high degree of homicide in Brazilian territory.

KEYWORDS: Eduardo Taddeo. Rap. Public Security. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1: Relação de homicídios em São Paulo.....	18
Imagem 1: Capa do livro de Eduardo Taddeo.....	28
Quadro 1: Gerações da Literatura Marginal.....	48
Imagem 2: Mapa das taxas de homicídio por país.....	54
Imagem 3: Porcentagem de homicídios por armas de fogo em sub-regiões.....	55
Tabela 2: Conflitos armados e número de mortos.....	57
Tabela 3: Homicídios entre negros e brancos.....	65
Tabela 4: Evolução dos homicídios.....	65
Imagem 4: Estátua do bandeirante Borba Gato.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	
O CORRESPONDENTE FAVELADO DE UMA GUERRA NÃO DECLARADA.....	14
1.1 – O correspondente.....	14
1.2 – A urbanização brasileira: do litoral aos <i>fronts</i> de madeirite.....	30
1.3 – Das margens sociais para as margens da literatura.....	40
CAPÍTULO II	
A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL SÓ NÃO TEM CERTIFICADO EM CARTÓRIO.....	52
2.1 – Estamos em guerra.....	52
2.2 – O negro e a violência: quem não tem sangue de preto na veia deve ter na mão.....	64
2.3 – A guerra não declarada, uma guerra contra os pobres.....	84
2.4 – Uma guerra contra as drogas, que mata mais que a própria droga.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

*“Poucas palavras, tio, vou ser breve. Se a história é nossa
Deixa que nós ‘escreve’ (escreve, escreve, escreve...)”*

Rennan Inquérito

Dia 30 de junho de 2017, nome: Artur. É encaminhado para o hospital juntamente com a mãe, Claudinéia Alves Melo, vítimas de bala perdida em uma comunidade na baixada fluminense no Rio de Janeiro. Detalhe: Artur nem tinha vindo ao mundo, estava no ventre da mãe quando foi atingido, a bala perfurou o quadril de Claudinéia e atravessou o corpo do bebê na altura dos pulmões. De acordo com versões oficiais, a bala que ocasionou a tragédia veio de um tiroteio entre policiais e traficantes na favela do lixão, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro¹.

Dia 08 de junho de 2016, nome: Ítalo Ferreira de Jesus Cerqueira, dez anos de idade, assassinado por policiais militares após cometer o furto de um carro na Vila Andrada, bairro nobre da Zona Sul da cidade de São Paulo. De acordo com os policiais, eles atiraram após Ítalo e seu comparsa, um garoto de 11 anos, dispararem com uma arma calibre 38 contra a guarnição na perseguição. Entretanto, a perícia confirma que o local do crime foi alterado e na versão dos legistas não há indícios de disparos feitos dentro do veículo que estava a criança, além de o carro estar revirado e o corpo de Ítalo mexido.²

Dia 24 de março de 2017, nessa data, o alvará de liberdade foi expedido para Laércio Araújo da Silva. Estava ele indo embora do presídio de Alcaçuz, norte do país. Tinha sido preso por acusação de tráfico de drogas. Entretanto, após cumprir cinco anos, Laércio era para ter sido solto em fevereiro de 2015, mas estava há dois anos a mais encarcerado. Sem documentos, sem dinheiro e com a roupa do presídio, Laércio iria embora para casa caminhando, com chinelos que nem mesmo eram seus.

¹ Reportagem retirada no dia 27/11/2017 no site: G1.com. Fonte < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/07/bala-perdida-atinge-mulher-gravida-e-o-bebe-dentro-da-barriga-no-tj.html>>.

² Reportagem retirada no dia 27/11/2017 no site www.cartacapital.com.br. Fonte:< <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-se-sabe-sobre-o-caso-do-menino-morto-por-policiais-em-sp>>

A mesma “sorte” não teve Alessandro Nery Praia, solteiro, 30 anos, contemporâneo e colega de presídio de Laércio. Alessandro já teria direito desde 2015 ao regime semiaberto, mas foi um dos primeiros assassinados no conflito entre facções, que resultou em mais de 56 mortos de forma brutal no complexo Anísio Jobim, no setor conhecido como Compaj, em Manaus. De acordo com a reportagem do G1, em parceria com *Defensoria Sem Fronteira*, mais da metade dos presos não tinham nenhuma condenação, eram presos provisórios. Alessandro, por ser filho de policial, já estava marcado para morrer e “graças” à ineficácia da justiça não conseguiu fugir do seu destino³.

Casos e mais casos como esses se multiplicam pelos quatro cantos do Brasil, o grupo de Rap paulistano Racionais Mc’s faz uma interpretação desse cotidiano: “Histórias, registros, Escritos, não é conto Nem fábula, Lenda ou mito”.⁴ Claro, cada um com sua singularidade e particularidade, mas todos eles endossam não apenas lágrimas de familiares que são consumidos pela dor, aflição e desespero, mas também estatísticas de um país que consegue manter uma média de homicídios por ano maior que países com conflitos bélicos⁵. O professor Darcy Ribeiro, ainda nos anos 1990, já debatia sobre a marcha fúnebre⁶ que se prosseguia: “O Brasil sempre foi, ainda é, um moinho de gastar gentes. Construím-nos queimando milhões de índios. Depois, queimamos milhões de negros. Atualmente, estamos queimando, desgastando milhões de mestiços brasileiros” (RIBEIRO, 2010, p. 25).

A violência brasileira é cotidiana. Entretanto, é perceptível nos diversos estudos na qual acessamos durante a realização dessa pesquisa, que ela não atinge de maneira homogênea o território nacional, sendo as periferias e áreas mais pobres os maiores alvos, segundo a Anistia Internacional⁷. Segundo a organização:

As comunidades que vivem em situação de pobreza continuaram a enfrentar uma série de abusos dos seus direitos humanos, como despejos forçados e falta de acesso a serviços básicos. Apesar de algumas cidades registrarem redução na taxa de homicídios, o índice de violência criminal e policial

³ Reportagem retirada no dia 27/11/2017 no site G1.com. fonte < <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/presidios-alvo-de-massacres-tinham-presos-sem-condenacao-e-absolvidos.html> >

⁴ Racionais. Negro Drama. **Nada como um Dia após o Outro Dia**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/>> Acessado em 12 de novembro de 2017.

⁵ De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2016), foram registradas no Brasil mais vítimas de mortes violentas que na Guerra na Síria em cinco anos. Enquanto que a Guerra Civil na Síria houve 256.124 mil mortes entre 2011 a 2015, no mesmo período no Brasil o saldo foi de 279.592 mil mortos.

⁶ Título que leva o nome de um dos CDs do Fação Central, lançado em 2001.

⁷ Anistia Internacional é uma organização não governamental que defende os direitos humanos com mais de sete milhões de membros e apoiadores em todo o mundo.

permaneceu elevado nas favelas, agravando ainda mais a situação de desigualdade (SHETTY, 2011, p. 112).

Se é nas periferias que a violência incide com maior proporcionalidade, e são os favelados quem mais sofrem com ela, nada mais importante que eles falem sua versão da história, que eles digam como se sentem, vivem e tentem explicar porque a violência cai preferencialmente sobre eles, ou, como está dito na epígrafe da introdução: “se a História é nossa deixa que nós escreve”⁸. Nisto se baseia, em linhas gerais, a justificativa da nossa pesquisa, ou seja, esse trabalho propõe outra óptica sobre o problema da violência urbana a partir da visão de um favelado sobre o tema.

A importância dessa guinada na percepção do problema da violência urbana no Brasil é não cair naquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama de “o perigo de uma única história”. Isto é, observar a dinâmica de violência no Brasil apenas pelo lado dos especialistas, que geralmente são pessoas que não vivem ou têm suas histórias de vida nas favelas brasileiras. Não que estes pontos de vista não sejam importantes, mas é necessário ter outro marco, outro diferencial que permita vislumbrar o problema através de sua própria existência e experiência pessoal.

Baseado nessas afirmações e nos vários registros que se tem da violência urbana no cenário das cidades brasileiras, o presente trabalho tem como objeto de análise o livro/manifesto⁹ intitulado: *A guerra não declarada na visão de um favelado* (2012)¹⁰, do ativista, militante, compositor e Rapper, Carlos Eduardo Taddeo. Eduardo, como é conhecido. É um músico, ex-vocalista do grupo de *Rap* denominado Facção Central. Nascido em Glicério e morador do Grajaú, São Paulo, umas das seis mil favelas registradas no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O *Rapper*, que era semiescolarizado¹¹ e de família humilde, conseguiu, através da cultura hip-hop, construir sua visão de mundo e mesmo sem uma educação acadêmica elaborou um pensamento crítico

⁸Trecho da musica do grupo de rap Inquerito. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/inquerito/poucas-palavras.html>>. Acessado em 20/05/2018.

⁹ Livro/manifesto, essa classificação foi adota devido à forma peculiar em que o livro foi produzido. Mesmo tendo o ISBN (registro na Biblioteca nacional), o livro não possui uma rede de revisão e processamento da edição.

¹⁰ Relevante destacar que são dois livros um: *A guerra não declarada na visão de um favelado* - volume I (2012), e o outro, com o mesmo título só que, volume II, publicado em 2016. Para essa pesquisa ficou definido que será trabalhado o volume I, principalmente pelo recorte histórico que se pretende discutir.

¹¹ Importante salientar que atualmente, no ano de 2017, o *Rapper* está cursando Direito. Entretanto, até a data de publicação do livro o autor era semi-escolarizado, como aponta o texto.

sobre a complexidade da violência urbana, tendo como referência os altos índices de homicídios no Brasil. A este respeito, declara Eduardo:

Assevero, sem medo de errar, que hoje sou um autodidata em morticínio. É bem verdade, que do alto da minha 5^o série não concluída do ensino público fundamental, nunca publiquei teses ou dissertações, porém, sou mais capacitado para escrever sobre a atmosfera agonizante abaixo da linha da pobreza [...] Eu não assisti filmes, documentários ou matérias jornalísticas sobre a guerra não declarada no Brasil, eu estou 24 horas diárias dentro de suas trincheiras (TADDEO, 2012, p. 14).

A obra do Rapper possuiu 616 páginas, divididas em 29 capítulos, e nela o autor discute os motivos de o Brasil possuir uma cultura de violência, demonstrada através de uma guerra não declarada enfatizada pelo Rapper, que consiste em um extermínio silencioso, ou silenciado, tendo como alvo, em sua maioria, a periferia, os jovens negros e a classe menos abastada da sociedade.

Ou seja, este trabalho tem como problemática compreender a perspectiva do favelado Eduardo, analisar o problema da violência urbana no Brasil e discutir como o Rapper concebe a ideia de uma guerra não declarada. Considerando a sua tese da violência urbana como de suma importância para o que pretendemos fazer, Carlos Eduardo Taddeo assume, em nossa pesquisa, o papel de um intelectual, um pensador que, por meio da experiência de mais de vinte anos percorrendo as periferias brasileiras fazendo shows, palestras, e agora com outro elemento incorporado à sua cultura, o universo da escrita, é capaz de expressar em sentido sócio-histórico, mas também como forma de resistência, as mazelas de um país que vive à sombra da violência urbana.

Nisto compomos o corpo da dissertação em dois capítulos, da seguinte maneira: no primeiro capítulo propomos um texto explicativo, em que apontamos a trajetória do *Rapper* Carlos Eduardo Taddeo, pontuando sua vida e sua ideologia e principalmente como ela foi formada no bairro pobre em São Paulo. Também optamos em fazer um breve histórico das favelas brasileiras e compreender o processo de exclusão e marginalização, mas ao mesmo tempo como foco de resistências, tendo o *Hip-hop* surgido nesse meio como um movimento de arte engajada, com fins de intervenção na sociedade, e nesses espaços controversos a figura do Rapper Eduardo interrogando essas relações (OLIVEIRA, 2011).

No segundo capítulo problematizamos a tese levantada por Eduardo em sua guerra não declarada. Nele apresentamos os dados sobre a violência homicida no Brasil e

comparamos com outros lugares do mundo, para se ter uma noção da singularidade brasileira, para isso utilizamos os capítulos do livro intitulados: *Estamos em guerra* e *O país pacífico mais violento do mundo*. Também articulamos o pensamento do *Rapper* ao genocídio negro brasileiro, tendo o homem negro mais chance de ser vitimado por essa violência do que qualquer outro grupo étnico no Brasil.

Veremos que Eduardo vai além dessa violência física e vai politizar a questão, propondo uma nova revisão do passado, para que as pessoas que forem ler, principalmente favelados, se apropriem da história e a utilizem como estratégia de luta para reverter os quadros de muita representatividade nos índices de mortes e pouca representatividade nos quadros do macropoder, amplamente discutidos nos capítulos do *Rapper* intitulados: *As raízes de nossas tragédias sociais* e *Raízes de nossa tragédia social. Parte II (A herança)*, para a construção desse capítulo foram utilizados os conceitos de Biopolítica e Racismo de Estado, formulados por Michel Foucault, e Necropoder, pelo camaronês Adiche Mbembé.

Também foi essencial a aproximação do pensamento do intelectual Abadias Nascimento e da autora Ana Luzia Pinheiro Flauzina com o *Rapper* Eduardo, pois vimos pontos de intersecção entre os três que puderam ser explorados no que tange ao problema do racismo brasileiro e sua leitura sobre o passado. Outro tópico analisado foi a criminalização da pobreza, tema esse que é chave para se compreender o pensamento do *Rapper*, e que fica nítido em seu livro com os capítulos chamados: *Sub-patrias, o Marginalização e linchamento físico e moral*, e também *não somos cidadãos de segunda classe, inferiores e descartáveis*.

No último tópico do segundo capítulo, abordaremos a problemática das drogas e do narcotráfico como dois dos motivos principais pelos altos índices de mortalidade no Brasil, tanto pelo confronto de territórios entre os próprios traficantes e rixas entre facções rivais, como pelo confronto com a polícia, ou grupos parapoliciais que fazem o uso da força para conter o avanço do crime organizado, ou para fazer, nesses casos, mais crimes organizados na chamada “guerra às drogas”. Tema amplamente discutido no livro do *Rapper* nos capítulos *Outros Tentáculos do Estado* e *Quero a legalização das drogas e a proibição da ignorância e do walmart da morte*, além de *Amor ao pró\$\$\$\$imo*. Para pensar os problemas das drogas destacamos a figura do delegado e Doutor em Ciência Política Orlando Zaccone, no livro *Indignos de vida, a forma jurídica da política de extermínio de inimigos da cidade do Rio de Janeiro (2015)*, e do juiz e também Doutor em Ciência Política Luís Carlos Valois, no livro *O direito penal das guerras às drogas (2017)*.

Além desses referenciais teóricos que nortearam a pesquisa, este trabalho contou com outras fontes diversas, sendo elas as publicações do Instituto de Pesquisa e Estatísticas Aplicadas (IPEA), tendo como autor chave Daniel Cerqueira, e o livro esclarecedor dos sociólogos Luís Flávio Saporì e Gláucio Ary Dílson Soares, chamado *Porque Cresce a violência no Brasil (2015)*, bem como os mapas de violência publicados e organizados pelo sociólogo argentino Júlio Jacobo Waiselfisz.

É importante salientar que o “livro” feito pelo Rapper Eduardo Taddeo não é uma literatura convencional, com personagens, enredos, clímax e desfecho. Mas sim uma literatura baseada em vivência e em pesquisas feitas a partir da sua experiência como periférico. O livro é fruto de um conjunto de ideias que extrapolavam as músicas que eram confeccionadas para as diversas letras que compunham os CDs feitos aos longos dos anos, o *Rapper* então procurou expandir seu campo de arte engajada e entrar para o mundo das letras. O próprio Eduardo classificou sua obra como “literatura de guerra” e um produto feito de favelado para favelado, literatura que serviria como uma pedagogia política para alertar os periféricos dessa guerra silenciosa que os afeta diariamente. O que de fato Eduardo quer realizar é atingir, por meio de uma comunidade de sentidos, o maior número de pessoas que compartilham da vivência de ser favelado, e que, além de cativar seus pares pelo ativismo exposto nas músicas do *Rap*, agora cativaria pessoas para o mundo da leitura.

É interessante destacar que a tese levantada por Eduardo Taddeo, e que desenvolvemos nessa pesquisa, não é apenas um bem cultural, mas também é um documento histórico¹² elaborado por alguém que testemunhou o passado, um vestígio de um emissor que esteve vinculado diretamente àquela realidade social. Portanto, sua produção tem a ver com seu lugar de origem, com as condições socioeconômicas da periferia brasileira, com as formas de resistência das minorias. É importante salientar também que a obra do *Rapper* está voltada em primeira mão para a população periférica e pobre. Ele próprio, em uma das suas músicas, deixa isso bem claro. Segundo ele, “por isso atuo como um Pirata Somali no Hip hop / Roubo dados sigilosos e injeto nos bairros pobres”.¹³ E para o *Rapper*, o principal objetivo dele é causar inconformismo e revolucionar a visão do favelado sobre si mesmo e as mazelas ao seu redor.

¹² Com base na explanação de Monumento/Documento do historiador Jacques Le Goff.

¹³Música chamada *substância venenosa*. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/carlos-eduardo-taddeo/substancia-venenosa.html>>. Acessado em 20/05/2018.

O recorte histórico para o desenvolvimento deste trabalho se dá entre 2000 e 2012, momento em que há o estabelecimento do termo *Literatura Marginal*¹⁴ e a aproximação que a obra publicada pelo *Rapper* faz. Do mesmo modo, nesse período, a publicação do seu clipe chamado: *Isso aqui é uma guerra*, do CD *versos sangrentos* (1999), proibido pelo Ministério Público. Entretanto, ele consolidou a carreira do *Rapper* no cenário nacional, assim como o lançamento, em 2012, do livro base desse trabalho, *A Guerra não declarada na visão de um favelado*, volume I (2012).

Em suma, esta pesquisa propõe discutir e problematizar o fenômeno da violência urbana no Brasil na primeira década do século XXI, tendo como base o pensamento de um favelado e compreender como ele concebe essa “*Guerra não declarada*”, quem lucra, como se mantêm os mecanismos de morte, qual o papel do Estado “democrático” nesse conflito, qual o papel dos favelados em meio ao extermínio cotidiano e, principalmente, porque essa guerra continua como guerra não declarada. Essas são algumas perguntas que essa pesquisa pretende responder, obviamente não absolutizando as respostas, mas contribuindo para que novas perguntas sejam feitas, para que assim análises mais consistentes sejam alcançadas, novas formas de resistência possam surgir a partir daí e que, acima de tudo, o sangue que escorre nas ruas de nossas cidades – e principalmente nos becos das nossas favelas – seja estancado.

Se o Eduardo afirmou que: “Me convocaram para guerra, agora eu só saio quando ela terminar” (TADDEO, 2016, p. 17), o historiador, consciente do seu papel como agente histórico decisivo na construção de novas possibilidades de luta e resistência, não deve justamente se abster da luta, mas, ao contrário, fazer dela um motivo da sua existência e da sua escrita.

¹⁴ Esta literatura, como destacou Erica Nascimento (2006), se diferenciaria da dita literatura marginal dos anos 1970, feita no período ditatorial brasileiro, onde cidadãos da classe média carioca faziam circular panfletos clandestinamente criticando de forma ácida a forma como eram conduzidos os rumos do país. A literatura dos anos 2000 teria surgido em São Paulo, com o escritor Reginaldo Ferreira da Silva, vulgo Férrez, onde o autor se apropriou do termo marginal para designar que a literatura feita por pessoas ligadas à minorias e causas periféricas seria definida como autores marginais, ou, faziam a literatura marginal.

CAPÍTULO I

O CORRESPONDENTE FAVELADO DE UMA GUERRA NÃO DECLARADA

*Se o moleque me ver cafungando, vai cheirar
Se me ver informado, vai tentar se informar*

Carlos Eduardo Taddeo

1.1 - O correspondente

Para o Dicionário Aurélio, a palavra *correspondente*, ou *corresponder*, significa: “pessoa que corresponde a alguém, estar em correlação” (p. 188). Este é o sentido empregado pelo *Rapper* Carlos Eduardo Taddeo em sua obra: *A guerra não declarada na visão de um Favelado*, volume I (2012). Para o autor, ele é o único correspondente de guerra que está 24 horas dentro da trincheira e que vive diariamente dentro de uma guerra silenciada no território brasileiro. Não obstante, antes de entrarmos na ideia em que o *Rapper* concebe o livro, é necessário ampliar a visão e compreender o sujeito por trás das palavras, contextualizando a sua vida e o seu itinerário de formação.

Eduardo, como é conhecido, é um dos expoentes mais reconhecidos e consagrados do *Rap* Brasileiro. Entretanto, para chegar ao status dos grandes nomes do cenário *hip-hop*, teve sua carreira e vida pessoal marcada por dificuldades. Eduardo nasceu em agosto de 1975, em um período de complicações políticas e econômicas do país, que já vinha em um processo crescente de agravamento dos problemas sociais e urbanos, principalmente das periferias brasileiras. É filho de uma faxineira que teve quatro filhos em dois casamentos, dentre eles um deficiente por nome Silvio Alex Taddeo (FERNANDES, 2007).

O pai de Eduardo era de origem italiana e faleceu quando o filho tinha apenas quatro anos de idade. A mãe do então futuro *Rapper*, aposentada por invalidez e com mal de chagas, se vê numa situação mais dramática para criar os filhos, sendo mãe solteira. Moravam

em cortiços no bairro Glicério¹⁵, na cidade de São Paulo, e que o próprio Eduardo, em entrevista com Férrez, declarou como foi a vida dele naquele ambiente:

- As pessoas chamam de cortiço, mas até então a gente chamava de pensão. Então, me lembro muito, mano, dos incêndios que você descia a milhão, minha mãe carregando as coisas. E aqui é foda, mano eu lembro da minha mãe saindo sem nada pra comer indo pedir e você indo junto e aí você vai vendo como o sistema é implacável, ele te coloca aqui, ele não deixa você tem nem um tipo de reação.
- Você tinha quantos anos?
- Acho uns 10,12 quando eu morava aqui.
- Você e seus irmãos?
- Não, era eu, meu irmão e minhas duas irmãs. E aí meu irmão deficiente.
- E como sua mãe cuidava de vocês?
- Então, é o que eu falo, é uma pequena aposentadoria que vem do meu pai, e pra completar era pedindo, meu pai tinha morrido quando eu tinha uns quatro anos por aí, então para completar não diria nem pra completar a renda, porque de aposentadoria não tinha renda nenhuma praticamente. Então era isso, pedir esmola (PERIFATUBE, 2016).¹⁶

A condição de vida de Carlos Eduardo Taddeo era de completa precariedade, e ainda muito jovem começou a praticar pequenos delitos. O *Rapper*, em outra entrevista em 2007, detalha ainda mais o envolvimento dele no cotidiano em volta do cortiço:

Era tímido e míope, tinha vergonha de usar óculos. Usava tênis velhos e roupas surradas. Em casa, a comida era sempre menos do que ele queria. “As vezes, só tinha arroz e o feijão era aquela água”, lembra. Ajudava a mãe pegando frutas e legumes nos fins de feira. Ganhava um troco tomando conta de carros. Na rua, assistia a cenas do crime: tráfico, furtos, roubos, prisões, violência. “Eu via os caras com tênis novos e queria ser criminoso”, conta. Começou aos 7, furtando um toca-fitas e roubando dólares de um japonês. Uma vez, foi parar na delegacia para averiguação de furto em um supermercado. Saiu sem maiores consequências. Com 9 anos, diz, já “andava com os caras”, levando e trazendo armas. Odiava álcool. Ia de benzina, maconha e cocaína. Experimentou crack. Com 16 anos, fez assaltos à mão armada (CARVALHO *apud* FERNANDES, 2007, p. 125).

Mesmo envolvido em várias situações arriscadas, numa vida privada de bens materiais, com problemas familiares envolvendo a doença paralisante do seu irmão e a doença da mãe, foi no *rap* que Eduardo encontrou um refúgio, como o próprio comenta:

¹⁵ É importante ressaltar que o *Rapper* viveu na região do Glicério até os 18 anos e depois se muda para o Grajaú, outro bairro periférico, onde vive atualmente.

¹⁶ Pontuamos que todos os trechos referentes à entrevistas, retiradas de canais do YouTube, foram transcritos pelo autor.

“Foi um furto do Equipado que me salvou”, lembra Taddeo. Equipado vinha a ser um namorado de sua irmã, um pouco mais velho. Ganhou o apelido porque ia para a escola cheio das tralhas. O furto era um gravador com uma fita k-7 que trazia a música “Corpo Fechado”, dos rappers Thaide e DJ Hum, que Taddeo escutou. “Aquilo me pegou”, ele conta. “Era uma coisa de falar rimando, que eu achei que podia fazer. Escrevi uma letra, mostrei para o Equipado, e ele disse que eu mandava bem. Daí não parei mais.” O primeiro grupo que ele formou, no fim dos anos 1980, chamava-se Esquadrão Menor. Era integrado por moleques de rua. Dum-Dum era um deles. (CARVALHO *apud* FERNANDES, 2007, p. 126).

Mesmo com toda dificuldade, o Rapper enfatiza que foi justamente por ter uma infância carente que se fortaleceu nele a ideologia como militante das classes populares, e o fato de ter uma vivência encarnada na dor desenvolveu nele uma sensibilidade maior para as tramas da vida dos favelados. O Rapper comenta:

Onde eu nasci, vivi a maior parte da minha adolescência, eu posso dizer que o alicerce da minha ideologia, alicerce do meu Rap, ele vem dessas ruas aqui, claras. Quando você mora em cortiço, você tem uma vida meio nômade, então num momento você morava em um cortiço no Glicério, depois era despejado, ia para rua Sinimbu. Iria pra lá iria pra cá. Mais essas aqui é um bairro onde eu passei boa parte da minha vida, e aqui eu vi muita coisa, e aqui fortificou muito aquilo que eu acredito: a minha ideologia, a minha filosofia de vida (...). Mano enterrei minha mãe, minha vó, meu irmão em caixão de papelão doado, então, o Estado não tem dó de você. Eu não tinha dinheiro para pôr flor, entendeu? Então ninguém chorou por eles aquele dia, ninguém se lamentou, o mundo não parou, não teve feriado, então é isso. Mano, essa é minha ideologia e eu vou nela até o final, cada letra eu tô representando aqueles que se foram (PERIFATUBE, 2016).

Eduardo forma um grupo de *Rap* ainda na sua adolescência chamado: Esquadrão Menor. Entretanto, foi no grupo Facção Central, banda criada em 1989, que o *Rapper* ganhou destaque no *rap* nacional e também despontou nacionalmente. Mas é preciso organizar algumas ideias. Em um primeiro momento, entender as condições históricas que envolveram aquelas circunstâncias da criação da banda e o alcance da interpretação que ela fez (muito graças às letras compostas por Eduardo) daquela realidade nos anos 1990, realidade marcada por um sistema neoliberal e por resquícios de uma ditadura militar, demonstrada nos aparatos policiais.

Em um segundo momento, compreender como toda essa trajetória influenciou o *Rapper* até sua caminhada em direção a carreira solo e publicação do seu livro em 2012.

Explorar esses dois aspectos parece-nos importante na medida em que fornece informações fundamentais para compreender o pensamento de Eduardo em relação à sociedade brasileira e a problematização que ele faz sobre a violência urbana. Pois, vai ser exatamente como cantor de *rap* que ele irá conhecer diversos lugares do Brasil, geralmente marginalizados. E de fato, é lá que Eduardo Taddeo formará a visão dele sobre o Brasil, que também irá coincidir com a própria visão da vida de si mesmo e de sua família para sobreviver em meio ao abandono estatal.

Eduardo cresceu em um momento conturbado política e economicamente no Brasil. Crescido em subúrbios, era justamente nessas áreas que o descaso estatal se fazia presente, que os efeitos mais danosos de um país que estava começando a dar seus primeiros passos democráticos, após 1985, se concretizavam. Não obstante, o estado de São Paulo, juntamente com a capital paulista, enfrentava problemas graves envolvendo a violência policial.

A polícia que tinha sido equipada, preparada e militarizada para a caça de opositores da ditadura, agora estava voltada para um novo tipo de “criminoso”. Não seria mais aquele subversivo que tentaria substituir a ordem vigente através de uma revolução, mas sim um novo “inimigo interno” que teria outras características, seria aquele envolvido em furtos, roubos e principalmente aqueles envolvidos em tráficos de entorpecentes¹⁷. A situação era de incertezas e de uma enorme fragilidade política, econômica e social, e ainda contava com alguns resquícios de autoritarismo herdados em mais de 20 anos de ditadura, essa mudança de postura em relação ao tipo de criminoso a ser enfrentado é discutido pelo Jurista Hélio Bicudo, segundo ele:

Nos anos 60 e 70, as novas polícias militares, além de intervirem especificamente na luta armada, continuaram exercendo seu papel de força de contenção das manifestações de descontentamento nas cidades e nos campos. Ou como assinala o sociólogo Paulo Sergio Pinheiro no ensaio “polícia e crise política: o caso das polícias militares”, atuaram nas situações de dissenso civil, enquadrado ou não por organizações políticas, como passeatas, greves, comícios, protestos, ocupações de terra etc. no momento em que se interrompeu a guerrilha, elas passaram ao enfrentamento do crime convencional. Vão desenvolver, então, a sua guerra contra o crime, recorrendo às mesmas praticas e valendo-se da mesma impunidade. Os métodos e os equipamentos adotados nas operações policiais apagaram a linha de separação que havia entre operações militares e operações policiais.

¹⁷Trataremos desse assunto com maior fecundidade no último tópico dessa dissertação, ao falar sobre a problemática das drogas e seu proibicionismo.

Como as políticas públicas não conseguem solucionar o problema da criminalidade, o crime é resolvido mediante a utilização de táticas militares, sob a inteira responsabilidade de o aparelho militar central (BICUDO, 1994, p. 41).

O resultado desse processo pode ser descrito e visto através da tabela que mostra os números de homicídios resultado de intervenções militares no estado de São Paulo, vejamos:

Tabela 1: Relação de homicídios em São Paulo¹⁸

Anos	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<i>Diário</i>	3,2	3,72	1,12	1,12	1,88	0,56	1,11	1,4	1,82	2,71
<i>Anual</i>	1140	1359	409	409	686	183	405	525	664	992

Fonte: adaptada do artigo *As periferias brasileiras como espaços de exceção: um genocídio cotidiano pela violência policial* (2014).

Os números são alarmantes, como podemos observar, de 1991 a 2000 a polícia paulistana matou um homem a cada dia nos seus respectivos anos. É importante salientar que nessa tabela não consta a chacina que houve no complexo Carandiru em 1992, onde 111 detentos foram brutalmente assassinados por policiais militares, após uma rebelião acontecida no presídio. Novamente, Bicudo (1994) ressalta os problemas envolvendo a polícia e o número de homicídios, segundo ele:

Em 1993, a polícia de São Paulo matou um homem a cada 6 horas, um recorde mundial de violência. Em Nova Iorque, cujos níveis de violência são comparáveis aos de São Paulo, em um ano, ou mais precisamente em 1991, foram mortas 28 pessoas em confronto com a polícia. Isso basta para demonstrar que algo está errado (BICUDO, 1994, p. 41).

É válido lembrar que a postura da instituição militar já era colocada em favor de um extermínio, como revela Caco Barcelos (2003), ao analisar a postura de ação da Ronda Ostensiva Tobias Aguiar, a chamada ROTA, que dos anos de 1970 a 1992 já havia matado

¹⁸ É válido lembrar que nesse artigo os autores ressaltam a ideia de que o Brasil possui uma cultura homicida institucionalizada pelo sistema policial e aprovada pela sociedade civil. Os autores lembram as chacinas ocorridas envolvendo membros da segurança pública e pessoas civis, sendo elas: no Carandiru em 1992, Candelária em 1993, Eldorado dos Carajás no Pará 1996 e rebelião do PCC em 2006 com 453 corpos. Os autores ainda enfatizam como do ano de 2003 a 2009 a polícia paulistana matou 3.395 pessoas e a do Rio de Janeiro 7.611.

7.500 pessoas. O saldo, segundo o jornalista, superava os volumes de mortos e feridos de centenas de levantes armados no Brasil, assim como revoluções e guerra históricas. Como, por exemplo, a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (454 mortos); as vítimas da Guerra dos Farrapos (1.200 mortos); a Sabinada e Cabanagem (1.300 mortos), das duas batalhas do Guararapes (900 mortos); os confrontos entre escravos e senhores, inclusive nos quilombos (cerca de 5.000 feridos e 2.000 mortos) (BARCELOS, 2003). O jornalista vai além e identifica o perfil das vítimas que eram mortas pelos policiais da ROTA, demonstrando um aspecto racista e classista nas operações:

Homem jovem, 20 anos. Negro ou pardo. Migrante baiano. Pobre. Trabalhador sem especialização. Renda inferior a 100 dólares mensais. Morador da periferia da cidade. Baixa instrução, primeiro grau incompleto. [...] Os menores também são vítimas preferenciais dos matadores. O número de crianças e adolescentes mortos pela PM tem a dimensão de uma grande tragédia. Identificamos exatamente 680 menores mortos. Número semelhante ao das vítimas de um famoso episódio da revolta federalista, onde setecentos homens foram degolados (BARCELOS, 2003, p. 168-169).

O perfil das vítimas se enquadrava perfeitamente nas características do *Rapper* Eduardo, já que o mesmo era morador de periferia, pobre e semiescolarizado. Entretanto, os problemas não paravam por aí e não eram somente de ordem social. Na passagem dos anos 1980 para os anos 1990, o Brasil foi agravado por uma crise econômica sem precedentes que só iria estabilizar com a criação do Plano Real em 1994. Segundo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015), de 1980 a 1993 o Brasil teve quatro tipos de moeda, cinco congelamentos de preços, nove planos de estabilização econômica e onze índices diferentes para medir a inflação. Ainda para as autoras, somente na região metropolitana de São Paulo o desemprego chegava à casa dos 15%, com uma inflação que se encontrava acima do patamar dos 20%. (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Em 2003, Eduardo canta em uma das suas músicas *intro*¹⁹ sobre o processo de superação dessas adversidades. Segundo o *Rapper*:

Vive muito pra um dia ver a favela vencer. Eu acredito muito
Nisso, pra quem tem fé e persistência tudo é possível.
Aí, tinha dois moleques lá no cortiço do centro, que ninguém
dava uma moeda e mesmo assim eles derrubaram as portas,
sobreviveram ao teste, as coronhadas da policia, fome, e hoje,
acredita se quiser, tão aqui tirando seu sono. Passaram de quinta

¹⁹ *Intro* é um prelúdio do início do CD, seria uma introdução antes das faixas propriamente ditas.

série de escolaridade a PHD em vida, Eduardo e Dum Dum²⁰ doença que contagia as almas sem voz, certificado de atitude concedido pela favela (TADDEO, 2003).

É nesse caos social que surge o grupo Facção Central, fundado em 1989. O fundador do grupo era MC Nego, também conhecido com Mag (2016). Segundo ele²¹, a própria formação do grupo Facção surgiu em um ambiente que tinha rivalidades entre bairros na capital paulista, algo que, para o Rapper, lembrava muito o bairro do Bronx em Nova Iorque. Mag enfatiza que nessa região do Glicério e Sinimbu tinha um DJ chamado Mengele e vivia falando do Eduardo, sobre o talento dele para compor e cantar. Então Mag chamou Eduardo e o Dum Dum para formar a banda chamada de Facção Central. Entretanto, por motivos ideológicos e posturas musicais, a formação não permaneceu por muito tempo. Mag (2016) lembra que a levada do Eduardo já era inovadora para época e que o “moleque era sinistro” e a voz do Dum Dum chamou atenção.

Dum Dum²² (2014) comenta a sua carreira e entrada na banda. Segundo ele, foi influenciado por Racionais MC's em 1988, e já em 1990 ele entra no Facção Central. Em 1992 gravam a primeira coletânea, com Mc Nego, ele, o Eduardo e o DJ Garga que também estava na formação original. Na sequência, o DJ Garga sai e Mc Nego também, e depois entra o DJ Erick 12. Com essa formação, Eduardo, Dum Dum e DJ Erick 12, o Facção Central lançará três álbuns, chamados: *juventude e atitude* (1995), *Estamos de luto* (1998) e *Versos Sangrentos* (1999). Este último disco vai se destacar por ter no encarte uma música que virará clipe, chamada: *Isso aqui é uma guerra*. Essa música traz em seus versos ácidos uma interpretação da vida cotidiana, composta pelo *Rapper* Eduardo, justificando o nome do CD. Nessa música há um trecho que revela com clareza a dimensão do problema que abordamos nesta dissertação:

É uma guerra onde só sobrevive quem atira
Quem enquadra a mansão quem trafica
Infelizmente o livro não resolve
O Brasil só me respeita com um revólver, aí
O juiz ajoelha, o executivo chora

²⁰ Washington Roberto Santana, conhecido pelo apelido Dum Dum, foi parceiro de Eduardo na época que formavam os grupos Esquadrão Menor e Facção Central.

²¹ Entrevista concedida e publicada no canal do Youtube: [Vídeos Raros Do Rap Nacional](https://www.youtube.com/watch?v=WJes5RA-hvY). Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=WJes5RA-hvY>>. Acessado em 02 de janeiro de 2018.

²² Entrevista concedida ao canal I NIKOHD em 2014, a banda Facção Central, já sem Eduardo, comenta sua história. Fonte:< <https://www.youtube.com/watch?v=7pm2GFBvJMU>>. Acessado em 03 de janeiro de 2018.

Pra não sentir o calibre da pistola
 [...]Não chora, vadia, que eu não tenho dó
 Dá bolsa na moral não resiste o b.o.
 Aqui é outro brasileiro transformado em monstro
 Semi-analfabeto, armado e perigoso
 Querendo sua corrente de ouro
 Atacando seu pulso, atacando seu bolso (TADDEO, 1999).

Mas será o clipe divulgado na MTV que ganhará proporções nacionais e chamará atenção da justiça, que proibirá a veiculação e circulação tanto do vídeo clipe, como do CD *Versos Sangrentos*. Em um debate realizado no programa *A Tarde é Sua*, da Rede TV de televisão, o grupo ficou frente a frente com o promotor de justiça e assessor da Procuradoria Geral da Justiça, Carlos Cardozo. Para o promotor, o clipe seria uma apologia ao crime, já que nas cenas associados à letra havia sequestro, latrocínio e assalto, além de um teor de preconceito, reforçando e estigmatizando o jovem negro e periférico, de acordo com o promotor:

Em uma primeira abordagem, existem três cenas básicas: uma em que alguns assaltantes armados abordam uma dona de casa que está chegando ou saindo da sua residência com seu veículo. Conduzem essa senhora sobre a mira de um revólver até o interior da sua residência, onde estão o seu esposo com sua filha e seus filhos, esses assaltantes amordaçam essa família, atam a mão de toda essa família, agredem os integrantes dessa família e executam essa dona de casa, essa mãe, na presença da sua família, com um tiro na cabeça. Uma outra cena eles abordam o dono de um carro importado, estacionam o carro em frente ao posto 24 horas pra sacar dinheiro e fazem um sequestro relâmpago. Outra cena eles invadem uma agência bancária, rendem os funcionários e executam com vários tiros na presença de todos esses funcionários e um dos vigilantes. E ao final do vídeo, e louvando todas essas iniciativas, eles invadem uma delegacia de polícia e resgatam dezenas de presos que estão e dizendo: tem que resgatar preso e coisa do gênero[...] A impressão que se tem é que aquilo está sendo vendido como uma alternativa para o jovem de periferia (DIALÉTICO ARCANJO LIMA, 2013).

O *Rapper* Eduardo vai se contrapor à ideia do promotor, dizendo que em nenhum momento o clipe tentou ou teve a intencionalidade de ser preconceituoso ou fazer qualquer tipo de alegação ou apologia ao crime. Para Eduardo, a música, junto com o CD, já tinham circulado sete meses nas periferias, além de vender mais de 12 mil peças até então, que o *Rapper* enfatiza serem 12 mil opiniões contra uma, essa sendo a do promotor. O *Rapper* ainda se defende da acusação de apologia, contrapondo que:

É forte, outro dia eu tava assistindo um programa da Globo, o cara toma um tiro fictício e o sangue espirra na câmera, e não é considerado forte. Aconteceu problema do Rio, do refém e tal, ninguém tinha observado que voava sangue entre as pernas do refém, e o jornalista: “oh sangue voando aqui, ta vendo? Olha o sangue, presta atenção”. A gente não faz isso. A gente colocou no clipe, o que a gente vê no jornal. Então, se nosso clipe é apologia, o jornal também é... a televisão inteira, o jornal escrito, porque a gente vê lá, a gente vê na periferia, vê no jornal, complicado (DIALÉTICO ARCANJO LIMA, 2013).

Após toda a polêmica envolvendo as imagens e a música, o videoclipe²³ é liberado, assim como os CDs da banda. Toda essa repercussão vai dar um salto para o grupo e vai impulsionar o nome da Facção Central para o cenário nacional. Não obstante, eles vão se envolver em outra polêmica. A banda irá gravar parte de uma música para ser lançada com outros artistas, nela a Facção Central se propõe a falar em um mundo melhor, bem diferente dos versos agressivos que constavam na música que foi censurada. Entretanto, após gravarem sua parte e assinado um termo com a gravadora, o grupo é enganado e quem grava a música com o nome da banda é o apresentador Gilberto Barros. Eduardo explica essa situação assim:

Então, essa música, na verdade, ia ser uma campanha. Porque isso aí data da época em que a gente tinha sido censurado, quando a gente foi censurado a maioria dos rappers do rap nacional em geral acabaram que viraram a costa para nós, entendeu? Então, na época a gente era de uma gravadora onde o empresário falou: - Oh! Fala, tem o pessoal do samba que gosta de vocês, tem outros estilos musicais, que achariam da hora fazendo... tá junto fazendo a música. Nós fomos e fazemos o quê? Fizemos a nossa parte, entendeu? Deixamos a nossa parte pronta, para que ela fosse usada nessa espécie de campanha e tal. A música, em geral, mostrando que a música do Facção Central não fazia apologia ao crime. E aí aconteceu que o empresário, de má fé, levou nossa parte, eu não sei porquê, levou para esse cidadão aí e acabou nessa aberração que foi gravada. Inclusive isso acarretou a nossa saída da gravadora. O problema é como a gente tinha assinado um termo de liberação da letra então ele acabou fazendo isso de má fé e acabou gerando isso que todo mundo conhece aí (RAPGYN GOIAS, 2011).

O grupo não se cansará e ainda responderá ao promotor no próximo trabalho, no álbum: *A Marcha Fúnebre Prossegue* (2001), com a música: *A guerra não vai acabar*. Que trazia versos como:

²³ Até a confecção deste trabalho, no ano de 2018, o vídeo contava com mais de 1.880.257 visualizações e 1.353 comentários no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dXbpOiEHQhA>>.

Aí promotor, o pesadelo voltou
 Censurou o clipe, mas a guerra não acabou
 Ainda tem defunto a cada 13 minutos
 Da cidade entre as 15 mais violentas do mundo
 [...] Pode censurar, me prender, me matar
 Não é assim, promotor, que a guerra vai acabar
 Pode censurar, me prender, me matar
 Não é assim, promotor, que a guerra vai acabar
 Pode censurar, me prender, me matar
 Não é assim, promotor, que a guerra vai acabar
 Pode censurar, me prender, me matar
 Não é assim, promotor, que a guerra vai acabar (FACÇÃO CENTRAL,
 2001).

Neste CD várias canções ganharam destaque, como *Desculpa mãe, A marcha fúnebre prossegue*, além da música: *Apologia ao crime*, que seria uma resposta à acusação que o grupo sofreu de apologia ao crime. Nela contém um verso que diz:

Não caia na armadilha siga a minha apologia
 mesmo de barriga vazia esqueça a jóia da rica,
 não caia na armadilha siga a minha apologia
 sua missa de 7º dia é terno importado na avenida (FACÇÃO CENTRAL,
 2001).

No ano de 2003, Facção Central lança seu novo álbum, desta vez duplo, chamado: *Direto do Campo de Extermínio*. Nele várias músicas ganharam destaque, como: *hoje Deus anda de blindado, Eu não pedi para nascer, São Paulo - Aushwitz versão brasileira*, além de ganhar dois prêmios promovidos pelo Hutúz,²⁴ um de melhor álbum do ano e outro de música do ano, chamada: *Menino do morro*. Ainda conta com uma introdução, a música chamada *Chico Xavier do Gueto*, que além de uma referência ao líder espiritual que falecera em 2002, tinha versos que diziam assim:

Prepare as algemas, forme o inquérito, abra o processo que eles
 Estão de volta sem freio na língua, sem meia verdade, história
 Engraçada ou frase bonita.
 Facção Central, Chico Xavier do Gueto, pondo no papel o que Deus
 Manda, no palco da noite é a munição traçante.
 [...] Vitória não é carro, dinheiro e vagabunda. Injetar ódio no
 Cérebro do conformado, informação no desinformado e autoestima
 No derrotado [...] (FACÇÃO CENTRAL, 2003).

24 Prêmio Hutúz foi a principal premiação do hip hop brasileiro. Fez parte do Festival Hutúz, criado pela Central Única das Favelas(CUFA), organização que surgiu através de reuniões de jovens de várias comunidades do Rio de Janeiro. Foi idealizado pelo produtor Celso Athayde.

No ano de 2005 o grupo lança um CD ao vivo, mas é em 2006 que eles lançam seu último álbum, com todos os integrantes juntos, chamado: *O Espetáculo do Circo dos Horrores*, CD duplo, que novamente terá premiações no prêmio Hutúz, ganhará como melhor álbum e melhor grupo do ano. Nesse CD, várias músicas terão destaque, como: *O Espetáculo do Circo dos Horrores*, *A Bactéria FC* e *Castelo Triste*.

Além do CD, fatos marcaram a caminhada do Rapper Eduardo. Em 2006 houve um confronto entre policiais e o grupo criminoso Primeiro Comando da Capital (PCC), que teve como resultado 49 militares mortos e um saldo de mais de 450 pessoas mortas por retaliação da polícia. Entretanto, a mídia teve um papel bastante condolente com as mortes dos jovens suspeitos e altamente criminalizador por atos cometidos por integrantes da facção organizada, enfatizando as cenas de incêndios a ônibus. Não obstante, esse caso logo será esquecido, muito devido à Copa do Mundo que foi disputada no mesmo ano na Alemanha. Esse descaso resultará na criação do Movimento Mães de Maio²⁵, fato esse que logo mais influenciaria um dos temas da carreira solo do *Rapper*.

Eduardo²⁶, graças a um conselho dado pelo seu *backing vocal* chamado Smith, começa a escrever o livro. Para o *Rapper*, a confecção do livro seria uma forma de complementar aquilo que já estava em suas composições musicais, o que aconteceu com o lançamento do primeiro volume do livro em 2012 e o segundo volume em 2016.

Em 2007 os fãs descobrem que a relação entre Dum Dum e o Eduardo, os dois líderes da banda Facção Central, é fria e somente profissional, mesmo Dum Dum, na época sendo cunhado do Eduardo. Graças à publicação de uma reportagem feita pelo repórter Luiz Makloun Carvalho e disponibilizada na internet, na Revista Piauí, com a matéria intitulada: *O bagulho é doido tá ligado?* Nela o repórter acompanha o grupo em show, desde a casa do Eduardo, no bairro Grajaú, até o show em Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul. Fica nítida a animosidade entre os dois, como o repórter demonstrou: “Faz duas horas que Taddeo e Dum-Dum se encontraram e estão próximos. Mas não trocaram frases nem olhares” (CARVALHO *apud* FERNANDES, 2007, p. 127).

²⁵ Movimento Mães de Maio reúne mulheres que perderam seus filhos de forma bárbara pelas chacinas ocorridas em maio de 2006, na onda de terror que varreu São Paulo.

²⁶ Em entrevista ao *Rapnews*, publicado pelo canal do Marcus Bone, o *Rapper* explica a ideia da confecção do livro. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_mrpHVrNYAE>. Acessado em 12 de janeiro de 2018.

Ainda depois do show, os dois não trocam palavras, demonstrando a frieza que tinha se estabelecido entre os dois, como o repórter repara: “Dum-Dum e Taddeo continuam distantes entre si, e não trocam uma única palavra mesmo diante dos fãs, a quem recebem, sem nenhuma pressa, nos finais dos shows” (CARVALHO *apud* FERNANDES, 2007, p. 128). O repórter explica claramente os motivos pelos quais a dupla se mantinha afastada:

São quase duas horas da madrugada de domingo. Está mais do que claro que Taddeo e Dum-Dum, a dupla que dá forma ao Facção Central, têm uma relação pessoal de aversão controlada. Eles nem sequer se aproximam [...] A hostilidade envolve questões familiares, contrariedades de Taddeo e Fátima (que não usam drogas nem bebem álcool) com a turma da maconha, e divergências sobre a partilha do dinheiro. Grosso modo, de 5 000 reais que entram, limpos, por show, 1 500 reais são divididos entre os seis auxiliares. A parte do leão é repartida ao meio entre Taddeo e Dum-Dum. Mas o primeiro acaba ganhando mais, pelos direitos autorais sobre as canções que escreve. Se Dum-Dum reclama disso, o cunhado reclama que sola mais músicas durante os shows, e que, por isso, deveria levar mais algum. A tensão envolve as famílias de ambos. As mulheres de um e outro também não se falam. Dum-Dum não comenta o assunto. Taddeo limita-se a dizer que “o que importa é a convivência profissional, e essa nós levamos a sério” (CARVALHO, 2007, s/p).

Eduardo explica essa animosidade em um vídeo publicado pelo *rapnacional.com*, em junho de 2011. Nele o Rapper aparece junto com Férrez e com Maurício DTS. Questionado sobre sua relação com o parceiro de banda, ele esclarece:

“O que mudou”? É que os caras plantam uns boatos, você e o Dum Dum têm treta, o facção tá pra acabar. Todo grupo é uma convivência de vários anos, tem desentendimento igual em qualquer setor, em qualquer família, entendeu? Os caras transformam tempestade em coisas mínimas (RAPNACIONAL, 2011).

No mesmo ano de publicação da matéria sobre a relação interna na banda Facção Central outro fato marcará o olhar do *Rapper* Eduardo. Em 2007 o Brasil fora escolhido para sediar a copa de 2014²⁷. Isto afetará fortemente a postura do Rapper e será alvo de críticas sobre a estrutura desse evento mundial que aconteceria no país. Sobre isso o Rapper diz em uma entrevista publicada em 2013:

²⁷ 29 de outubro de 2007 o Brasil é escolhido para sediar a Copa de 2014, após 64 anos da última copa disputada no país. Fonte:< <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,brasil-e-confirmado-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014,72847>>. Acessado em 01 de janeiro de 2018.

Você tem a copa do mundo, então você precisa fazer essa limpeza social, essa higienização justamente para que o turista se sinta em casa. Tem que matar 50 mil? 30 mil? 40mil? Não importa. Vai fazer a copa do mundo e nesse circuito vai existir uma pacificação fictícia, onde se mata 500 mil pessoas pra ter a pacificação, porque eu não entendo que tipo de pacificação é essa que se monta rabeção. Entendeu? Então é mais ou menos isso, você vai precisar que aquele circuito seja um circuito feliz, colorido, que venda uma imagem falsa do país do carnaval (CANAL JORGE MARAVILHA, 2013).

Em outra entrevista publicada em 2014, o *Rapper* articula seu pensamento sobre a Copa do Mundo e também as Olimpíadas, que serão feitas no Estado do Rio de Janeiro:

Ah! Mas você tá num país que vai ter Olimpíadas, Copa do Mundo, tem sol tem carnaval. Até então vai ter uma inversão de valores. O cara que critica o cara que bate no sistema é visto como um louco, entendeu? O agressor é visto como vítima, entendeu? Então é isso, na verdade houve não uma domesticação, mas um amansamento cultural (CANAL WAGNER ÁVILA, 2014).

Em suma, esses dois eventos de caráter mundial que seriam sediados no Brasil, irão marcar a postura do *Rapper* como militante e crítico, percebe-se a animosidade que Eduardo tem sobre os acontecimentos, para ele fica nítido que os investimentos necessários para sediar esses dois mega eventos seriam muito melhor investidos em políticas públicas. Justamente por terem um caráter de apresentação do Brasil, ressaltando suas “qualidades” mundo a fora, esse tipo de propaganda terá uma forte crítica no livro do *Rapper* publicado em 2012. Para Eduardo, esse país “maravilhoso” “abençoado por Deus” “terra do samba e do carnaval” era um país fictício, artificial, essas críticas que marcaram o primeiro volume do livro publicado pelo *Rapper*, na qual dedicaremos os próximos tópicos a vislumbrá-las.

Entre 2006 e 2015 haverá um hiato enorme entre o próximo disco gravado pela banda Fação Central, já sem a presença do *Rapper* Eduardo. Isso se explica por dois motivos: primeiro por um problemas nas cordas vocais, e segundo, pela confecção do livro, ao invés de compor, o *Rapper* se dedica agora à outra forma de composição: a escrita, influência do companheiro de banda, seu *backing vocal* Smith. De acordo com o *Rapper* Eduardo, muito material sobrava após as composições e nisto foi acumulando temas, assuntos e problematizações que não cabiam na hora de confeccionar o CD e selecionar as músicas que deveriam ser gravadas. Então Eduardo concordou em fazer o livro, ele ainda afirma que o

material foi tanto que teve que realizar em dois volumes. Em uma entrevista publicada, ele discute o porquê do livro e explica sobre o teor do mesmo:

Em resumo, o livro fala sobre a guerra que está aqui constante, atuante o tempo todo, só que para muitos ela não existe, entendeu? É a guerra não declarada para muitos. Quando você fala em guerra no Brasil, você tá sendo sensacionalista, você tá querendo falar sobre o horror pra vender CD, pra vender livro. Então, na verdade, algo que para muitos é impalpável, mas é aquilo que eu vejo todo dia. Eu vejo acontecendo em São Paulo, em Goiânia no Distrito Federal e no Nordeste e é assim, eu tentei colocar tudo que eu via sobre essa guerra no livro, fazer um resumo, pode ver que deu dois livros no final. Me estendi bastante porque o assunto é polêmico e é bem gigante, então em resumo o livro é isso (CANAL WAGNER ÁVILA, 2014).

Essa fala do *Rapper* é importante porque nos ajuda a compreender que a problemática da violência urbana não é unívoca na comunidade *Hip Hop*, e alguns membros que se identificam com o estilo artístico, principalmente o *Rap*, dizem que na verdade estaria ali em alguns grupos e canções um excesso de realismo nas letras. Exemplo dessa opinião é o DJ Marcelinho, que acredita que virou negócio expor a periferia como um lugar sangrento. Segundo ele, os *Rappers* que expõem essa “realidade” estão generalizando, não é porque se mora na periferia que se vê um cadáver todo dia, existem focos de violência mas não se deve vulgarizar essa questão (LEAL, 2007). Em uma entrevista concedida ao canal *Suburbano Convicto*²⁸ feita pelo escritor Alexandre Buzo, Eduardo Taddeo é questionado sobre isso, especialmente sobre a capa de seu livro que contém ele segurando uma criança ensanguentada, como demonstrada aqui:

²⁸ Disponível em :<<https://www.youtube.com/watch?v=zgXdlPsqeT4>>. Acessado em 14/01/2019.



Imagem 1: Capa do livro de Eduardo Taddeo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Guerra_n%C3%A3o_Declarada_na_Vis%C3%A3o_de_um_Favelado>. Acessado em 14/01/2018.

Alexandre Buzo questiona o *Rapper* se uma capa chamativa como essa não poderia ser “pesada demais” na opinião do público. Eduardo comenta que a intenção é justamente acordar o público para uma realidade que é vista, mas pouco debatida: a capa do livro, que seria exagero para alguns, se embasa em dados da UNICEF, que indicam que morrem 28 crianças por dia, ou seja, estariam faltando 27 na capa. Em suma, não é excesso de realidade, é a própria realidade.

Outro ponto importante a destacar, é que durante o processo de confecção do livro, o *Rapper* tem um problema vocal que o afasta dos palcos, além de uma depressão que atrasará os prazos do cantor para a publicação do livro²⁹. Eduardo, após o lançamento do livro, explica os motivos que o levaram a escrever e em que o livro se baseia, destacando como a leitura teve papel fundamental na formação dele como pessoa e como artista, além de formar uma grande influência não só para ele, mas para com todo o cenário musical do *rap*. Eduardo diz:

A importância da leitura. Vou tentar resumir como uma experiência própria, eu mudei radicalmente até a maneira de pensar, a maneira de compor, a

²⁹ Em entrevista à *Tv Rap Nacional*, em 2011, o *Rapper* explica essa situação detalhadamente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bXSnZuBxRz8>>. Acessado em 27 de março de 2018.

maneira de agir a partir do momento que eu tive contato com a literatura, e dentro desse acesso a literatura por surpresa eu li a autobiografia do Malcolm X que também tem uma transformação radical, de um cara que era do crime e tal, até que um dia ele vai para prisão e na prisão ele começa a ler, e através da leitura, tem toda aquela transformação. Então a leitura transforma um cara que tinha tudo para morrer no crime num dos maiores revolucionários que o mundo já teve. Então essa é a importância da literatura (CANAL WAGNER ÁVILA, 2014).

Em março de 2013 Eduardo comunica aos fãs e a todos do cenário *hip-hop* que não fará mais parte do grupo Facção Central³⁰. O Rapper enfatiza que a saída dele do grupo se dá por uma insatisfação de ambas as partes, e vai além ao dizer que a revolução está apenas começando. Em 2014 Eduardo lança seu cd duplo solo, intitulado: *A Fantástica Fábrica de Cadáver*.³¹ Em sua capa está a foto de dezenas de caixões, simbolizando a luta enfrentada pelas Mães de Maio desde 2006. Neste CD contará com a participação de sua filha Gabriela. Eduardo é casado com Maria de Fátima e tem duas filhas, Gabriela e Maria Eduarda, a qual o Rapper chama carinhosamente de Duda.

Em suma, a perspectiva desse tópico foi compreender a vida do “correspondente” e como ele traduziu toda a realidade que o marcava cotidianamente em suas composições. É importante entender que eventos, como o cenário dos anos 1990, assim como a censura sofrida nos anos de 1999, os massacres sofridos em meados de 2006 e a recepção pelo Brasil da Copa do Mundo de 2014, afetaram profundamente a visão do Rapper e sua postura nas composições. Além de influenciar a confecção do livro e sua publicação em 2012, sendo que o manifesto continha críticas fortíssimas a esses eventos, mesmo que de forma indireta.

É nítida também a insatisfação do Rapper com a postura que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) governou o país, tanto em suas falas divulgadas na web, quanto no volume I do livro *A guerra não declarada na visão de um favelado*. Enfim, a trajetória de vida do *Rapper* se mescla com acontecimentos históricos que marcaram o Brasil, tendo ele não apenas como um intérprete da sociedade, mas no papel de criticá-la em favor de uma transformação radical.

Se por um lado essa guerra é silenciada, invisível e sutil, por outro, Eduardo, desde os anos 1990, age na militância de retirar esse véu que cobre e encortina as relações entre Estado e sociedade, com seus versos ásperos e indigestos. Agora, em outra frente de luta, os dois

³⁰ Em comunicado publicado no YouTube, em 2013 Eduardo explica os motivos pelo qual sai da banda Facção Central. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oFr0LjR3ydY> >. Acessado em 27 de março de 2018.

³¹ Disponível em: <www.Eduadooficial.com.br>

volumes de seu livro contagiavam milhares de admiradores e de pessoas que compartilham com ele da mesma ideia, revelando e descarnando uma realidade pouco enfocada por outros meios. Eduardo fez do Rap sua resistência, mas, ao mesmo tempo, existência. Atualmente, o Rapper faz palestras e visitas frequentes em unidades da Fundação Casa, além de compor, preparando para o lançamento de um novo CD, demonstrando que suas músicas, suas palavras e seu livro andam em compasso com seus passos.

1.2 - A urbanização brasileira: do litoral aos *fronts* de madeirite

*Tira os pobres do centro, faz um cartão postal
É o governo trampando, Photoshop social.*

Rennan Inquérito

Em 2009, uma polêmica envolvia a cidade do Rio de Janeiro. Era a decisão do governo estadual de construir muros em 13 favelas da cidade. Para os legisladores e executivos do governo carioca, a medida se daria para limitar a expansão das favelas impedindo que elas crescessem desordenadamente na cidade, como também, para proteger as florestas e matas virgens. A iniciativa gerou polêmicas e acusações de que o governo carioca estaria querendo promover uma espécie de *apartheid* na cidade maravilhosa³². A medida de se construir um muro, além das polêmicas, revela um ato simbólico e histórico: o fato de tentar controlar um tipo de população específica: os favelados. Assim como demonstra a incapacidade de se resolver por meio de políticas públicas os temas referentes à urbanização e favelização.

A contenção, a vigilância sobre a população a ponto de se levantar um muro, não são dados novos, se o muro que se tentou construir no século XXI era físico, o muro construído ao longo da história foi simbólico, por muito tempo invisibilizado, mas que tinha um propósito bem claro, separar, estigmatizar e impedir que uma classe estropiada alcançasse os plenos direitos. Para compreender esse processo é necessário lançar luzes sobre o passado e

³² Reportagem retirada no dia 12 de janeiro de 2018, no site: *brasil.estadao.com.br*. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,favelas-vaio-a-justica-contra-muros,357279>>.

ver como se deu a formação do Brasil urbano e a criação das favelas. Conseqüentemente, qual a relação desses dois processos para a dinâmica da violência urbana brasileira.

Para a autora Ermínia Maricato (2003) o processo de urbanização brasileira se efetuiu no século XX, isto porque até o final do século XIX a população residia no campo. Entretanto, a consolidação do espaço urbano brasileiro não se deu de forma moderna, democrática e livre. O interior desse país, agora urbano, carregava consigo marcas do passado colonial e imperial, marcados por concentração de terra, de poder e por exclusão social³³ (MARICATO, 2003, p. 151).

Entretanto, será na passagem do século XIX para XX que terá um momento particular na sociedade brasileira, momento que marcará a história e dará novos contornos para as cidades brasileiras: que será a formação das favelas, tendo destaque a cidade do Rio Janeiro. É importante compreender como eram os olhares dos parlamentares para as pessoas que viviam primeiramente nos cortiços e logo em seguida nas favelas, como essas pessoas foram encaradas já com olhares esquadrinhadores e como isto de fato trouxe conseqüências para o século XXI.

Com o advento da primeira República, projetos passaram a entrar em voga para a modernização das cidades e conseqüentemente do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro ganhará destaque pelo seu projeto de “modernização”. Um evento marcante será a derrubada do cortiço Cabeça de Porco em 1893. Chalhoub (1996) analisa esse evento como algo que envolveu várias questões que se cruzavam, sendo elas, por exemplo, a noção de “classes perigosas” ou “classes pobres”. Para os parlamentares da época, o trabalho era visto como uma virtude, logo ele poderia desenvolver o potencial do cidadão transformando a sua situação econômica e social.

Dessa forma, o indivíduo que não conseguisse a ascensão econômica e social se tornaria um suspeito por não ser um trabalhador exemplar, de modo que, os pobres estariam naquela situação justamente por não serem bons trabalhadores. Ou seja, os pobres são pobres porque trabalham mal, ou têm preguiça de trabalhar, necessariamente a classe pobre possuía o

³³ A autora enfatiza que mesmo o Brasil sendo um país agrário até o século XIX, isso não significa que as metrópoles não tinham o prestígio, muito pelo contrário, tinham sua importância como o centro econômico de troca de bens de mercadoria e por ser um elo entre o Brasil e a Europa. O antropólogo Darcy Ribeiro contextualiza e enumera as cidades brasileiras que tiveram centros urbanos destacados e articulados. A primeira expressão se tem na Bahia, com destaque para a cidade de Salvador. Logo no primeiro século também surgem Rio de Janeiro e João Pessoa; no segundo século surgem novas cidades, como São Luís, Cabo Frio, Belém e Olinda; no terceiro século, muito em decorrência da descoberta do ouro, se interioriza a vida no Brasil tendo algumas cidades papéis pioneiros: São Paulo, Mariana, em Minas Gerais, e Oeiras, no Piauí.

vício da ociosidade e da vadiagem, tão criticada pelos parlamentares da época. O historiador ainda faz uma ligação entre como os detentores da lei interpretavam pessoas pobres como potencial classe perigosa, segundo ele:

Os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos. Por conseguinte, conclui decididamente a comissão (“as classes pobres [...] são [as] que se designam mais propriamente sob o título de classes perigosas”). [...] na verdade, o contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de “classes perigosas” no Brasil fez com que, desde o início, os negros se tornassem os suspeitos preferenciais. Na discussão sobre a repressão a ociosidade em 1888, a principal dificuldade dos deputados era imaginar como seria possível garantir a organização do mundo do trabalho sem o recurso das políticas de domínio do cativo (CHALHOUB, 1996, p. 22-23).

Isso explica a atitude de vigilância que se imporá às classes mais pobres e as medidas autoritárias que iriam perpetuar muito além do século XIX. Chalhoub exporá a lógica desse tipo de ideologia:

Assim é que a noção de que a pobreza de um indivíduo era fato suficiente para torná-lo um malfeitor em potencial teve enormes consequências para a história subsequentes de nosso país. Este é, por exemplo, um dos fundamentos teóricos da estratégia de atuação da polícia nas grandes cidades brasileiras desde pelo menos as primeiras décadas do século XX. A polícia age a partir do pressuposto da suspeição generalizada, da premissa de que todo cidadão é suspeito de alguma coisa até prova em contrário e, é lógico, alguns cidadãos mais suspeitos que os outros (CHALHOUB, 1996, p. 23).

Ainda em relação à capital da primeira República, Chalhoub relata como a destruição dos cortiços do centro envolvia algo além da modernização e criminalização da pobreza. Para o historiador, a demolição apagava toda uma memória de luta dos negros contra a estrutura escravocrata, já que eram nos cortiços que os cativos, quando tinham permissão dos seus senhores, iriam viver. Além do caráter policialesco, os parlamentares da época, juntamente com intelectuais, decidiram que a solução para uma cidadania no Brasil e um desenvolvimento das forças produtivas que levariam o país ao progresso passariam pelas mãos de imigrantes³⁴. A vinda de imigrantes para o Brasil teve proporções enormes, inchando

³⁴Boris Fausto afirma que entre 1887 e 1930, cerca de 3,8 milhões de estrangeiros entraram no Brasil (FAUSTO, 2009). Ainda de acordo com o livro *Brasil: uma biografia* (2015), as autoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling

a vida nas cidades como também desenvolvendo um polo industrial principalmente no sudeste, tendo São Paulo o papel de aglutinar as diferentes etnias europeias e nacionais.

Ou seja, além da destruição dos cortiços que já carregava todos os estereótipos e os avanços de medidas autoritárias como forma de modernização, percebemos que a política da época tinha uma preocupação com os pobres e principalmente com negros pobres³⁵. Ou seja, o problema dos cortiços envolvia não apenas a classificação de classes perigosas, mas também estava no bojo político da época um medo que vinha se alimentando desde o começo do século XIX, de uma insurreição negra que pudesse ameaçar a estrutura e a hegemonia política branca, assim como aconteceu no Haiti. De fato, como bem assinalou Chalhoub, nessa época a era do fim dos cortiços levaria a uma situação nas questões urbanas, pois estava iniciada a era das favelas no Brasil.³⁶

Alfredo Pereira de Queiroz Filho (2011) discute como o termo favela foi criado e o que contribuiu para sua solidificação no cenário nacional. Para o autor, alguns fatores foram fundamentais, entre eles, o fim da guerra do Paraguai. Esse fenômeno elevou o número de pessoas e ex-combatentes em destino à cidade do Rio de Janeiro; a abolição da escravatura em 1888, tendo em vista a quantidade de escravos que procurou fazer vida naquela cidade; além do fator preponderante e de maior significância: o fim da Guerra de Canudos (1896-1897).³⁷

Com o fim da expedição para combater Antônio Conselheiro e seus asseclas, os combatentes se abrigaram no Morro da Providência, que posteriormente foi batizado de Morro da Favela. Para Queiroz Filho (2011), o nome favela foi dado pelos próprios moradores que vieram da expedição de Canudos, isso por vários motivos. Primeiro, pela

afirmam que entre 1877 e 1903, entraram 71 mil imigrantes por ano no Brasil, sendo que entre 1904 e 1930 o número chegou a 79 mil por ano.

³⁵ É importante salientar que o século XIX era considerado o século da liberdade, muito influenciado pela Independência dos Estados Unidos (1777) e principalmente pela Revolução Francesa (1789). Entretanto, enquanto as liberdades eram vistas como bens inalienáveis, principalmente para o homem branco e europeu, para a autora Ana Luiza Pinheiro Flauzina (2006) esse liberalismo no Brasil para as pessoas negras assumiria um caráter policial, tendo o controle e a vigilância como marcas registradas desse processo. Esse aspecto policial sobre a população de negros escravizados e libertos se dará porque nas Américas explodirão os números de populações cativas vindas do continente africano, no caso brasileiro principalmente para trabalhar nas lavouras de café que moverão a economia do país no século XIX.

³⁶ Importante frisar que segundo o autor, a destruição do cortiço Cabeça de Porco foi algo totalmente louvado pela imprensa da época. Os cortiços eram vistos como refúgio de escravos, corja de malfeitores, onde predominavam os vícios e as imoralidades. Além do mais, os jornais da época elogiavam o prefeito, Barata Ribeiro por sua atitude de “limpar” a cidade daquela sujeira. Nesse sentido, Chalhoub também enfatiza como a demolição do cortiço tem uma total contemporaneidade, sendo que as intervenções violentas são frequentes ainda atualmente na sociedade brasileira, principalmente em bairros periféricos.

³⁷ De acordo com Orlando Zaccone, a Guerra de Canudos representou para a república algo muito maior, simbolizava uma disputa por um processo civilizatório, sendo bárbaro todo aquele que se opunha sobre isso.

planta comum encontrada em Belo Monte, local de assentamento dos sertanejos e onde também foram travadas as batalhas. Segundo, porque de lá para o Rio de Janeiro algumas semelhanças persistiram, dentre elas o cenário estratégico de guerra, tendo em vista as emboscadas em que os soldados republicanos foram pegos, e, na cidade mais especificamente, pelo morro oferecer uma visão panorâmica. Outro motivo foi a topografia semelhante que existia tanto em Belo Monte quanto no morro carioca, principalmente pelo seu aspecto simbólico de privações durante e após o confronto.

Mas para Queiroz Filho (2011) o nome *favela* só iria ser generalizado depois de vários discursos produzidos por jornais em relação ao morro, e principalmente pela publicação da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, onde o jornalista descreve as cenas de batalha e a topografia do lugar. Euclides da Cunha acompanha a quarta expedição que dá cabo a Canudos. Após a divulgação da sua obra, o termo *favela* será expandido, dando significado a todo assentamento precário e irregular.

Em suma, a favela surge com algumas características importantes para se pensar este trabalho. Primeiro, que o surgimento das favelas se dá em pleno debate das teorias raciais que vão impactar diretamente as populações pobres, especialmente os negros. Isto de fato vai dificultar o processo de cidadania das populações pobres e afrodescendentes, naturalizando-as como “raças inferiores” e inaptas para o trabalho e inclinadas para o ócio e a vadiagem, sempre associando essas pessoas a “classes perigosas”. Segundo, que o termo *favela* já nasce em meio a um processo de conflito: a Guerra de Canudos, onde foram mortos mais de 20 mil sertanejos e cinco mil soldados republicanos, tendo ex combatentes dando nome ao morro onde se abrigaram na capital. E a concepção sertão/litoral será trocada pela expressão favela/cidade, o que no século XXI vai ainda ser passo de intervenção, dessa vez militar, sendo ela com UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) ou com incursões policiais, não apenas no Rio de Janeiro, mas dessa vez nas favelas de diversas cidades do Brasil.

A urbanização brasileira seguia a passos largos na Primeira República, esses processos se solidificam com a Primeira Guerra Mundial, já que o Brasil não encontra concorrente e vê sua economia industrial subir. Para Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, o desenvolvimento foi acelerado:

A população brasileira cresceu a uma taxa média de 2,5% ao ano, enquanto a população das cidades com 50 mil ou mais habitantes subiu a 3,7%, e as cidades com mais de 100 mil, a 3,1%. Por outro lado, se no primeiro decênio

da república a população rural decresceu 2.2%, na área urbana ela aumentou 6,8%. A urbanização era uma realidade que vinha para ficar, e alterava rapidamente a feição do país (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 326).

Ainda para as autoras, mesmo que o quadro geográfico do país ainda fosse rural, a urbanização iria alterá-lo, tendo como cidades pioneiras o Rio de Janeiro, que seria o coração da república; São Paulo, com seu motor industrial, a cabeça; e anos depois viria Belo Horizonte, a cidade que a república imaginou imagem e semelhança, sendo a primeira urbe planejada do Brasil. Entretanto, será após 1930 que o nosso país terá intensas transformações em suas conjunturas urbanísticas e socioespaciais.

Para o geógrafo Milton Santos (2005), é entre as décadas de 1940 e 1980 que se tem uma inversão no quadro populacional e urbanístico brasileiro. De acordo com o autor, nesse período a população do Brasil triplicará por sete vezes e meia, sendo a taxa de urbanização de 26,35% em 1940, para chegar, em 1980, à casa dos 68,86%. Para o autor, esses números dependeram de causas circunstanciais, como o fim da Segunda Guerra Mundial, onde há um forte crescimento demográfico, isto devido à natalidade elevada, aliada de uma mortalidade que caía significativamente. Além de uma melhoria da qualidade de vida da população brasileira, que também decorria da urbanização que se tinha naquele período.

Não obstante, é importante constatar que nesse período está acontecendo processos substanciais em torno da fomentação da urbanização, como o projeto desenvolvimentista cunhado por Juscelino Kubistchek, tendo ainda a construção de Brasília como nova capital do Brasil. No segundo momento, na década de 70, o país irá passar pelo conhecido “milagre econômico brasileiro”, onde irá crescer 13% ao ano. Entretanto, esse crescimento será escamoteado por uma verdadeira acentuação da desigualdade brasileira, o que o economista Edmar Bacha irá classificar como “Belíndia”.³⁸ Para o autor, o Brasil estava se tornando, pelas mãos e punhos cerrados da Ditadura Militar (1964-1985), um país ambíguo, com pessoas morando em lugares com índices de países de primeiro mundo como a Bélgica, e também estava criando espaços urbanos com pessoas vivendo em índices de pobreza parecidos com a Índia.

Esse índice de pobreza urbana alarmante que se inaugurava no Brasil estava associado ao tipo de cidade que neste período se formou, tendo a nomenclatura feita por Milton Santos (2005) de “cidades corporativas”. Estas cidades comportariam um numero

³⁸ Para mais informações, favor consultar: <<http://iepecdg.com.br/wp-content/uploads/2017/02/simon-belindia-rev2.pdf>>. Acessado em 22 de maio de 2018.

considerável de empresas estrangeiras ou até mesmo nacionais, que se assentariam no território refazendo as configurações espaciais, políticas e sociais, tendo em vista que elas controlariam os produtos, a circulação e o consumo, provocando assim fecundas transformações urbanas que marcariam a segunda metade do século XX.

Compreendendo esse processo, é nítido para Santos (2005) que a urbanização do Brasil se dá de forma dolorosa e conservadora, fato esse que não acompanhou somente o Brasil, mas que foi compartilhado por outros países subdesenvolvidos. Entretanto, particularmente no nosso país, devido a sua numerosa população, seus recursos fartos e acarretado de uma industrialização rápida esse processo provocou profundas consequências, ele resume esse processo dizendo:

Grande crescimento econômico, baseado em considerável desenvolvimento material, e, como contra ponto, no campo social a político, uma evolução negativa, levando ao desenvolvimento de uma classe média relativamente numerosa e de uma extensa pobreza (SANTOS, 2005, p. 117).

Ermínia Maricato (2003) diz que a partir dos anos 1980 vai ocorrer uma extensão das periferias, crescendo num ritmo superior às metrópoles, gerando assim uma segregação espacial e ambiental nas cidades, e com uma característica peculiar, a extrema pobreza³⁹. Para a autora, a segregação espacial e ambiental é uma das faces da desigualdade social e ao mesmo tempo a mantenedora da mesma. Essa extrema pobreza será verificada nas periferias e favelas das grandes cidades brasileiras.

Maricato⁴⁰ (2016) explica que as regiões ambientais protegidas por leis⁴¹ foram (e ainda são!) justamente onde a população pobre irá para escapar da especulação imobiliária. Quando o terreno é ocupado por grandes empresas, aquela área agregará valores de mercado que circulam em torno dela, que geram especulação, aumentando os preços dos imóveis à sua

³⁹ É importante salientar uma testemunha desse processo, a obra: *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (2001), de Carolina Maria de Jesus. A autora escreve em seu diário as situações de extrema pobreza em uma das favelas de São Paulo. Carolina era mãe solteira e trabalhava como catadora de papel para sustentar os três filhos, e contava com ajuda de terceiros para as economias da casa. É válido ressaltar que a vida de Carolina era semelhante a diversas famílias que compartilhavam da extrema pobreza nas favelas. Um caso exemplar é a própria mãe de Eduardo Taddeo que na labuta da vida pedia esmola para sobreviver e obter o sustento da casa. Em depoimento, o *Rapper* relembra as dificuldades passadas na infância.

⁴⁰ É importante frisar que Ermínia Maricato toma a cidade muito além de um palco onde a vida se concretiza, mas sim como um local onde há disputa, luta. A cidade é uma mercadoria.

⁴¹ Novamente se vê a preocupação do governo do Rio em fazer um muro para conter a expansão das favelas. Elas se fazem nas encostas ou áreas de proteções ambientais, justamente onde não ocorrem as especulações imobiliárias.

volta. A população pobre que não tem condições econômicas de partilhar desses valores acaba recorrendo, de forma ilegal, à ocupações em áreas ambientais, justamente por serem regidas por leis municipais, estaduais e federais. Sabem elas que o capital econômico e empresário não poderá se assentar ali. Fazem desses locais, protegidos legalmente, as suas moradas, de muitas formas irregulares e sem nenhum tipo de planejamento, sendo esses locais mais afastados dos centros, eles ganham o nome de periferia ou até mesmo, dando origem às favelas.⁴²

Essas áreas, por serem ilegais e perigosas, acabam acarretando problemas para as populações que se assentam sobre elas. Além de um saneamento básico precário, o preço da locomoção para as áreas de emprego, geralmente o centro, ficam mais altos. Assim como problemas relacionados com alagamentos ou desmoronamento por serem áreas de encostas, e principalmente problemas envolvendo a segurança pública dessas áreas flageladas. Segundo Maricato (2003), por essas áreas serem ilegais e já estarem ocupadas, apresentam uma ideia de pouco policiamento, e quando há, pode se ter um excesso do poder de lei, que não é denunciado, primeiramente por medo de represarias, e segundo, por medo de despejo já que, suas habitações orbitam fora da lei. Essas áreas geralmente têm o costume de desenvolver leis próprias para resolver seus conflitos, gerando um poder paralelo, perpetrado por uns em detrimentos de outros. A própria autora enumera os diversos problemas:

À dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável (MARICATO, 2003, p. 152).

Maricato (2001) discute como os anos 1980 e 1990 do século XX foram chamados de décadas perdidas. Isto se dá primeiro por uma homogeneização da pobreza nessas áreas periféricas, morros e favelas, acompanhado de enchentes, desmoronamentos, poluição do ar, impermeabilização do solo, desmatamento, congestionamento habitacional, reincidências de epidemias, e por um fenômeno inédito na sociedade brasileira que é a

⁴² Um ponto importante é que o próprio autor Eduardo Taddeo cita que mora numa região de manancial invadido (TADDEO, 2012). Ou seja, corresponde ao estudo da autora o processo de favelização das grandes cidades.

violência urbana, registrando números alarmantes. Para Maricato (2001), a violência não deve ser analisada como causa fundamental da pobreza; entretanto, a desigualdade e o desemprego devem ser vistas como consequências dessa violência. Analisando o caso de São Paulo como exemplo, a autora demonstra como bairros nobres geralmente possuíam baixos números de homicídios, em contraste com zonas periféricas ou faveladas⁴³, o que ela classifica como bombas socioecológicas, não apenas na cidade de São Paulo. Citando o estudo de Marcos Drummond Júnior, a autora esclarece:

Um bairro de alto nível socioeconômico- o Morumbi- constitui uma exceção, aparecendo entre os mais violentos no período. Mas o estudo mostra também que os assassinatos, neste bairro, se concentram em três favelas. Aliás, os dados mostram uma forte correlação entre favelas e homicídios. Cinco regiões concentram 52% dos homicídios entre 1994 e 1998. Nelas as maiores partes das mortes se deram em favelas. No Jardim Elisa Maria foram mortas 165 pessoas nesse período [...] essa evidência nos permite afirmar que São Paulo, como outras metrópoles latino-americanas, cresce produzindo verdadeiras bombas socioecológicas no seu interior. Nelas não há lei ou qualquer regulação, seja urbanística seja nas relações sociais (DRUMMOND JÚNIOR *apud* MARICATO, 2001, p. 34).

Ainda para a autora, esse ciclo de violência e esquecimento é de longa data. O processo de urbanização no Brasil não rompe com o processo de exclusão, acumulado por séculos de escravidão; pelo contrário, a urbanização, sem nenhum controle ou projeto urbanístico, irá agravar os problemas de exclusão e marginalização. Inclusive, o próprio Estado tolera esse tipo de habitação, pois não é necessária uma maior intervenção, deixando essa população em um nível de carência intensa, largada à própria sorte. Mesmo com a promulgação da Constituição Federal em 1988, também chamada de constituição cidadã, pouca coisa muda para a população relegada a este tipo de moradia. O historiador José Murilo de Carvalho diz bem isto:

A democracia política não resolveu os problemas econômicos mais sérios, como desigualdade e o desemprego. Continuavam os problemas de caráter social, sobretudo na educação, nos serviços de saúde e saneamento, e houve agravamento da situação dos direitos civis no que se refere à segurança individual (CARVALHO, 2005, p. 199).

⁴³ Eduardo Taddeo também diz que o seu bairro Grajaú, zona sul da cidade de São Paulo, é um bairro extremamente violento. Para fazer tal afirmação, o *Rapper* compara com um bairro nobre na região de Pinheiros. Enquanto na região do Grajaú a média de homicídios por cem mil habitantes chega a 88,3 mortes, no bairro Pinheiros o índice de homicídios foi de 10 mortes por cem mil habitantes. O autor ainda enfatiza que para a Organização Mundial da Saúde o tolerado é 28,8 mortes por cem mil habitantes (TADDEO, 2012).

Ainda de acordo com o autor, a falta de conhecimento das leis, acompanhada dos problemas relacionados às desigualdades, agrava a precariedade da vida⁴⁴ maximizando esta vida à insegurança, ao descaso da dignidade da pessoa humana, fundamento este defendido na Constituição de 1988. Ou seja, de acordo com Carvalho, as pessoas com menos recursos e que moram justamente nessas situações degradantes estão na/à margem da lei. Ele diz: “Roubos, assaltos, balas perdidas, sequestros, assassinatos, massacres passaram a fazer parte do cotidiano das grandes cidades, trazendo a sensação de insegurança à população, sobretudo nas favelas e bairros pobres” (CARVALHO, 2005, p. 199).

O Brasil inaugura o século XXI carregando um profundo problema sobre a urbanização com elevado grau de exclusão e marginalização. De acordo com o Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada (IPEA), o número de favelas no Brasil aumentou entre 2000 e 2010, segundo o órgão ele cresceu 3,8%, passando de 6,5 milhões de habitantes para 11,4 Milhões.⁴⁵ O autor Luis Kehl (2010) afirma que as favelas já fazem parte da paisagem das cidades que possuem entre cinco e dez mil habitantes no Brasil, no qual o autor assinala duas características em constates na formação das favelas brasileiras, que seriam a disparidade social e a concentração de renda, associada ao êxodo rural.⁴⁶

Em suma, a favelização e a periferização foram processos que excluíram as pessoas da cidade, a primeira por considerá-las perigosas, destruindo cortiços e dando origem às favelas; e a segunda por uma urbanização que segregou pessoas nas/às margens da cidade,

⁴⁴ Termo utilizado pela filósofa Judith Butler no livro: *Quadros de guerra quando a vida é passível de luto* (2015). Segundo a autora estadunidense, toda vida é precária, tendo em vista a fragilidade com que a vida humana pode ser perdida por qualquer eventualidade. A autora ainda enfatiza que a vida pode ter sua precariedade minimizada por meio de políticas públicas de qualidade que venham proteger essa vida de eventualidades, ou também, pode ter sua precariedade maximizada justamente por falta dessas políticas públicas.

⁴⁵ O IPEA adverte que é difícil realizar esse censo e geralmente eles entram em divergência justamente pela dificuldade que tanto o IPEA quanto o IBGE têm de classificar o que é uma favela. Tanto é que os censos chamam de aglomerados subnormais. Esta dificuldade se dá devido à falta de escritura das casas.

⁴⁶ Em seu livro: *Breve história das favelas* (2010), Luis Kehl faz um apanhado da formação das favelas em diversas cidades brasileiras, o autor cita o caso de Fortaleza, que recebe por ano cerca de 140 mil pessoas vindas do interior e de outros lugares. Enquanto que a população cearense dobrou nos últimos quarenta anos, a população de Fortaleza quadruplicou. Se em 1985 registravam 243 favelas, no ano de 2010 os números de assentamentos subiram para 661. Em Recife, um quarto da área urbana se encontra ocupado por 490 favelas. Nas favelas de Salvador concentravam-se 500 habitantes por hectare. Em Belo Horizonte eram 439.449 mil habitantes em 142 assentamentos. Em São Paulo apenas na capital, quase um milhão de pessoas moravam em favelas sendo elas a maioria de cor preta ou parda e de origem em 70% dos habitantes de estados nordestinos.

construindo muros simbólicos aos longos dos anos, sejam eles marcados pelos critérios raciais e socioeconômicos.⁴⁷

Em ambos os casos, processos violentos que trouxeram consequências graves. Entretanto, os marginalizados não sofreram calados, houveram resistências, souberam fazer das suas agruras arte, mas principalmente fizeram da dor formas de se expressar e dar resposta a tudo isso, afinal: “de onde vem os diamantes, da lama”⁴⁸. O *hip hop*, como arte marginal de resistência, tem sido, ao longo dos anos, uma dessas ferramentas.

1.3 - Das margens sociais para as margens da literatura

*O Funk pode até ser a trilha das quebrada
Só que o Rap é muito mais que trilha, é estrada.*

Rennan Inquérito

O século XX, como bem definiu o historiador Eric Hobsbawm (1995), foi marcado pelo extremismo. Segundo ele, “um período que foi da catástrofe à era de ouro”. Isto, levando em conta epidemias, duas guerras mundiais, Revolução Russa, e também uma Guerra Fria que afetou diversos países, com a iminência de um conflito nuclear que arrasaria o mundo. Entretanto, se por um lado o caos e a destruição foram características desse século, por outro foi um tempo de avanços tecnológicos, artísticos e também nas próprias ciências naturais e humanas.

Um fato marcante desse processo foi o interesse da própria ciência histórica para os indivíduos marginais. Para Jean-Claude Schmitt (2005) a história se escrevia a partir do centro, dando ênfase aos grandes homens, principalmente do poder monárquico ou burguês, entretanto a história conheceu uma “revolução copernicana”, um tipo de descolonização tanto na sua escrita quanto no seu olhar. Isto se deu, principalmente, pelo processo de emancipação do chamado “terceiro mundo” como a onda de rebeldia que se manifestou em 1968, que começara nos Estados Unidos e se espalhou pela Europa.

⁴⁷ Veremos, no decorrer deste trabalho, como o critério racial e socioeconômico são tratados na tese do Rapper Eduardo Taddeo, esses dois fatores são fundamentais para se perceber a crítica que ele irá fazer.

⁴⁸ Trecho retirado da música: *Negro drama*. Do grupo Racionais MC's. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/>>. Acessado em 24 de maio de 2018.

Este movimento contestava os valores tradicionais da comunidade judaico-cristã. Para fins de estudo, iremos nos ater a dois movimentos que foram porta-vozes e deram aos marginais destaque, nisso estão o estilo musical Rap, um dos elementos do movimento Hip Hop, e assim como, a literatura marginal no Brasil, que ganhara novos significados no limiar do século XXI. Estes dois movimentos são importantes para essa dissertação, pois entendemos que o *Rapper* Carlos Eduardo Taddeo transita por essas duas áreas, no *Hip Hop* sendo um dos cantores com maior visibilidade no movimento, e com seu livro e a aproximação que vai fazer com a *literatura marginal* ressignificada no início do século XXI.

A história do *Hip Hop*, segundo DJ TR⁴⁹ (2007), começa nos anos 1970 no Bronx, bairro pobre e violento de Nova Iorque. Para TR, alguns nomes são pioneiros na criação do movimento, como por exemplo: Africa Bambaataa, DJ Kool Herc, Grandmaster Flash e DJ Breakout. Spensy Pimentel (1997) esclarece que todos esses DJs tinham sua área específica, Herc tocava no oeste, Bambaataa no Bronx, Breakout no norte e Flash no sul e zonas centrais.

Bambaataa era líder de uma gangue que tinha por nome Black Spades e também ficou conhecido por fundar a *Universal Zulu Nation*, organização que ficará conhecida por reunir grafiteiros, DJs e MC's. Fugindo de uma forte crise que afetou a Jamaica, o caribenho Kool Herc é considerado o primeiro DJ a misturar *reggae* e o *rap*, era ele quem levava seus equipamentos para as ruas do Bronx (NY), em 1969, para fazer as festas ao ar livre, as chamadas *as block parties*, festas já muito comuns na Jamaica.

DJ TR ainda conta que as festas organizadas por Herc eram movimentadas por sons como *soul*, *funk*, *reggae*, *jazz* e outros ritmos latinos. Porém, Herc também ganhará créditos por introduzir nestas festas a tradição dos *toasters*, que são mestres de cerimônia chamados MC's⁵⁰, tradição da Jamaica em que os artistas falavam sobre a batida do DJ, a realidade que os cercava, dentre elas a violência e situação política, além de temas como sexo e drogas. DJ Herc também ficará conhecido por introduzir outra novidade criada por ele no Bronx (NY), o *breakbeat* (batida com beque), que consiste em usar duas réplicas de um mesmo disco e mixar alternadamente, dando a impressão de uma sonoridade infinita, o que

⁴⁹ Sergio José de Machado Leal, vulgo DJ TR, nascido na cidade de Deus, é DJ e acompanhou os projetos do Rapper MV Bill por quase 10 anos. Foi escritor do extinto jornal afro reggae, escreveu para a *Estação hip-hop*, foi coordenador da extinta ATCON (Associação Atitude Consciente) entre outros trabalhos, sempre atuando em prol das favelas e periferias.

⁵⁰ De acordo com DJ TR existe uma diferença entre Mc e o Rapper, para o DJ a figura do Mc seria antecedente ao rap, além do Mc criar versos de bate pronto, oposto do rap, que escreve antes seus versos no papel. Apesar de que nada impede de um ser tornar o outro, ou vice versa.

causará um grande impacto no sul nova-iorquino, tornando suas festas extremamente populares.

Ricardo Teperman (2015) diz que após a criação dos *breakbeat*, foi o DJ Grandmaster Flash que sistematizou a ideia e que criou uma técnica para “voltar o disco” para o mesmo ponto. Teperman ainda diz que foi Flash quem explorou uma técnica criada por Grand Wizard Theodore, que seria o *scratch* (arranhão), marca que ficaria ligada aos DJs de rap. Novamente, DJ TR comenta que a criação do termo Hip Hop surgiu com Bambaataa, ao criar a nomenclatura de uma festa chamada “Hip-Hop Beeny Bop”. Após essa festa, o nome *Hip Hop* se espalha contribuindo para a fixação da nomenclatura e será um MC chamado Lovebug Starski que, em uma dessas festas organizadas pelos DJs, sintetizará o termo *hip hop* na cena musical. De acordo com Teperman:

Em um desses improvisos, o DJ e Mc Lovebug Starski teria criado uma espécie de refrão: Hip Hop you don’t stop that make your body rock [quadril, salto, não pare, isso faz seu corpo balançar]. Associar a palavra “hip” [que pode ser traduzida por quadril, mas que também quer dizer “segundo a última moda”] a palavra “hop” [pular ou dançar] era uma maneira graciosa de dizer: não pare de mexer os quadris, não pare de dançar, “essa é a última moda”. A expressão “Hip-Hop” dava o recado e soava bem (TEPERMAN, 2015, p. 19).

Para Teperman, os entusiasmos dos DJs e Mc’s contagiavam as pistas de dança e faziam com que o público arriscasse passos cada vez mais ousados, estava começando ali os B-Boys (*break boys*). Spensy (1997) conclui que a arte do *break* surgiu independente da música *rap*, mas em um momento histórico convergente do movimento *Hip Hop*. Para o antropólogo, a figura do B-Boys tem registro em um show do James Brown, em 1969. Entretanto, será na década de 1970 que a arte irá se espalhar, muito devido ao grupo La Lakers. Kool Herc também irá contribuir para a agregação do *break* ao movimento do *hip hop*, ao convidar dois dançarinos chamados *The nigga twins* para sua festa. A dança *Break* exercerá diversas influências como, por exemplo, sobre os movimentos dos filmes de ação, dentre eles os filmes de Bruce Lee, até mesmo passos influenciados da capoeira, além de ganhar contornos mundiais com os passos de Michael Jackson. Teperman (2015) explica que também na dança surgiram diversas “mitologias”, para demonstrar que além de uma dança combativa, existia um caráter político, como exemplo, um dos movimentos mais famosos, que é o giro com a cabeça apoiada ao chão e as pernas para o ar girando, seria uma alusão aos

helicópteros utilizados na Guerra do Vietnã (1965-1975), já que na época haviam regressado muitos jovens afros-americanos do confronto.

Além da arte de dançar de forma agressiva e criativa, outro elemento também ganhará destaque pelo seu caráter artístico, o grafite. Pimentel (1997) argumenta que o grafite surge nos anos 1960 como *tag* (assinaturas) nos muros, mas é na década de 1970 que se instalará uma verdadeira guerra entre os pichadores para ver quem pichava mais paredes e nos lugares mais difíceis possíveis da cidade. Assim, o *tag* passou rapidamente a ser utilizado por gangues para a demarcação de território. Pimentel (1997) esclarece que com a invenção dos painéis coloridos pelo pichador Phase 2, os artistas ganharam mais liberdade, pois neles os grafiteiros podiam emitir suas mensagens, atividade que terá seu grande expoente na figura de Basquiat.

Entretanto, o elemento do *hip hop* que ganhará maior destaque e com uma maior influência no mundo será o *Rap*, que popularmente é conhecido como: revolução através da palavra, ou, ritmo e poesia. As origens desse estilo musical irão dividir opiniões entre os especialistas que trabalham o assunto, porém existem alguns caminhos que podem dar pistas da gênese desse canto falado. Roberto Camargo de Oliveira (2011) aponta que alguns especialistas acreditam que a gênese do Rap esteja nos seus antepassados africanos, encarnados na figura dos *Griots*, estes que eram líderes que, através da tradição oral, repassavam toda uma cultura histórica. De certo modo, Teperman que precisará com um maior rigor o aparecimento da nomenclatura *rap* e como ela foi utilizada.

Para Teperman (2015), a palavra *rap* já era popular nos anos 1970, ela já existia em dicionários em Inglês, cujo sentido mais amplo significa: “bater” ou até mesmo “criticar”. Teperman ainda lembra que um dos principais líderes dos Panteras Negras utilizou essa palavra para ser incorporada em seu próprio nome, H. Rap Brown. Ainda relembrando a biografia do ativista negro, Teperman conta como uma brincadeira infantil chamada *The Dozens* (as dúzias), em que cada criança se ofendia com insultos, mas insultos que rimavam, o que caracterizava a “graça” da brincadeira. Ou seja, a palavra era utilizada como arma para ofender o oponente. Teperman, utilizando historiadores como Johan Huizinga e Peter Burke, faz um levantamento para provar que este tipo de brincadeira já existia em várias partes do mundo, claro, cada uma delas com suas particularidades, inclusive aqui no Brasil com os exemplos do “gererê gererê LSD”, como em outros tipos de desafios verbais como o Cururu, a Embolada, o Partido Alto e o Repente. De volta aos Estados Unidos, lá o gênero ganhou

força e se desenvolveu, se tornando um dos principais estilos musicais e com grupos que ganharam notoriedade e fama por todo mundo, inclusive no Brasil.⁵¹

De acordo com Oliveira (2011), o *rap* chega ao Brasil aos anos 1980, de forma orgânica e em várias localidades do país e não apenas em São Paulo (claro que na capital paulista se deu uma maior expressão do gênero). Ainda para Oliveira (2011), foram nos chamados “Bailes Blacks” que a gestação do *rap* começou no Brasil, nesses bailes tocavam vários estilos musicais, dentre eles *soul*, *jazz*, *funk*, assim como artistas nacionais como Tim Maia e Jorge Bem, dentre outros. O autor afirma que a percepção e assimilação com o *rap* veio pelo estilo musical do Miami Bass, que era apontado ironicamente pelos ouvintes como “funk falado” ou “tagarela”. Teperman (2015) relata que esses bailes eram uma forma de escapamento e divertimento em uma época ditatorial no Brasil, onde se tinha poucas possibilidades de lazer, não obstante, para o antropólogo, a Estação São Bento do Metrô de São Paulo será o lugar “catalizador” da cultura *hip hop* e consequentemente do *rap*.

Teperman (2015) explica que a estação São Bento era um local onde frequentadores da cultura *hip hop*, como B-Boys, se reuniam para dançar e se desafiarem no *break*, já que a calçada e o chão liso da estação eram propícios para isso, o que atraía olhares e admiradores da cultura. Tanto é verdade que músicos famosos se encantaram com o movimento, dentre eles, alguns citados pelo próprio Teperman (2015): Nasi, do grupo Ira, e músicos do grupo Fábrica Fagus, o que originou diversas participações. Entre elas, uma faixa chamada *consciência*, feita em parceria de Nasi, Thaíde Mc e B-Boy da equipe Back Spin.

Logo mais a gravadora Eldorado organizou uma coletânea com alguns frequentadores da São Bento, chamada: *hip hop cultura de rua*, que foi lançada em 1988. Teperman (2015) diz que essa coletânea teve certo sucesso, alcançado a marca de 30 mil cópias, mas o sucesso maior do disco foi da dupla Thaíde e DJ Hum, autores da música *corpo fechado*,⁵² o que alavancou a dupla no cenário nacional. Novamente Teperman (2015) cita que após o sucesso alcançado pelo selo Eldorado, outra coletânea seria feita, dessa vez produzida

⁵¹ Importante citar que o desenvolvimento do gênero não ocorreu sem conflitos, muitos foram a acusações de plágio, já que as bases das músicas eram retiradas de outras músicas, como também conflitos envolvendo policiais, principalmente em acusações de apologia ao crime. Aqui no Brasil o processo também será conflituoso, como já foi demonstrado no tópico “o Correspondente”, onde discutimos a acusação de apologia ao crime da banda Facção Central, como também Racionais e MV Bill já passaram por constrangimentos semelhantes.

⁵² Em entrevista concedida a Ferréz, Eduardo Taddeo diz que ouvir essa música de Thaíde que o fez começar a cantar rap e se envolver na cultura *hip hop*. Ou seja, a cultura já começava a nascer e ao mesmo tempo produzir novos admiradores e continuadores do movimento.

pela Zimbabwe, intitulada *Consciência Black Vol.1*, que trazia entre suas faixas *Pânico na zona sul*⁵³, de Mano Brown e Ice Blue, e *Beco sem saída*, de Edi Rock e DJ KL Jay. Futuramente esses quatro artistas iriam fundar o grupo de *rap* mais famoso do Brasil, Racionais Mc's, que detém esse nome graças ao vinil de Tim Maia chamado "Racional", novamente demonstrando a influência dos bailes *Blacks* na formação dos primeiros *rappers* brasileiros.

Estava aí a gênese de um estilo musical que iria se desenvolver e ganhar destaque na música nacional, dentre eles o emblemático Mv Bill, do Rio de Janeiro; GOG, de Brasília; Sabotagem, em São Paulo; Rapadura no Nordeste, Thiagão e os Kamikazes do Gueto, no Sul; e outras versões como o rap gospel, se destacando Pregador Luo e DJ Alpiste, e até mesmo o grupo de rap do centro oeste brasileiro, formado por indígenas, o grupo Brô MC's.

Se a cultura hip hop chega ao Brasil nos anos 1980, nos anos 1970 se iniciava outra categoria que é importante para nossa discussão, a chamada "Literatura Marginal". Para Aline Deyques Vieira (2015), o termo *marginal* deriva daquele que está à margem, na beira. Para o meio social, então, seria aquele que não está inserido no centro. Vieira (2015), problematizando o marginal, e principalmente sobre a arte para o marginalizado, diz que em 1950 começa a florescer um espaço aos marginalizados através de diversos intelectuais, que se propuseram a trazer ao público uma arte que fizesse a "massa" pensar, a conscientizar a população, trazer ao povo uma consciência de classe.

Muitos grupos nessa época ganharam destaques como MCP (Movimento de Cultura Popular), agindo no Recife e que terá como grande nome a figura de Paulo Freire com seu método de alfabetização que tinha por objetivo educar a partir do contexto social; e o CPC (Centro de Cultura Popular), no Rio de Janeiro, que terá como grandes nomes Ferreira Gullar, Eduardo Coutinho, dentre outros, além da UNE (União Nacional dos Estudantes), sempre ativa e atuante desde aquele momento.

Vieira (2015) explica que aconteceram outras manifestações artísticas que compuseram o cenário da segunda metade do século XX no Brasil, dentre eles o teatro, ficando famosa a obra de Augusto Boal, intitulada *Teatro do oprimido*, e o cinema, onde surge o marginal como protagonista, com o destacado Cinema Novo, que terá como símbolo o filme de Nelson Pereira dos Santos, *Rio 40 graus* lançado em 1955. As artes estavam se

⁵³ Essa musica influenciaria Washington Roberto Santana, que se tornaria o *Rapper* Dum Dum, que por muito tempo, ao lado de Eduardo Taddeo, formaria o grupo Facção Central.

modificando, ou melhor, demonstrando um novo tipo de protagonista, e a literatura não ficou fora desse movimento, a literatura marginal ganharia destaque.

Vieira (2015) argumenta que os primórdios da literatura marginal estavam em dois autores censurados durante a ditadura militar, primeiro a escritora Carolina Maria de Jesus e o seu: *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Nesse livro, Carolina relata a vida crua dela como favelada e de seus pares na favela Canindé, em São Paulo, demonstrando outro lado do forte processo de desenvolvimentismo que excluía pessoas e as marginalizava em condições precárias de subsistência. No seu texto observamos críticas políticas ácidas, como em um trecho em que ela narra:

19 de Maio. Deixei o leito às 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade (...) o mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de outo que é o catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome (JESUS, 2001, p. 30).

Ou ainda outra citação onde a autora, de forma não menos ácida, critica a forma como os governantes fazem política no país. De acordo como Carolina “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (JESUS, 2001, p. 30). Vieira (2015) diz ainda de outro escritor que foi importante nos primórdios da literatura marginal, José Rubem Fonseca, que tem em seus escritos os protagonistas na figura do marginal, locais marginalizados, mesmo não tendo o mesmo teor realista de Carolina, Rubem consegue expressar de forma crítica uma realidade. Não à toa, seus textos foram censurados pela Ditadura Militar, como, por exemplo, o seu livro: *Feliz ano novo*, lançado em 1975. Vieira (2015) cita um conto dele chamado *O cobrador*, lançado em 1979, que narra a história de um homem de classe baixa que se revolta por não conseguir comprar ou ter tudo que é mostrado na televisão. Para se inserir nesse sistema o personagem compra uma arma e vai cobrar da sociedade tudo que lhe devem; de um certo ponto, criticando também o desenvolvimento do Brasil e o seu “milagre econômico” que, de fato, não atingiu a todos (FONSECA *apud* VIEIRA, 2015, p. 45).

Vieira (2015) argumenta que esses dois autores irão colocar o marginal como protagonista, claro, cada um da sua maneira: ela vivenciando e contando sua história em forma de um diário, ele dando voz a personagens que seriam das classes mais pobres e desfavorecidas da sociedade.

De acordo com Erica P. do Nascimento (2006), o termo *literatura marginal* surgiu em meados dos anos 1970, onde um grupo de jovens de classe média produziam cartilhas, panfletos e charges com ironias em resistência à ditadura militar e distribuíram essas matérias por vias alternativas, além de ter como marco de atuação o Rio de Janeiro. Para Nascimento (2006), esses artistas eram considerados marginais por não pertencerem aos circuitos de produção, justamente por terem uma postura fora dos “padrões”, e seus informativos andarem pelos corredores marginais do “sistema”. Esse movimento marginal servirá de inspiração, ao menos no nome, para outro estilo surgido nos anos 2000, dessa vez na zona sul da capital paulista através do escritor Ferréz.⁵⁴ Ele se apropria do termo para designar a *literatura marginal* como aquela escrita pelos próprios moradores das periferias, cujo objetivo era dar voz aos nascidos e tinham sua história de vida marcada pela favela, diferentemente do que foi feito pelos jovens dos anos 1970; a literatura marginal dos anos 2000 seria extremamente marginal, sinônimo de excluído, de periférico, como próprio Ferréz declarou:

A literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo[...] Afinal um dia o povo ia ter que se valorizar, então é nós na linha da cultura, chegando devagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com a hipocrisia alheia (FERRÉZ, 2006, s/p).

Nascimento (2006), ao comparar os dois estilos, que ela também denomina de “gerações”, é feliz ao fazer um quadro demonstrando as diferenças entre elas e suas particularidades. Como ela própria cita:

⁵⁴ Reginaldo Ferreira da Silva, vulgo Ferréz, é escritor, colunista e morador da periferia de Capão Redondo em São Paulo, sua obra mais famosa é *Capão Pecado* (2000).

	Gerações de poetas marginais os anos 1970	Nova geração de escritores marginais
Perfil dos escritores	São representantes das camadas privilegiadas, ligadas às atividades de cinema, teatro, música e as universidades públicas.	Representantes das classes populares e moradores de bairro localizados nas periferias brasileiras. Majoritariamente residente do estado de São Paulo.
Grupos que reúnem “escritores marginais”	Frenesi, nuvem cigana, folha de rosto e vida de artista, entre outros.	IDASUL, Literatura no Brasil e Cooperifa.
Características dos textos	Linguagem coloquial; pequenos textos em prosa; poesia versada ou discursiva etc.	Linguagem coloquial, apelo visual com desenhos, fotos (nos livros) e grafites (nas revistas) recorrência de gíria do hip hop e das periferias, uso do palavrão etc...
Grupo afim	Tropicalistas, sobretudo porque este grupo também subvertia os padrões de qualidade e bom gosto da época.	<i>Hip Hoppers</i> , por compartilharem os mesmos repertórios culturais e sociais.

Quadro 1: Gerações da Literatura Marginal. **Fonte:** adaptado da dissertação: “Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena (NASCIMENTO, 2006, p. 19).

Nascimento (2006) estabelece ainda uma diferenciação importante entre a geração de 1970 e a de 2000, que envolve a nomenclatura. Enquanto que na geração de 70 o termo marginal era colocado externamente, outros círculos denominavam aquele tipo de expressão marginal por estar fora dos cânones estabelecidos, a geração de 2000 se assumiria marginal, tido como periférico, como morar nas margens sociais, excluídos de forma física dos meios ou até simbolicamente dos campos literários e artísticos. Ferréz comenta como surgiu a expressão e de onde ele teve influência para criar o termo:

Quando eu lancei o capão pecado, me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda.... E eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, para mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era “literatura marginal” (FERRÉZ *apud* NASCIMENTO, 2004, p. 15).

O que Ferréz coloca é que faltava uma categoria no qual ele pudesse ser inserido, se sentisse à vontade, e foi no termo marginal que ele viu esse abrigo, justamente por entender que ele era uma marginal no sentido de excluído, de estar à margem do processo cultural. Mas ao mesmo tempo reinventando e resignificando essa margem, a ponto dela mostrar sua cultura e principalmente mostrar ao centro seu ponto de vista sobre seu local, sua arte e seu engajamento. Este mesmo engajamento que levará o *Rapper* Carlos Eduardo Taddeo a escrever seu livro, que não é uma literatura “convencional” com personagens, enredo, clímax e outros detalhes que caracterizam um texto literário, mas sim um texto dissertativo-argumentativo que defende uma ideia. Ainda assim o *Rapper* compõe o campo desse tipo de literatura assumido por Ferréz, justamente porque o próprio título do livro já é uma marca afirmativa da sua origem: *A guerra não declarada na visão de um favelado*, o que é uma característica dos escritores da *literatura marginal* que assumem as suas origens,⁵⁵ mas que, principalmente, resolvem falar sobre elas, contar a sua versão, ou até mesmo interpretá-las, já que foram silenciados por anos.

É importante frisar que o elemento aglutinador, que vai unir tanto os escritores marginais do início do século XXI, tendo como seu maior expoente o escritor Ferréz e o *Rapper* Eduardo, tem a ver com um quinto elemento⁵⁶ do hip hop, que seria o “conhecimento”. De acordo com Teperman (2015), quem criou esse quinto elemento seria Africa Bambaataa, o criador da Zulu Nation, que seria exatamente um contraponto ao mercado, enfatizando que o *Rap* é muito mais que uma mercadoria audível “consumível”, e teria como sua principal missão as “transformações de vidas” através do seu som e principalmente através das suas palavras ritmadas e profundas. Não é à toa que um verso ficou marcado no cenário nacional e conseguiu expressar bem a importância do *Rap*, foi na letra e na voz de Mauro dos Santos, conhecido como Sabotage, na sua música *Rap é compromisso*, que exprime esse sentido. Ele diz: “O rap é compromisso não é viagem”.

Nessa frase consagrada no cenário do *Rap* nacional conseguimos problematizar a situação, quando ele diz: “o rap é compromisso”, logo esse compromisso seria justamente com a transformação de vidas, o resgate da autoestima, a preocupação com o aspecto político

⁵⁵ É importante ressaltar o fato de as características que marcam a *literatura marginal* a partir dos anos 2000 serem o lugar da origem, esse termo apresenta conflitos e alguns autores não se enxergam nela. É o caso que Nascimento (2006) apresenta em sua dissertação. A antropóloga cita o exemplo de Sacolinha, que escreve, mas que não se autointitula como pertencente à categoria de *literatura marginal*, como também o caso de Paulo Lins que escreveu a obra *Cidade de Deus*, o próprio não se vê confortável na categoria, já que o livro dele foi lançado pela Companhia das Letras.

⁵⁶ Os quatro elementos do *Hip Hop* são o *break*, *Grafitte*, DJ e MC, todos esses já explorados no início do tópico.

e com a informação para aqueles que a escutam. Não à toa, o *Rapper* Dexter costuma dizer: “O Rap Salva Vidas”. E o Sabotage termina a frase dizendo: “não é viagem”, algo que remonta, de certa forma, ao afastamento do sentido de “arte pela arte”. No caso especial do *Rap*, não teria esse sentido, pois seria uma arte, mas uma arte engajada, politizada, que teria como principal objetivo esse teor de transformação. O próprio Eduardo, em entrevista concedida a Ferréz, resume esse objetivo do *Rap*, e até mesmo do *hip hop*, quando diz:

Eu sempre falo da seguinte forma, o movimento hip hop, ele não pensa como um movimento, mas ele age como movimento. Porque mesmo de repente um mano ou outro trocando ideia, eles acabam, como eu posso te dizer, eles acabam passando para o outro um conhecimento. Então mano, eu diria que o rap faz um papel que a escola não faz, que o Estado não faz, o rap entrou numa lacuna deixada por todos os governos, que ele consegue a transformação social que, mano, várias instituições não conseguiram (PERIFATUBE, 2016).

Essa contundência, esse engajamento que existia na cultura *hip hop*, inflamaram Ferréz, que inclusive já foi *Rapper*. O próprio Ferréz, na mesma entrevista com Eduardo, comenta em uma parte esse ponto de intersecção entre o *hip hop* e a *literatura marginal*. Ele diz:

- Não que o Rap seja autobiográfico, ou, se o rap fosse autobiográfico você faria uma letra só, porque cada um só tem uma vida, mas de qualquer forma você faz isso...
- A vida não cabe em uma letra!
- Exatamente! Aí o que eu sempre digo a escola do *Rapper* ela é muito louca porque ela te dá a oportunidade de usar várias experiências do cotidiano para, através dessas experiências, mostrar e fazer reivindicações, fazer reclamações, mostrar para o moleque qual é o seu caminho correto e...
- Continua isso até hoje né? Quando o moleque tem acesso a um livro da literatura marginal, um cd de rap contundente, é um rap legítimo, e o moleque se identifica, pela a vida que ele tem, pelas frases que são faladas ali, pelas histórias que são narradas né... Eu acho que é uma proximidade com a vida dele né? (PERIFATUBE, 2016).

Nisso compreendemos que a literatura dos anos 2000 se inflama a partir de um traço em comum com o movimento hip hop, que se trata do quinto elemento, “o conhecimento”, a busca pela transformação social, pelo engajamento e pela valorização da cultura negra e também periférica, e que, além de tudo, busca atingir primordialmente o mesmo público, que é a periferia.

Em suma, Carlos Eduardo Taddeo transitou por esses dois elementos, seja ele o *Rap*, seja na sua forma escrita e aproximada da *literatura marginal*. Seus anos de experiência e atuação na periferia o deram um lugar privilegiado ao escrever suas letras compostas em suas músicas, como também nas margens compostas no seu livro. Entender seu pensamento, sua articulação de ideias sobre um tema complexo que é a violência, algo que não é uma tarefa fácil, mas fustigadora e desafiadora. Compreender essa guerra não declarada e seus inúmeros fios que a tecem é uma tarefa árdua e que nos propomos a fazer nessa dissertação. O próprio Eduardo adverte:

Se você estiver lendo este trecho significa, que por sua conta e risco, você se assumiu preparado ou preparada para viajar comigo ao epicentro de nossas mazelas sociais. A sua companhia me alegra muito, pois num cenário de completa privação financeira, alienação e deseducação estratégica, é difícil encontrar pessoas dispostas a encarar a verdade dos fatos. Num cenário de dominação quase que total, é difícil encontrar pessoas dispostas a desafiar as letras parciais e excludentes dos regimes tirânicos que rasgam as carnes dos favelados. Só de ter chegado até esse ponto do livro, você já demonstra ser uma pessoa corajosa e descontente com as normas de conduta humana pré-estabelecidas pela playboyzada (TADDEO, 2012, p. 13).

O próximo capítulo proporcionará a problematização sobre esse tema, que o próprio Eduardo iluminou. Até porque se calar é omissão, não é de feitio de uma História Nova, pós anos 1960, comprometida com uma interpretação de uma realidade, cumprir esse papel.

CAPÍTULO II

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL SÓ NÃO TEM CERTIFICADO EM CARTÓRIO

*Não é preciso se alistar pra tá em combate
Só ter contra você um exército covarde
Que vê com sua feição outra nação
Outra língua ou motivo pra perfurar seu coração*

Carlos Eduardo Taddeo

2.1 - Estamos em guerra

A tese central do livro do Eduardo é que, no Brasil, existiria uma guerra, sendo ela apenas não declarada. Ou seja, existe um conflito sangrento e ele é silencioso ou até mesmo silenciado em suas circunstâncias e causas. Para o *Rapper* esse silenciamento só era possível devido a um pacto, um corporativismo entre Estado e burguesia para promover o que ele chama de “genocídio descaracterizado”. Isto é, para Eduardo, todo um povo, em especial os favelados, está sendo dizimado sem que se perceba essa hecatombe. Essa guerra é travada tanto no campo onde os corpos fisicamente são mortos e aniquilados, como também no campo da representação, já que para Eduardo existe um maqueamento da realidade. Não é à toa, que a todo momento no livro ele vai retratar o Brasil de forma irônica, o chamando de “paraíso tropical”, “terra das chuteiras”, “pátria feliz”, “potência emergente” dentre outras. Esses nomes ficaram conhecidos por serem a marca do Brasil mundo a fora, mas para o ativista servem apenas para escamotear uma realidade perversa, morticida e desigual.

Para Eduardo existem duas formas de revelar a situação da hecatombe brasileira, para os turistas e até mesmo para os próprios brasileiros, seria a primeira: colocando luminol nos locais públicos, essa substância reage ao ver sangue, assim revelando o local onde houve algum homicídio que possivelmente tentou ser ocultado, essa prática para o *Rapper* produziria um efeito impressionante, segundo ele: “se chovesse Luminol em nossa ‘pátria pacífica’, não seríamos conhecidos como o país verde por causa da floresta amazônica, seríamos conhecidos como o país azul por nosso absurdo índice de mortalidade” (TADDEO, 2012, p. 59).

A segunda forma de percepção que o *Rapper* propõe é: a greve dos Institutos Médicos Legais (IML), com essa equipe paralisada daria para perceber o grau de mortandade

que o país esta submetido, de acordo com Eduardo o cheiro da carne em putrefação, juntamente com a dificuldade em caminhar, demonstraria e enfatizaria a situação calamitosa que o Brasil se constituiu. Isto deixaria outro legado para a nação, que para o militante seria: “A enorme quantidade de ossaturas ressecadas pela luz solar, em pouco tempo se tornaria a marca indelével de nossa nação. Em pouco tempo, se tornaria o nosso patrimônio histórico e cultural” (TADDEO, 2012, p. 65).

O *Rapper* compara a situação brasileira ao fatídico episódio de massacre que ocorreu em Ruanda em 1994, onde um a etnia Hutus massacrou a etnia Tutsis, deixando um saldo, em apenas 12 semanas, de mais de 500 mil mortos. A animosidade desse evento se deu devido ao processo de descolonização do país Ruandense, para o *Rapper* a situação brasileira estaria passando por processo semelhante, entretanto, com uma diferença, enquanto que no país africano o conflito era aberto e declarado, no caso brasileiro o conflito seria de forma suavizada e não encarada como um etnocídio.

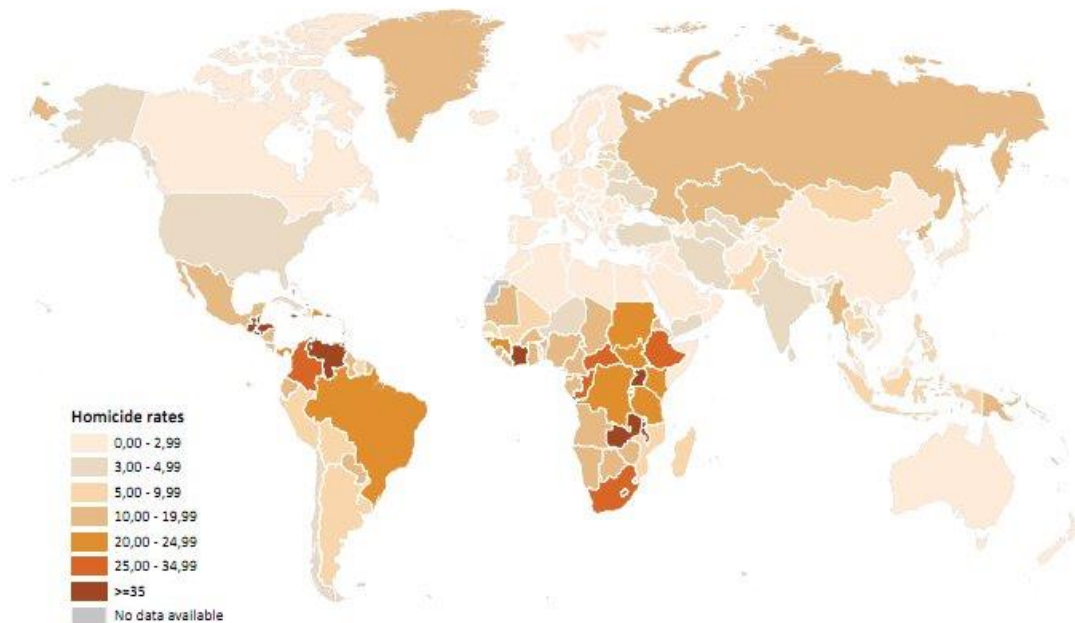
Para Eduardo, a elite brasileira juntamente com o Estado, em suas formas de cooperação, agiu de forma semelhante ao governo Belga: embrutecendo a população e a fazendo acreditar que na verdade os homicídios espalhados por toda a nação, e especialmente nas favelas e comunidades brasileiras, não seriam conectados e sim casos isolados e sem ligação. Tornando o problema como um caso de segurança pública sem meras causas ou circunstâncias mais profundas, o que para o *Rapper* é uma falácia, já que ele acredita que estão interligados por similaridade, seja ela por raça ou classe. Eduardo propõe observar que os homicídios no Brasil têm uma marca e um lastro de semelhança. Em sua visão há uma classe sendo eliminada cotidianamente, que fica exposta e vulnerável à aquilo que ele chama de a única cultura democrática no Brasil: a cultura da violência.

Para compreendermos a crítica do *Rapper* é necessário investigar o número de homicídios no Brasil, e compará-lo em âmbito mundial. Feito isso, teremos a singularidade do caso brasileiro, observando a relação do Brasil com outros países do mundo vemos que os números de homicídios de fato são alarmantes. Encontraremos informação sobre esse patamar em relatório publicado pelas Nações Unidas, num primeiro momento comparando a relação de homicídios por continente e suas causas.

Este relatório, publicado em 2011 pelo estudo das Nações Unidas contra drogas e crimes, traz uma noção de como os homicídios aconteceram e quais são suas áreas de maior concentração. De acordo com o documento, no ano de 2010 foram mais de 468 mil mortes,

sendo registradas 36% no continente africano, 31 % nas américas, 27% na Ásia, 5% na Europa e 1% na Oceania. O mapa destaca que, se levarmos em consideração o tamanho da população em cada região, a taxa de homicídio na América do Sul e na África é mais que o dobro do restante do planeta⁵⁷. O mapa assegura demonstrar a situação:

Map 1.1: Homicide rates by country (2010 or latest available year)



Source: UNODC Homicide Statistics (2011).

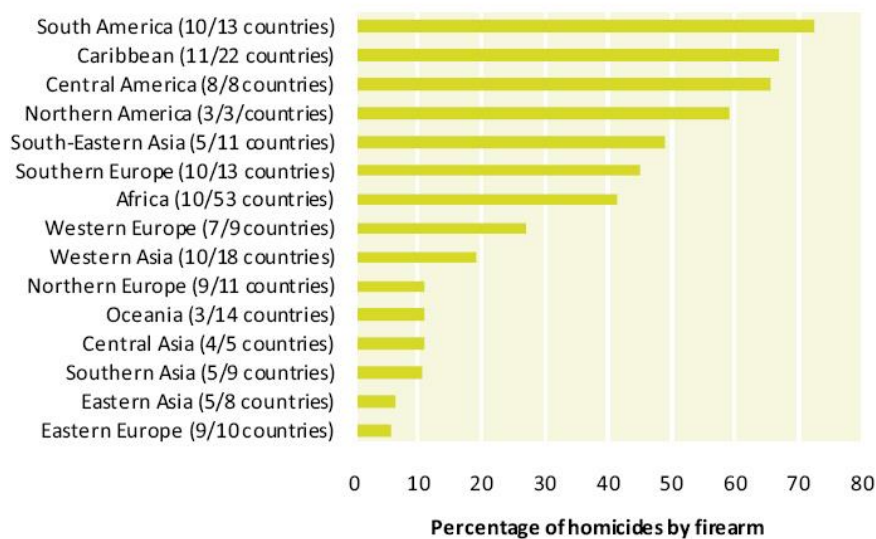
Imagem 2: Mapa das taxas de homicídio por país (2010 ou último ano disponível). **Fonte:** Disponível em: < https://www.unodc.org/documents/congress/background-information/Crime_Statistics/Global_Study_on_Homicide_2011.pdf >. Acessado em 04 de abril de 2018.

Os países com cores mais acentuadas no mapa são aqueles que registram os maiores números de homicídios no mundo. É notável que as cores são mais nítidas no continente africano e no continente latino americano, ou seja, de acordo com o relatório, lugares onde os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) se apresentam baixos, há uma maior chance dessas localidades apresentarem altas taxas de homicídios. Na América Latina damos destaque ao Brasil, Colômbia e Venezuela.

⁵⁷ O mapa ressalta a importância de se considerar os tipos de homicídios que ocorrem em cada país ou continente, muitos deles possuem variação em suas consequências e causas. Entretanto, ele ressalta que o número de homicídios tem a ver com o grau de desenvolvimento econômico e humano e com a concentração de renda.

Numa outra estatística, colocada pelo mesmo relatório das Nações Unidas, fica claro como que na América latina os assassinatos se desenvolvem, em especial com a utilização de armas de fogo. De acordo com o relatório publicado pela UNDOC⁵⁸ (2011) mais de 42% dos homicídios globais envolvem armas de fogo, essa relação se torna mais íntima no caso da América Latina, onde essa porcentagem chega a subir três vezes e meia em comparação com a Europa. De acordo com o relatório, esse número estaria ligado ao crime organizado e ao tráfico de drogas, e ainda ressalta que, não que não haja atividade criminosa na Europa e Ásia e outros continentes. Mas que na verdade, eles recorrem a outros meios para resolver suas desavenças, enquanto que na América Latina essa forma de conflito seria resolvida à base do extermínio ou do confronto direto. A figura abaixo demonstra a porcentagem dos homicídios em sub-regiões do planeta, e a América Latina assume posição de destaque nesse gráfico:

Fig. 3.2: Percentage of homicides by firearm in subregions (2010 or latest available year)



Source: UNODC Homicide Statistics (2011).

Imagem 3: Porcentagem de homicídios por armas de fogo em sub-regiões. **Fonte:** <https://www.unodc.org/documents/congress/background-information/Crime_Statistics/Global_Study_on_Homicide_2011.pdf>. Acessado em 04 de abril de 2018.

⁵⁸ *United Nations Office on Drugs and Crime*, traduzido: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes.

Analisando em âmbito global, vemos que a América Latina é um dos continentes mais violentos do mundo, isto se dá pela presença de países como Brasil, Colômbia e Venezuela, que apresentam altos índices de homicídios, especialmente por armas de fogo. Neste momento iremos fazer um recorte para o Brasil, com isso pretendemos compreender melhor a ideia do *Rapper* Eduardo, contextualizar a situação brasileira e suas relações com homicídios, demonstrando primeiramente o aspecto violento que o país possui.

De acordo com Daniel Ricardo de Castro Cerqueira (2014) analisando os dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM)⁵⁹ desde quando foi criado, em 1979, a previsão é que o Brasil tenha alcançado a marca de um milhão de homicídios até o ano de 2009⁶⁰, o que permite chegar ao patamar de um dos países mais violentos do mundo, ao lado de países da América Latina e alguns países africanos, conforme dados explorados no início deste tópico. De acordo com Cerqueira e Moura (2014), de 1991 a 2010 o número de agressões letais aumentaram de 20,9% para 27,2% a cada cem mil habitantes (CERQUEIRA; MOURA, 2014, p. 359).

No Mapa da Violência, publicado pelo instituto Sangrari⁶¹ em 2011, vemos que os números de homicídios no Brasil são estratosféricos. De acordo com o diretor desse instituto no Brasil, o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz, entre 2004 e 2007, nos 12 maiores conflitos armados no mundo, o Brasil conseguiu, sem disputas territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos, superar os números de homicídios de países com guerras declaradas (WASELFISZ, 2011, p. 20). Como pode ser visto pela Tabela 2:

⁵⁹ De acordo com Daniel Cerqueira (2014), com a criação do SIM, em 1975, e seu aprimoramento feito em 1979, com o surgimento do SUS em 1991, a coleta de dados foi descentralizada e passada para estados e municípios. Através dessa coleta por obrigação de lei, qualquer morte registrada deve-se emitir atestado de óbito que fica sob a responsabilidade médica. Quando a morte não for natural esse atestado deve ser emitido pelo médico legista, a partir disso são emitidas três guias: uma à família, outra ao município e uma ao Estado. É baseado nisso que o SIM detém as informações sobre as mais variadas mortes no Brasil.

⁶⁰ Mesmo se tratando do ano de 2009, falamos em **previsão** por conta de homicídios que não foram catalogados, que não geraram ocorrência para alimentar os dados do SIM.

⁶¹ Criado em São Paulo pelo físico Inglês Ben Sangrari, em 1997, o instituto é responsável por projetos de cunho social, divulgação científica e pela criação de mapas de violência no Brasil.

Tabela 2: Conflitos armados e número de mortos

<i>Conflitos Armados</i>	2004	2005	2006	2007	Total de mortes
<i>Iraque</i>	9.803	15.788	26.910	23.266	76.266
<i>Sudão</i>	7.284	1.096	2.603	1.734	12.719
<i>Afeganistão</i>	917	1.000	4.000	6.500	12.719
<i>Colômbia</i>	2.988	3.092	2.141	3.612	11.833
<i>Rep.Dem.do congo</i>	3.500	3.750	746	1.351	9.347
<i>Siri Lanka</i>	109	330	4.120	4.500	9.065
<i>Índia</i>	2.642	2.519	1.559	1.713	8.433
<i>Somália</i>	760	285	879	6.500	8.424
<i>Nepal</i>	3.407	2.950	792	137	7.286
<i>Paquistão</i>	863	648	1.471	3.599	6.581
<i>Caxemira</i>	1.511	1.552	1.116	776	4.956
<i>Israel VS palestina</i>	899	226	673	449	2.247
<i>Total 12 conflitos</i>	34.683	33.238	47.016	54.637	169.574
<i>Brasil: Homicídios</i>	48.374	47.578	49.145	47.707	192.804

Fonte: Mapa da Violência (2011, p. 21).

Ainda de acordo com o diretor, a dimensão continental do Brasil não pode ser utilizada como desculpa para estes números exorbitantes, sendo que, países parecidos em extensão como o Paquistão, de 185 milhões de habitantes e a Índia com um bilhão duzentos e quatorze mil habitantes, apresentam números bem abaixo que os dados brasileiros (WAISELFISZ, 2011).

De acordo com o livro *Por Que cresce a violência no Brasil* (2015), dos sociólogos Luís Flávio Saporì e do Gláucio Ary Dillon Soares, foi traçado um panorama sobre a situação brasileira no quesito homicídios e violência. De acordo com os pesquisadores, nos últimos anos o Brasil passou por um momento singular em sua história: ao mesmo tempo em que indicadores de violência aumentaram significativamente, em outro plano, o padrão de vida dos brasileiros em níveis sociais indicativos melhorou muito em relação às décadas do século XX, se for feita a comparação. Entretanto, essas melhoras não

repercutiram nos índices de homicídios no Brasil, tornando o país um dos mais violentos do mundo:

Passemos a analisar a dinâmica dos homicídios na sociedade brasileira nos últimos 30 anos. O número de vítimas de homicídios no país saltou de pouco mais de 10 mil no início dos anos 1980, para mais de 50 mil em anos recentes. Se somarmos o total de brasileiros assassinados nesse período de três décadas, obtemos um número assustador: 1.145.908 vítimas de homicídios (SAPORI; SOARES, 2015, p. 11).

Os sociólogos ainda cruzam outras informações sobre a escalada de violência no Brasil, em 2011 eram registrados por dia cerca de 130 homicídios, tendo a arma de fogo presente em 90% dos crimes letais, sendo que em muitos dos casos havia mais de cinco tiros disparados (o que mostra uma clara intencionalidade em se cometer o homicídio) (SAPORI; SOARES, 2015, p. 11). Waiselfisz (2014) concorda que a carnificina continuava, pois em 2012 morreram mais de 56 mil pessoas, o que representa 1,4 massacres do Carandiru por dia. Waiselfisz (2014) ainda enfatiza que entre 2002 e 2012, em uma década morreram assassinados no Brasil cerca de 556 mil cidadãos, número esse que excede e muito o número de pessoas mortas em conflitos armados ao redor do mundo.

Sapori e Soares (2015) constataram que o aumento do número de mortes letais no Brasil se desencadeou em um processo que se espalhou em todas as regiões, tendo destaque as regiões Norte e Nordeste, onde os números apresentaram uma alta de 15 para 35 homicídios para cada 100 mil habitantes, o que revela um crescimento superior a 100% entre os anos de 1999 e 2010. Não é sem nexos que no ano de 2011, dos cinco estados mais violentos do Brasil, quatro são da região Nordeste, sendo eles: Alagoas, Pará, Bahia e Pernambuco, e o mesmo fenômeno se repetindo em relação às cidades mais violentas do país, sendo elas: Maceió, João Pessoa, Salvador e Belém, o que demonstra uma mudança em relação à dinâmica do morticínio. Se nas últimas décadas do século XX a região Sudeste ocupava a posição de líder nos indicadores de mortes, no novo milênio esse infame patamar foi ocupado pelos estados e cidades nordestinas do país. Nas regiões Centro-oeste e Sul houve um leve aumento, e na região Sudeste um declínio em números de homicídios⁶² (SAPORI; SOARES, 2011).

⁶² É importante destacar que os números de homicídios cresceram no interior do país, isto devido a três fatores. Para Waiselfisz (2014), em primeiro lugar estaria o incentivo de empresas em se instalarem atraindo assim migrações buscando emprego e renda, mas também criminalidade pelo mesmo motivo. O segundo fator estaria relacionado com um melhor aparelhamento das polícias nas capitais, levando o crime a se articular de maneira

O destaque que o Nordeste terá em relação aos números de homicídios tem a ver com as dinâmicas das capitais do país. Para Waiselfisz (2014) os números de homicídios nas grandes capitais ou estagnaram ou caíram da seguinte forma, de 1998 a 2003 homicídios caem de 41,3% para 38,0%, de 2003 a 2007 os números caem novamente, de 38,0% para 34,6%, e de 2007 para 2012 os números têm novas baixas de 34,6% em 2007 para 31,6% em 2012. Mas é importante frisar que essa queda não se deu de forma homogênea nas capitais brasileiras, os exemplos são Manaus, Fortaleza, Salvador e principalmente Natal,⁶³ que tiveram aumento em seus números.

O que explica essa queda de números de homicídios nas grandes capitais foi justamente o papel desempenhado por São Paulo e Rio de Janeiro, que tiveram quedas exemplares: em São Paulo a queda foi de 70,7% e Rio de Janeiro 65,8%. Ou seja, por essas cidades terem uma considerável densidade de pessoas morando nessas localidades, e essas mesmo terem caído o número de homicídios, por outro lado, capitais no Norte e Nordeste terem aumentando seus números, isto afetou o panorama e o desenho de homicídios que ocorriam no país.

Os números nem sempre são tão transparentes, se por um lado eles expõem uma face mortífera, por outro lado eles também podem ser omitidos, é o que mostra a pesquisa lançada no Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), feita pelo pesquisador Daniel Cerqueira, sobre os homicídios ocultos, também chamados de HOs. Esses homicídios são caracterizados por não terem sido numerados e colocados nos bancos operacionais do Ministério da Saúde, isto devido à má comunicação entre os órgãos policiais e institutos médicos, problematizando e causando distorções sobre as mortes e suas causas. Cerqueira diz:

Estimou-se que, em média, cerca de 8.600 homicídios deixaram de ser registrados como tal, a cada ano no Brasil, o que equivale a um contingente de 129 mil HOs ocorridos nos quinze anos avaliados – de 1996 a 2010. Estando estes números corretos, entende-se que a taxa de homicídios no país seria 18,3% acima do que apontam os números oficiais; e assim já se teria atingido a marca de 62.375 homicídios, em 2009 (CERQUEIRA, 2013, p. 44).

mais eficaz no interior, e o terceiro fator e último, uma melhor cobertura de dados de homicídio no interior, que permitiu uma melhor clareza sobre os números de homicídios (WAISELFIZ, 2014, p. 68).

⁶³ De acordo com Waiselfisz (2014) a cidade de Natal passou de 13,9 mortos por cem mil habitantes para 55,8 por cem mil habitantes, ou seja, quadruplicou seus números numa década.

O que essa pesquisa feita pelo IPEA e discutida por Cerqueira (2014) demonstra, é que os números foram muito maiores de homicídios no Brasil, e em muito devido a problemas técnicos e falta de diálogo do Estado em resolver tais medidas. O fato de o Brasil ser um país altamente violento, demonstrado por números, e o próprio Eduardo conhecendo toda essa realidade composta pela sociedade brasileira e seu caso singular, fez com que ele afirmasse com veemência em seu livro a frase: “Estamos em guerra”, e nessa guerra com um objetivo: realizar uma lavagem ética e social. De acordo como *Rapper* essa tática só é possível devido ao papel da publicidade, criada ou permitida pelo Estado, que faz parecer que bombas no Iraque são verdadeiros infernos, enquanto que no Brasil a imagem de “paraíso tropical” seria amplamente divulgada. Uma guerra contra esse Estado, que sabendo desse ínfimo patamar age pouco, age mal e principalmente contribui para a escalada de violência que se desencadeou no Brasil.

Para Eduardo Taddeo (2012) até mesmo a administração do país pratica verdadeiros crimes de guerra, que munidos de estratégias visam a transformação de cidadãos em escravos, em uma nação de excluídos sociais devidamente explorados e mal tratados. Para o ativista, a noção é tão premeditada que esses “criminosos” que gerem o país, conseguem devidamente fazer essa aniquilação política e social sem ter necessariamente antecedentes criminais. Para o *Rapper*, a democracia no Brasil é uma cortina de fumaça e as garantias constitucionais se tornaram inconstitucionais para o povo⁶⁴.

Não obstante, para ele toda essa maquinaria formada pelo Estado, em cooperação com a elite burguesa, só seria possível devido a vários fatores, elencamos alguns deles: primeiro a incultura e segundo o contentamento induzido. Para Eduardo toda formação escolar e midiática formam pessoas a acreditarem que enquanto não cair mísseis ou bombas atômicas, pulverizando o ar e civis, ou minas terrestres que explodem ao pisar, os brasileiros não considerariam uma guerra. Para o ativista, o brasileiro é ensinado desde o berço tenro que não pode haver guerra em um país que se comemora carnaval e o transforma em símbolo

⁶⁴ Para enfatizar esse processo, Eduardo Taddeo cita que umas das garantias fundamentais em uma democracia é a liberdade de expressão, e que a prova que isso não ocorre no Brasil é: se que qualquer favelado quiser subir em um palanque e fazer as denúncias ou tomar uma posição de destaque no cenário para realizar a denúncia será eliminado pela tropa de choque do aparato Estatal. O livro do *Rapper* escrito em 2012 coincide, ou melhor, desde dessa época já confirma a aniquilação de pessoas que se opõem ao modelo de Estado penal que gere o país, exemplo claro disso foi a execução, em 2018, da vereadora Marielle Franco, favelada, e como ela gostava de se intitular “cria da Maré”, uma favela no Rio de Janeiro. Vereadora essa que fazia fortes critica às UPP’s, à corporação militarizada da polícia, assim como, à intervenção federal ocorrida no ano de 2018 na capital fluminense.

máximo do país no exterior, um país alegre, feliz, sem problemas, mas que para o *Rapper* é o oposto (TADDEO, 2012).

Para Eduardo, a situação de carnificina estrutural do Estado Brasileiro é devido a mais dois fatores que dramatizaram ainda mais a situação: primeiro, que assim como Ruanda, em que uma guerra civil causou milhares de mortes, os próprios favelados e os excluídos, política e socialmente falando, contribuem para aumentar as cifras morticidas no Brasil, o *Rapper* diz:

Assim como em Ruanda, estamos nos despedaçando mutuamente por indução do inimigo. Estamos banhando em sangue: as pessoas de nossa mesma raça, que falam o mesmo idioma, que são nossos vizinhos, nossos colegas de escola ou de trabalho. Estamos banhando em sangue: as pessoas da rua de cima, da outra favela, do outro barraco, do outro x da outra cela. Fazemos exatamente o que o sistema quer e como um adendo: para a formação do nosso próprio calvário, agimos em perfeita sintonia com os covardes fardados [...] de posse de nossos intelectos sequestrados, conseguimos a execrável façanha de levarmos tantos favelados para os túmulos, quanto à força homicida e repressora do Estado. Não acredita? Faça as contas (TADDEO, 2012, p. 65).

O segundo fator preponderante para os números exorbitantes da guerra não declarada diz respeito à escassez de material, que não é compatível para salvar vidas baleadas com fuzis e outros materiais de uso exclusivo do exército de uma guerra, além de uma insensibilidade dos profissionais que trabalham no SUS. As críticas do *Rapper* são destinadas principalmente aos médicos que trabalham e são movidos pelo ódio e desprezo de classe, principalmente aos mais pobres. Sobre esses profissionais, Eduardo chega a compará-los ao médico da Alemanha nazista Josef Mengeles famoso, por sua inescrupulosidade ao realizar experimentos com presos políticos. Aliás, Eduardo ainda enfatiza que o ato de atirar em uma pessoa e o ato de se omitir socorro (o que para o *Rapper* é uma prática comum quando se trata de suspeitos vindos baleados em confronto, seja com a polícia ou com outros grupos de narcotraficantes), tem o mesmo peso na produção de estatísticas sobre a mortalidade. Sobre essa realidade, o *Rapper* esboça:

Para que vidas não sejam perdidas em decorrência de graves estragos ocasionados em combates armados, é fundamental que haja: medicina compatível com a realidade, equipamentos dentro do prazo de validade e principalmente, profissionais especializados e motivados. Exatamente, tudo o que uma pessoa crivada de balas não encontra nos locais reservados para o

“salvamento” dos pobres. A medicina nacional dos muito Josef Mengeles, não se reformulou na mesma velocidade e dinamismo, em que a revolução tecnológica produziu novas máquinas de matar. [...] Este fenômeno incrível, resultou em pacientes com ferimentos de última geração, sendo tratados com mertiolate, gases e esparadrapos. Enquanto a classe médica do Brasil se empenha em encontrar a cura para enxaqueca, seus pacientes, há muito, já estão na época dos danos causados por munições perfurantes, disparadas de fuzis FAL 7.62, fabricados para transfixar alvos blindados (TADDEO, 2012, p. 78-79).

Posteriormente o ativista culpabiliza a mídia por ser totalmente parcial e não realizar um debate profundo sobre o tema da violência urbana, e camuflar mais uma vez o papel da saúde em evitar os homicídios, jogando luz apenas para os conflitos entre o Estado e traficante, ou até mesmo entre narcoguerrilhas por disputas de território, nisso o Rapper diz:

Quando os parciais meios de comunicação atribuem à narcoguerrilhas, a responsabilidade integral pelo número impactante de macas congestionando os corredores, que despacham despedaçados a base de liga de chumbo para o IML, está na verdade eximindo o Estado de sua culpabilidade. Estão na verdade isentando o Estado de uma culpa que começa na desigualdade social, passa pela cultuação da brutalidade, faz um pit stop na truculência dos órgãos, repressores e termina na inoperância das barracas de feridos à moda da casa (TADDEO, 2012, p. 356).

Após todo esse aporte Eduardo Taddeo chega a concluir em dos trechos do seu livro, que o brasileiro não precisa temer uma possível Terceira Guerra Mundial. Para o Rapper, o território brasileiro já é uma receita com ingredientes de várias guerras do mundo, dando uma singularidade ao país:

Os brasileiros, não precisa temer a terceira guerra mundial, pois já somos o anfitrião desse palco mortífero, pois a globalização do horror fez de nossas planícies esverdeadas, o anfiteatro de um genuíno embate universal. Ex: Colômbia e Bolívia com a cocaína, Paraguai com a maconha, a Europa além das drogas sintéticas enviadas da Holanda, embebedamos com os produtos importados das quatro das cinco maiores empresas de álcool do mundo. A união soviética antes de desfalecer mandou os fuzis ak kalashnikov. No continente asiático a China e Índia cooperam aumentando o seu consumo de alimentos, com isso, os preços sobem em todo mundo e consequentemente a cesta básica das favelas diminui. Oriente Médio entra em cena com a alta do barril do petróleo, motivada por sua escassez e pela instabilidade política. Israel contribui ensinando táticas de guerra pela polícia secreta mossad, para as tropas brasileiras aplicarem nas vielas dos bairros periféricos e morros. Os EUA oferecem os fuzis ar-15 e suas cadeias de fast food com iguarias gordurosas, viciantes e fatais, nos brindam com a norte-americanização e a exploração de nosso povo feita através da imposição de sua cultura, da

brutalidade de suas empresas e da desonestidade de seu sistema capitalista eliminacionista (TADDEO, 2012, p. 78-79).

Eduardo Taddeo, ao se debruçar sobre este tema da violência urbana e defender uma tese que no Brasil há uma guerra não declarada, uma guerra que foi construída e se mantém por diversos fatores. Uma guerra que se pauta no embrutecimento da população a não se reconhecer como parte de uma classe que está sendo dizimada e contribui para a dizimação com meios violentos para resolver questões, acrescentada por um sistema de saúde ineficiente, ao estado de calamidade dos combates travados em solos brasileiros, por profissionais que atuam nele e são movidos por ódio e desprezo de classe, seja pela parcialidade da grande mídia em dar destaque diferente para mortes e principalmente, acobertar a negligência médica.

Entretanto, esses não foram os únicos pontos que para Eduardo são fundamentais para a eclosão dessa guerra não declarada. Ao analisar o livro conseguimos extrair 13 pontos que o *Rapper* concebe e vê como mola propulsora da violência no Brasil, sendo eles: a injustiça social; o sentimento de impunidade; a política transformada em balcão de negócio; a insensibilidade daqueles que governam os altos postos do poder; a falta de sentimento de união e de classe dos brasileiros; o antigo Código Penal Brasileiro de 1940, que não consegue corresponder a uma realidade palpável; o sistema carcerário falido e incompetente; o desemprego urbano e rural; a alienação da população; a falta de acesso de educação e cultura; a ausência de políticas públicas eficientes; a herança da organização colonial brasileira, marcada profundamente pela escravidão e, por último, o acesso irrestrito às armas de fogo (TADDEO, 2012, p. 81).

Por outro lado, é importante pontuar que, apesar do cenário sangrento, violento e dramático, é digno de nota que a atmosfera mortífera, ou melhor, a gestão da morte ocorre em diferentes faixas etárias, em grupos específicos, agindo no critério de classe e raça, demonstrando uma situação mais eliminacionista e segregado em regiões, Eduardo Taddeo (2012) vai chamar esse grupo específico de *quarteto fantástico*, sendo eles: jovem, negro, pobre e morador de favela. É este tema que trataremos no próximo tópico.

2.2 - O negro e a violência: quem não tem sangue de preto na veia deve ter na mão

*Não conta com a gente pra assinar seu jornal
Vocês descobriram o Brasil, né? Conta outra Cabral
É um país cordial, carnaval, tudo igual
Preconceito racial mais profundo que o Pré-Sal*

Rennan Inquérito

Ao observar a violência no Brasil através dos dados fornecidos pelas diversas instituições e pesquisadores sobre o tema, percebe-se que a vitimização da população brasileira não ocorre de forma homogênea. Ao trabalhar com os números vê-se uma ocorrência em um determinado grupo específico: a população negra claramente saí à frente das infelizes estatísticas de mortalidade. Mas não apenas isso, é também a população jovem e negra a que mais sofre com esse processo.

De acordo com Luís Flávio Saporì e do Gláucio Ary Dillon Soares (2011), foi justamente na idade juvenil em que o número de homicídios aumentou de forma significativa, segundo eles a taxa de homicídio mais que duplicou entre os anos de 1980 a 2011, aumentando de 19,6 por 100 mil habitantes para 50 homicídios. Para os autores, os jovens são as principais vítimas desse processo violento, entretanto, também são os principais veiculadores dessa violência, tendo entre eles os principais autores da criminalidade violenta⁶⁵.

Ao analisar o Mapa da Violência divulgado pela UNESCO (2004), vemos que em sua grande totalidade, a parte mais afetada por esta violência são os jovens. Em 2002, dos 47.885 mil óbitos juvenis, 34.486 tiveram em suas origens causas externas, isto é, violentas. Os dados ficam mais alarmantes quando a faixa de idade é estipulada entre 15 e 24 anos, onde a taxa por motivos de violência chega a 72%, e desses 39% são homicídios (WAISELFISZ, 2004).

Para Waiselfisz (2014) se olharmos apenas o ano de 2012 veremos a fatalidade da situação, naquele ano, os jovens correspondiam a 26,9% do total de uma população que tinha naquela época 194 milhões de habitantes, entretanto, somavam 53,4% dos homicídios (WAISELFISZ, 2014).

⁶⁵ Para os sociólogos a explicação desse aumento significativo está relacionada como aumento do tráfico de drogas e do crime organizado, assim como, as formas com que o Estado lida com esses problemas. Esse tema sobre drogas e proibicionismo será tratado a partir da visão do *Rapper* nos tópicos finais desse capítulo.

Quando relacionado com a cor dos indivíduos, fica bem claro quem são os maiores afetados dessa violência que incide sobre a juventude brasileira. De acordo com o gráfico, os jovens negros brasileiros possuíam até o ano de 2004, 65,3% de chances a mais de serem assassinados, conforme mostra a Tabela 3.

Tabela 3: Homicídios entre negros e brancos

Homicídios		População	
Branco	Negro	Branca	Negra
18.852	26.915	91.528.814	79.072.701
Mil mortes	Mil mortes	20,6%	34,0%

Fonte: adaptada do Mapa da Violência (2004, p. 57).

No Mapa da Violência, divulgado pelo Instituto Sangrari em 2011, em relação à cor observamos que aumentaram gradativamente os casos de pessoas negras mortas no Brasil. É o que mostra a Tabela 4 abaixo.

Tabela 4

Evolução dos Homicídios					
2002		2006		2010	
Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro
18.852	26.915	15.753	29.925	13.668	33.264
Mil mortes		Mil Mortes		Mil Mortes	

Fonte: adaptada do Mapa da Violência (2011, p. 61).

De acordo com o Mapa da Violência (2011), o número de pessoas brancas caiu de 18.852 mil mortes para 13.668, o que representa uma queda de 27,5%, entretanto, entre os negros o número aumentou de 26.915 para 33.264 mil mortes, ou seja, um aumento de 23,4%. Somente no ano 2012 morreram 82,7% mais negros que brancos (WAISELFISZ, 2011).

Avaliando a situação no período de 2002 a 2012, Waiselfisz (2014) afirma que os números, que vinham crescendo desde 1980, se estagnaram na chegada do novo milênio. Ele cita o exemplo de que no ano de 2003 o Brasil registrou 28,9 homicídios por 100 mil habitantes, já no ano de 2012 esse número fica em 29,0 por cem mil habitantes, ou seja, quase idênticos. No âmbito juvenil são as mesmas características, no ano de 2003 foram assassinadas 57,0 pessoas por cem mil habitantes, para no ano de 2012 chegarmos à marca de

57,6 por cem mil por habitantes. O autor acredita que os números foram estagnados, entretanto, a gestão da morte foi direcionada, aumentada para a população negra, porque como mostramos nas tabelas anteriores, o nível de pessoas brancas que estavam sendo mortas foram caindo no decorrer do tempo, enquanto que para a população negra ele vem aumentando.

Waiselfisz (2014) pontua alguns dados importantes, segundo o autor, apenas no ano de 2002 morreram 73% mais negros que brancos, o que traduzindo em números significa que, a cada morte de uma pessoa branca, equivale a duas pessoas negras assassinadas, já em 2012 sobe pra 146,5%, ou seja, um aumento palatino de 100,7 %. E a média em comparação entre 10 anos de estudo do autor entre 2002 e 2012, o número de pessoas brancas assassinadas cai 24,8% e de negros cresce 38,7% (WASELFISZ, 2014, p. 184).

O pesquisador enumera algumas questões que podem estar influenciando na alta de morticínio de negros, segundo ele existiu naquele período uma privatização dos aparelhos de segurança, ou seja, o Estado estava cada vez mais diminuindo seu raio de ação em serviços básicos essenciais como educação, saúde e previdência social. E acontece o oposto para as pessoas que detêm melhores condições financeiras, pois podem pagar por serviços privados que oferecem melhores serviços e assistências, para Waiselfisz (2014) esse fenômeno vinha ocorrendo com os aparelhos de segurança. O autor traz um dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011 para corroborar sua argumentação, segundo o estudo geralmente a população branca tem renda de R\$3.465,30 enquanto que a população negra possui uma renda de R\$1.978,30, ou seja, a população branca, por receber melhores salários e em consequência disso viver em lugares mais abastados, consegue ter o mínimo de segurança do Estado e ainda “pagar” por segurança privada, privilégio esse que a população pobre e geralmente preta não tem.

Para o autor, outro dispositivo que é fundamental nesse processo, é o fato da cobertura de segurança ser desigual nas áreas geográficas, ou seja, certos espaços são ocupados pelo Estado devido sua visibilidade política e por seu impacto na opinião pública. Ou seja, ele ocupa regiões pensando nas que lhe vão favorecer politicamente e não na necessidade de ofertar um serviço digno para a população. Waiselfisz (2014) argumenta que a própria mídia é conveniente com esse processo, pois ela dá destaque desigual de acordo com o status da vítima. Isso significa que há uma segurança dupla na população branca, primeiro por morar em áreas de melhor “visibilidade” política e contar ainda com a presença de uma

mídia que pode lhe dar mecanismos de visibilidade se algo de ruim acontecer, enquanto que a população pobre e negra sofre com a ausência das duas formas de segurança.

O terceiro ponto levantado por Waiselfisz (2014) é justamente na naturalização e aceitação social da violência em que são tratados alguns grupos, geralmente minorias: negros, mulheres, trans, e para o autor esses grupos, além de sofrerem violência física, sofrem ainda com a culpabilidade que lhes é atribuída como detentores do próprio infortuno, por exemplo: “foi estuprada porque estava com roupa curta”, “pessoas negras com bermudão e boné são automaticamente encaradas como suspeitos”.⁶⁶

Daniel Cerqueira e Danilo Santa Cruz Coelho (2017) fizeram uma crítica ao conceito de “democracia racial” e também que os negros estariam sendo mortos não por serem negros, mas por problemas socioeconômicos. Para os pesquisadores, as mortes de negros no Brasil têm relação direta como racismo e seria esse mesmo racismo que empurraria para as questões socioeconômicas e não o inverso. De acordo com eles, o racismo operou em três fatores que foram determinantes para perpetuar e promover as desigualdades, sendo eles: restrições aos afrodescendentes na parte educacional, que se estendem desde o processo de abolição; um processo de segregação nas escolas, onde os melhores estabelecimentos de ensino estão destinados às pessoas mais ricas; e terceiro, o racismo institucional que alguns professores reproduzem ao criar expectativas negativas sobre o aluno, numa profecia que os autores chamam de “autorrealizável” (CERQUEIRA; COELHO, 2017, p. 12).

Dialogando com diversos autores, Cerqueira e Coelho (2017) justificam suas afirmações dizendo que, antes mesmo da abolição da escravatura e pós-abolição, a entrada de pessoas negras na educação era dificultada por questões objetivas e materiais claras, e que a primeira república do Brasil não expandiu os direitos políticos e muito menos garantiu a todos o direito à educação, deixando essa classe cada vez mais marginalizada e sem chance de competir na nova ordem política e econômica.

Segundo fator citado pelos pesquisadores é a separação de alunos em escola por questões econômicas. Enquanto os alunos de classe pobre, e em maior proporção afrodescendentes, são matriculados em escolas públicas, os alunos das classes mais abastadas frequentam escolas particulares, com um teor educacional melhor e com mais capital financeiro e cultural a oferecer, o que para os autores contribui para a permanência da desigualdade na sociedade. Os autores ainda assinalam que existia um tratamento

⁶⁶ Voltaremos a esse tema no final da Dissertação ao falar sobre a criminalização da pobreza.

diferenciado dos profissionais da educação enquanto trabalhavam em escola onde a clientela é mais rica e onde a clientela era mais pobre. Segundo eles há um otimismo em relação no primeiro caso, onde estudam a classe mais abastada, já que era de se esperar o sucesso vindo com todas as condições favoráveis, e que caso contrário o não sucesso “sujaria” o nome da instituição, exercendo nos professores uma maior energia para que isso não acontecesse. Entretanto, quando na escola em que a clientela é mais pobre, se tem a percepção de que o ensino é “inútil” justamente pelas condições econômicas e sociais impostas àquele grupo, seria a chamada profecia “autorrealizável” sobre o futuro incerto e não promissor daqueles alunos, que de certa forma estigmatizaria um grupo inteiro (CERQUEIRA; COELHO, 2017, p. 13).

Outro ponto citado pelos pesquisadores no estudo do IPEA é que o racismo opera no mercado de trabalho, novamente empurrando os negros para a margem do sistema socioeconômico. Cerqueira e Coelho (2017), dialogando com outros autores, citam que chefes racistas podem dificultar a contratação de negros, assim como outros mecanismos que operam o racismo, como, por exemplo, uma visão discriminatória sobre um determinado grupo, nesse caso negros, oferecendo uma série de obstáculos em empregos que ofertariam melhores salários, nesse sentido, alguns cargos funcionariam como “clubes fechados”, ou seja, só podem entrar e exercer tal função se a pessoa corresponder a certos requisitos sociais, econômicos e físicos.

Outra prática é o que eles classificam como “discriminação estatística”, ou seja, na hora da contratação o empregador não sabe identificar ou fica em dúvida de qual profissional terá uma maior habilidade com o tipo de serviço ofertado, nisso o empregador se baseará em alguma característica observável, sendo uma dessas observações a cor da pele, isto é, a discriminação estatística reforça e promove o racismo. Tendo em vista que os negros, por não ocuparem lugares de destaque na sociedade (devido aos fatores já mencionados acima), não seriam capazes de realizar os serviços com excelência. Corroborando com os estereótipos espalhados na sociedade que são forjados ao longo dos anos por práticas históricas e culturais (CERQUEIRA; COELHO, 2017, p. 13).

Não obstante, é nesse ponto do estereótipo que os pesquisadores do IPEA articulam que existiria uma carga histórica e cultural que associa a população negra como perigosa, ordeira e suspeita tradicional de crimes. Isto é visto principalmente pelos aparelhos

de justiça, dentre eles a polícia, já que é a primeira instância entre a lei e a sociedade, para os autores o estereótipo dos negros:⁶⁷

Por outro lado, a perpetuação de estereótipos sobre o papel do negro na sociedade muitas vezes o associa a indivíduos perigosos ou criminosos. A repetição desses estereótipos implica em um processo de reificação, em que o indivíduo pela sua cor de pele termina sendo estigmatizado e percebido como desprovido de sua identidade individual. Trata-se de um processo de desumanização que faz aumentar a probabilidade de vitimização destes indivíduos (CERQUEIRA; COELHO, 2017, p. 16).

Os autores Cerqueira e Coelho (2017) ainda trazem um ponto parecido com Waiselfisz (2014) sobre a cobertura da mídia naturalizando as mortes de pessoas negras, chegando às vezes nem ser mais notícia. E quando o é, acaba estigmatizando ainda mais as vítimas, as colocando ou aproximando como prováveis “suspeitas”, tratamento esse que não é dado quando a vítima é branca e tem uma condição financeira favorável. Os autores ainda advertem que há uma retroalimentação quando se trata do capital humano e de renda, sendo que o negro possui letalidade muito maior que o branco no Brasil. Quando ele morre automaticamente a renda dele é subtraída da família, caso ele tenha filhos, isto pode, a longo prazo, comprometer a educação dos seus herdeiros, refazendo e recriando o ciclo (CERQUEIRA; COELHO, 2017, p.16).

Eduardo Taddeo não se omite sobre o aspecto racista de mortes no Brasil,⁶⁸ o *Rapper*, entretanto, irá vincular esse genocídio negro à causa política, e acima de tudo, vai historicizar a questão, ou seja, o morticínio da população negra brasileira não é um processo novo, que chega ao século XXI, pelo contrário, é uma regra que acontece desde o passado colonial.

Tomando como base o processo de formação da nação, passando pelos períodos colonial e imperial, Eduardo Taddeo irá criticar os livros escolares, e afirmar que eles simplesmente servem como um elemento de “encortinamento” das lutas dos indígenas e negros escravizados. Ao fazer isso, o *Rapper* deixa claro acreditar que a história é um dos

⁶⁷ A criminalização e a carga de estereótipo da população negra que foi brevemente abordado no tópico: Urbanização brasileira aos *fronts* de madeirite.

⁶⁸ Eduardo Taddeo irá apresentar argumentos sobre o racismo no Brasil e em relação a mortes de jovens negros no segundo volume da obra lançado em 2016. Na versão II, o *Rapper* dedicou um capítulo chamado *o Povo escolhido*. E argumentou como o processo de racismo no Brasil foi institucionalizado, afetando os cidadãos negros de diversas formas sendo não apenas nas mortes físicas, mas também, na educação e no mercado de trabalho, cooperando assim para um estigmatização e marginalização.

meios pelo qual a elite brasileira controla e legitima o passado, fazendo com que as populações negras e pobres herdeiras desse processo percam o lastro com o sua ancestralidade e através disso, não reivindicuem cobranças devidas e o fim da mortalidade, que já acontece desde a conquista do Brasil.

Para Taddeo (2012) a maior batalha que se pode ter no terreno político chama-se justiça social. É a partir desse preâmbulo que direitos são conquistados e mantidos, é através desse fundamento que se forma uma sociedade mais equilibrada. E para o Rapper vai justamente ser na contramão que o Brasil caminha, na base da injustiça social, é na base dela que se deflagra e se propaga a guerra não declarada. Uma dessas injustiças se fará presente não apenas no processo de morticínio da população negra, mas também no ato de negá-la da importância do seu passado histórico para a formação do Brasil (para justamente impedir a reivindicação dos direitos ligados à justiça social). Contribuição essa que não se restringe apenas no plano econômico, mas também no ponto de vista social e principalmente cultural, já que para o *Rapper*:

O negro, além de ajudar a construir o Brasil, colaborou para a formação de sua identidade! A africanidade está tatuada na religião, na música, na literatura, no vestuário, na língua falada, no vocabulário, na ciência, no modo de ser e de raciocinar de quase todos os brasileiros. Aos olhos do planeta, a nossa “amada pátria” é vista como uma pátria negra! Quando os habitantes de outras regiões do mundo pensam em nosso “território feliz”, a primeira imagem que vem à cabeça, é a do menino de pele escura chutando uma bola! (TADDEO, 2012, p. 125).

Para Taddeo (2012) as origens desse país “moedor de gente”,⁶⁹ com preferência pela carne negra, podem ser buscadas e entendidas quando olhamos para trás e percebemos as bases racistas na qual o Brasil foi consolidado. Neste sentido, o autor lançará seus olhos para o passado escravista colonial e imperial, e com sua interpretação do passado alegar que foi exatamente nessa condição de colônia e império exportador, que tivemos a gestação do país segregacionista, exclusivista e eliminacionista. Taddeo acredita que isso não cessou, especialmente para os homens e mulheres negras que carregam o estigma da cor e dos traços raciais de milhares de pessoas que foram sequestradas na África, utilizadas como mero instrumento de trabalho pelas mãos dos colonizadores portugueses, e posteriormente pela elite

⁶⁹ Termo largamente utilizado pelo antropólogo Darcy Ribeiro.

brasileira. Ele irá juntar a proposição de raça e classe, e explicar o que elas têm a ver com o passado escravista e o século XXI:

A maquinação brutal usada para quebrar o nosso elo com o passado, foi aplicada com tanta eficácia, que nenhum habitante da favela é capaz de dizer, ao certo, de que tribo ou país a sua gente é originária. Os que têm a pele clara acreditam descender de portugueses, já os com pele escura tem consciência que boa parte de seus genes vem do continente africano, mas não sabem precisar de que país. Poucos conhecem o significado real do povo brasileiro: uma etnia surgida de um misto de avareza, materialismo, sofrimento, escravidão, ódio, preconceito, racismo, discriminação, violência, medo, dor e sonhos de liberdade. [...] Somos os miscigenados sem identidade! Impedidos de ter acesso ou de reconstituir a nossa própria história, fomos obrigados a engolir a trama elaborada arditamente para nos ludibriar (TADDEO, 2012, p. 99).

Para Taddeo (2012) é justamente essa ausência, a falta de uma consciência história que liga ao passado que impede os favelados de agirem como uma classe e reivindicar direitos. Para o autor, esse processo de apagamento do contexto histórico, e principalmente como descendentes de sujeitos históricos que foram silenciados, escravizados, negligenciados e estropiados, faz parte de uma estratégia de poder utilizada por uma elite que quer deixar a massa herdeira desse processo, dócil e amansada e propensa a endossar os números infelizes das estatísticas de homicídios. Taddeo pontua que: “É primordial nos fazer acreditar, que o passar dos anos foi um tipo de lâmina mágica, que cortou o cordão umbilical que liga as catástrofes aos seus genitores!” (TADDEO, 2012, p. 102).

O autor cita que um dos problemas centrais é a linguagem em que são tratados os colonizadores Portugueses e conseqüentemente europeus, havia uma conveniência dos livros didáticos em retratá-los suavizando suas figuras:

Descobridores, conquistadores, colonizadores, desbravadores, evangelizadores, escravizadores, invasores, alienadores, imperadores, homens bons e reis. Nunca como: saqueadores, estupradores, escravizadores, invasores, alienadores e genocidas. As suas operações desumanas são maquiadas e passadas oitocentas horas⁷⁰ por ano nos recintos estudantis, de forma enganosa e criminosa, para iludir as crianças das periferias (TADDEO, 2012, p. 98).

⁷⁰ Eduardo refere-se aqui às 800 horas obrigatórias de horas/aulas prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, popularmente conhecida como LDB.

Esse processo, para Eduardo, esvaziaria o sentido político da colonização brasileira e, principalmente, relegaria em segundo plano os atores tão importantes como os negros e os índios escravizados, que para o *Rapper*, nos livros didáticos são tratados como “selvagens” e “bárbaros”. Eduardo chama isso de Euro-Conspiração: “Na narrativa deturpada de nossa história, os papéis de protagonistas serão sempre entregues aos algozes que começaram as edificações das crises humanitárias de nossos tempos” (TADDEO, 2012, p. 99). Este fato de retirar o protagonismo das minorias, sendo elas negras ou indígenas, para o autor é uma forma de desarticular uma possível construção de identidade coletiva entre os favelados, como o próprio comenta sobre o processo colonial brasileiro e sua continuidade no processo de subjugação dos favelados e pessoas pobres:

A meta do subjugo psíquico, sempre foi entorpecer os nossos cérebros, para que em meio à louvação do inimigo, nunca fossemos capazes de elaborar um simples comparativo que nos fizesse perceber o óbvio: que os festejados latrocínias do passado, carregam uma extraordinária carga de parentesco com os abutres da atual classe AAA (TADDEO, 2012, p. 101).

Para o *Rapper*, outra prática de perpetuação de poder seria justamente a homenagem feita àqueles que há anos atrás forjaram pactos com a elite, em desfavorecimento com as minorias, sejam elas indígenas ou negros escravizados. Essa prática de homenagear esses “parceiros” pode ser vista em nomes públicos, sejam eles praças, ruas, avenidas ou até mesmo na construção de monumentos, para o *Rapper*:

O endeusamento dos massacradores, no lugar dos massacrados, é a premiação do lado que fica vivo para elaborar a narrativa dos acontecimentos. Desta maneira, sem nenhum opositor para contestar a versão oficial em razão de terem sido sufocados no próprio sangue, nasce a rua bandeirantes, o bairro bandeirantes, a rodovia dos bandeirantes, o hospital bandeirantes, os brinquedos bandeirantes, a universidade Bandeirante, o Palácio dos Bandeirantes, a TV Bandeirantes (TADDEO, 2012, p. 101).

Uma das críticas mais ácidas do *Rapper* sobre esse processo de cristalização e continuação de poder é sobre a estátua de um bandeirante chamado de Borba Gato situada na ex-cidade, hoje bairro: Santo Amaro, na região sul da cidade de São Paulo. Para Eduardo é uma afronta aos descendentes de índios e negros escravizados se depararem com uma estátua tão suntuosa deste bandeirante.



Imagem 4: Estátua do bandeirante Borba Gato inaugurada na década de 1960 na cidade de São Paulo, a sua posição foi colocada para que a frente indique o sertão e de costa para o mar, da onde viriam os colonizadores. A obra foi feita pelo escultor Júlio Guerra, a estátua possui peso de 40 toneladas e 10 metros de altura. **Fonte:** <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/05/1457824-site-faz-passeio-por-15-lugares-feios-de-sao-paulo.shtml>>. Acessado em 28 de abril de 2018.

Nesse mesmo sentido, Eduardo Taddeo propõe um exercício de reflexão sobre o passado/presente, ao imaginar Zumbi dos Palmares caminhando nos dias atuais e vendo essas homenagens em ruas e avenidas com o nome dos seus algozes,⁷¹ sobre isto ele diz:

Imagina você, no dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi, o mártir da luta contra a escravidão, caminhando na rua que carrega o nome de: Domingos Jorge Velho- em homenagem ao bandeirante desgraçado, contratado pelo governo de Pernambuco e pelos senhores de engenho, para aniquilar o maior símbolo de resistência a favor da liberdade no Brasil. Nada mais sugestivo, do que o tal endereço estar situado no município de Franco da Rocha, caracterizado por abrigar unidades prisionais construídas, justamente, para encarcerar os miscigenados pobres (TADDEO, 2012, p. 111).

O Rapper voltará sua atenção para a Independência do Brasil, acusando esse processo de uma fraude e simplesmente uma passada do bastão para o filho de uma mesma

⁷¹ É digno de nota que essas críticas do Rapper Eduardo não são feitas apenas por ele, mas também por outros grupos que se veem afrontados com essas imagens e homenagens em locais públicos dos bandeirantes, temos o exemplo das pichações feitas sobre o mesmo Borba gato e na Estátua dos Bandeirantes, em São Paulo no ano de 2016. Como também grupos de *rappers* que atacam com versos indigestos sobre essas “homenagens”. Um exemplo disso é o grupo de *Rap* chamado Inquérito, que em uma das suas letras traz os seguintes versos: “Bandeirantes, Anhanguera, Raposo, Castelo/ São heróis ou algoz? Vai ver o que eles fizeram/ Botar o nome desses caras nas estradas é cruel/ É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel”.

família. A inauguração do processo de independência não simbolizou o nascimento de uma nova nação, para o autor houve uma continuidade perversa, eliminacionista e pautada na escravidão negra. O *Rapper* ainda enfatiza que, durante o império, várias foram as leis que tentaram remediar e alongar a escravidão negra no Brasil, as elites dirigentes dependentes da mão de obra escrava não queriam desfazer de suas “propriedades” e para tentar agradar a crítica externa, muitas delas originárias da Inglaterra. Então o Brasil criou as leis para “Inglês ver”, sendo elas: *A lei do ventre livre* (1871), que garantia que toda criança nascida a partir dessa data seria forra, e *A lei do sexagenário* (1885), que libertava os escravos com mais de 65 anos.

Eduardo comenta que essas leis eram para privilegiar os escravagistas, que não teriam mais custos com novos cativos e nem com os velhos, que já não conseguiam trabalhar. Para o *Rapper*, essas duas leis ainda davam um anestésico aos movimentos abolicionistas, o que Eduardo Taddeo de fato enfatiza é que as leis foram utilizadas em favor dos escravagistas e não da massa de escravos.

A maior crítica que ele irá fazer de todo esse processo abolicionista se dará justamente com a assinatura da *Lei Áurea* pela princesa Isabel em 1888. Primeiro porque a assinatura não simbolizou nenhum ganho efetivo para a massa escrava, a não ser uma “falsa liberdade”. E segundo, porque deu à princesa um ar de “redentora”, “salvadora”, simplesmente esquecendo ou silenciando toda a resistência dos principais atores desse processo: os próprios negros.

A emancipação jurídica, não emancipou qualquer cidadão negro da condição de subalterno, imposta pelo dominador! Ele formalizou a entrega de milhões de vítimas à própria sorte, as sentenciando às favelas, aos subempregos, ao desemprego, à mendicância, ao iletramento operacional, à delinquência, ao banco dos réus, as instituições prisionais, aos níveis precários de saúde e aos calamitosos índices de mortalidade [...] Ao tempo em que eram retirados os grilhões dos pés, fortificavam-se os grilhões sob a cor da pele. Os descendentes dos africanos desterrados sucumbiram a um processo de despatriamento, que jamais os deixaria se considerar pertencentes a sua própria pátria. A negação à cidadania, os transformaria numa espécie de estrangeiros, na terra onde suas mães os trouxeram à vida. Não eram africanos, porque não haviam nascido na África e não eram brasileiros, porque os membros da elite, muitos deles amamentados por amas negras, preferiam a morte a aceitá-los como compatriotas (TADDEO, 2012, p. 136-138).

Ou seja, o que Eduardo Taddeo propõe é resgatar pontos do Brasil colonial e imperial, e através desses pontos reconstruir as mazelas que sofreram os favelados no Brasil, especialmente a carga histórica que oprime os descendentes de escravos que atualmente o país abriga. O *Rapper* rememora o passado, e demonstra como a história do Brasil foi feita pelos vencedores, e que isto afeta a possibilidade de luta dos favelados por se identificarem com algozes e não com seus semelhantes e antepassados de luta.

Diversos foram os estudos destinados a falar sobre a escravidão ou sobre o processo de mudança de um sistema servil para assalariado, sociólogos, historiadores, antropólogos se debruçaram sobre o tema.⁷² Entretanto, duas obras são importantes para compreendermos o processo de morticínio da população negra, primeiro é o livro: *O genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978), do intelectual Abdias do Nascimento, onde o autor se propõe a discutir como, no Brasil, existiram estratégias de se acabar com o negro, não apenas fisicamente, mas também culturalmente. E a segunda obra é a dissertação de mestrado da autora Ana Luzia Pinheiro Flauzina, intitulada: *Corpo negro caído no chão: sistema penal e o projeto genocida do Estado Brasileiro* (2006). Estes dois trabalhos são importantes para essa dissertação, porque alguns pontos debatidos por Nascimento e Flauzina terão intersecção com o que o *Rapper* paulistano propõe a discutir.

Nascimento (1978) esclarece que foram várias as estratégias de liquidar ou amenizar a luta negra em busca de uma verdadeira equiparação de direitos. Dentre os mitos estiveram, o de que o senhor do escravo era benevolente ou que a dominação pelos colonizadores portugueses teria sido mais branda que os ingleses. Isto devido à presença da Igreja Católica na América Latina, enquanto que na América do Norte estaria presente a Igreja Protestante, o que para Nascimento (1978) é um equívoco, já que, a instituição da igreja católica foi base elementar e sustentáculo da escravidão no Brasil. Que teve como base a pregação de jesuítas para “domesticar” o corpo do negro escravizado e transformar esse corpo em um corpo dócil, que suporta o sofrimento e a vida angustiante, assim como Jesus o “cristo” teria feito, e que era dever dos escravos era imitá-lo. Para Nascimento (1978) a ideologia cristã serviu como base para a aceitação, elogio e justificação da instituição

⁷² Destacamos duas correntes de pensamento, os intelectuais da Unicamp onde se destaca a figura de Sidney Chalhoub que, através de processos criminais do final da corte, investigou como os próprios negros escravizados criaram estratégias e resistências para suportar o “julgo” da escravidão no livro *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte* (2011), dentre outros trabalhos da Unicamp. E outra corrente, de intelectuais da USP influenciados pelos métodos marxistas, tendo destaque a figura de Florestan Fernandes e seu estudo sobre a integração do negro na sociedade de classe.

escravocrata. Esse mito de senhor benevolente ou de suavização da escravidão no Brasil pela presença da igreja católica serve para mitigar a consciência de culpa dos opressores e automaticamente minimizar as acusações.

Eduardo Taddeo considera a ideologia cristã como uma prática de extermínio e subjugação dos povos nativos e da população negra que foi escravizada, o *Rapper* ainda expõe que a escravização mental é pior que a escravidão usada pela força bruta, já que pela força física podia se calcular fugas, mortes e outras resistências, já a mental aprisionaria a mente e conseqüentemente o corpo. Eduardo Taddeo, ainda explica que a situação da dominação cristã se faz presente ainda no século XXI, segundo ele:

No instante em que um eclesiástico europeu pisou no Brasil, o nativo teve roubado um direito, que na atualidade, todos os brasileiros têm (desde que não sejam cidadãos negros): a liberdade de crença e asseguaração do livre exercício de diversos cultos. Relembrando, desde que não sejam cultos africanos! (TADDEO, 2012, p. 107).

Nascimento (1978) pontua que outra forma de genocídio foi caracterizada pelo processo de embranquecimento intencional, que começou com o Estado Imperial Brasileiro. Um dos exemplos que o autor cita é a Guerra do Paraguai, que foi um processo de “arianização”, assim como um processo higienista para se extirpar a “mancha negra” do Brasil. O criminólogo Luciano Góes (2016) concorda com essa afirmação e comenta que existiu toda uma maquinaria de exclusão e de extermínio voltada para a população negra vista como raça inferior pelas classes dirigentes, nisto a Guerra do Paraguai (1865-1870) foi um processo de “desafricanização” do Brasil⁷³. Citando o criminólogo Evandro Charles Piza Duarte, Góes (2016) pontua como diminuiu drasticamente a população negra nesse período, passando de 2,5 milhões para 1,5 milhão.

Góes (2016) articula como naquela época o negro foi mandado o combate no lugar do filho do homem branco, para lutar uma guerra que nem mesmo era dele, na obra ele cita:

⁷³ Alguns outros pesquisadores também articulam como a Guerra do Paraguai serviu para eliminar uma parcela da população negra, que já não crescia devido aos altos índices de mortalidade e pela pouca presença feminina comparada com a população escrava masculina. Juremir Machado da Silva (2017) argumenta que para a participação na guerra houve uma “compra de substitutos”, ou seja, muitos proprietários compravam escravos para lutarem no lugar dos filhos, e o próprio império garantiria a liberdade de quem voltasse, para Juremir apoiado em outros historiadores os números de homens negros mortos variam, chegam a ser de 8.489 a 20 mil homens (SILVA, 2017).

Não apenas pela participação no contingente ativo que, via de regra, era utilizado como “bucha de canhão”, mas também pelo efeito sobre a população ocupada internamente com o aumento da quantidade de trabalho, que quase dobrou, pelo número de mortes decorrentes das sublevações contra o alistamento compulsório, das moléstias contagiosas causadas pelo confinamento, e pelo desgaste com a viagem. Enfim, a guerra representou um processo brutal de arianização do império, diminuindo os 45% de negros na população total em 1860 para 15% após a referida guerra. Assim, enquanto a população branca cresceu 1.7 vezes, a negra diminuiu 60%, a contar-se dos quinze anos próximos à guerra (DUARTE *apud* GÓES, 2016, p. 165).

O processo de genocídio do negro continuou no pós-guerra, nisto Nascimento cita diversos intelectuais brasileiros que se empenharam em propagar ideias de pureza racial, tanto no século XIX, como no século XX, dentre eles: Monteiro Lobato e Joaquim Nabuco⁷⁴. Um dos processos mais contundentes foi o esforço maciço do Estado Brasileiro de trazer imigrantes brancos⁷⁵ para povoar a nação brasileira e transformar ela em um país cada vez mais com tons de pele mais clara, Nascimento cita um decreto de lei de junho 1890, sobre isso: “É inteiramente livre a entrada, nos postos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho... (...) excetuados os indígenas da Ásia ou da África, que somente mediante autorização do congresso nacional poderão ser admitidos” (NASCIMENTO, 1978, p. 71).

O livro de Abadias do Nascimento é uma grande resposta ao mito de democracia racial que o país exportou durante muito tempo para o mundo⁷⁶. Nascimento demonstra que não houve uma harmonia das raças, e que de certa maneira ou de outra, a intenção era de eliminarem os negros, ou fazer deles brancos por dentro e por fora. Eduardo Taddeo (2012) também questiona essa ideia de “democracia das raças” ou que não haveria raças e sim, uma só, para o Rapper isto diluía o preconceito da população em relação ao negro. Para Taddeo

⁷⁴ De acordo com Nascimento (1978) muitos foram os intelectuais que pregaram pelo embranquecimento da população do Brasil, e viam o negro como elemento inferior na escala evolutiva, dentre eles Monteiro Lobato, no qual disse que: “a Salvação do Brasil viria com a injeção do sangue europeu” (NASCIMENTO, 1978, p. 66), e o próprio Joaquim Nabuco, conhecido abolicionista que dizia que: “O número de europeus vindo para o Brasil serviria para trazer o sangue ariano puro que com a miscigenação aumentaria o sangue ariano na população brasileira” (NASCIMENTO, 1978, p. 71).

⁷⁵ Será no volume II, mas especificamente no capítulo intitulado: *o povo escolhido atual*. Que o Rapper irá fazer duras críticas ao Estado brasileiro, desse incentivo em se trazer mão de obra europeia e branca.

⁷⁶ Nascimento demonstra como o mito da democracia racial tendo como um dos seus intérpretes mais renomado Gilberto Freyre, revela um esvaziamento do processo e da contribuição do negro para a formação e construção do Brasil. Essa “harmonia” entre as raças, tendo a população negra dada uma contribuição infiltrada na cultura brasileira. Para Nascimento essa afirmação beira ao cinismo. Ele pontua que, em grande parte o povo negro escravizado foi maioria no Brasil desde a sua fundação como colônia, e que os portugueses dominavam pelo poder das armas. Ou seja, falar que a cultura negra no Brasil teria se infiltrado, de forma porosa, por baixo, para Abadias Nascimento (1976) é absurdo e revela a distorção de uma realidade histórica marcada por olhares e interpretações racistas.

(2012) essa resposta pode ser dada com duas afirmações, primeiro na contratação de pessoas para o mercado de trabalho, e segundo, no tratamento que a polícia dá aqueles que possuem os traços negros em seus corpos. Só nestas duas afirmações daria para perceber que essa democracia de raças no Brasil não passa de uma democracia de fumaça, afirmação de Eduardo que também vimos ser argumentada pelos pesquisadores Júlio Jacobo Waiselfisz (2014), Daniel Cerqueira e Danilo Santa Cruz Coelho (2017).

A autora Ana Flauzina (2006) articula algumas ideias que foram expostas pelo Rapper, assim como também dialoga com alguns pontos e dados que foram apresentados nesse trabalho. A autora trabalha que a população negra no Brasil sofreu com vários ângulos de genocídio⁷⁷. Dois pontos discutidos pela autora se fazem presentes na problematização desse trabalho, primeiro no que se refere ao problema da educação de jovens negros, tema esse também citado por Eduardo Taddeo, e o segundo, no que se refere aos altos índices de mortalidade juvenil negra.

No que se refere ao tema educacional levantado pela autora, em sua pesquisa trabalhando com dados do IBGE, Flauzina (2006) aponta a desigualdade na escolaridade entre negros e brancos no Brasil, sendo assim, em 2003 as pessoas negras com 15 anos ou mais representavam 32% dos analfabetos funcionais no Brasil, índice esse que na população branca chegava aos 20%. Quando olhado a escolaridade superior, a disparidade é mais gritante, no mesmo ano de 2003, dos jovens entre 18 e 24 anos que cursavam o ensino superior, entre a população branca o índice era de 46%, enquanto que negros representavam apenas 14%. Nesse sentido Flauzina (2006) argumenta ainda que na faixa entre 15 a 17 anos, dos 86% dos brancos e 79 % dos negros que frequentavam a escola, de 18 a 24 anos, somente 14 % dos negros cursavam o nível superior, contra 46% dos jovens brancos da mesma idade.⁷⁸ Neste

⁷⁷ De acordo com a autora, o processo de genocídio dos negros no Brasil pode ser encarado por vários ângulos, desde o processo de educação, saúde, trabalho, moradia e assim sucessivamente. Nesses processos pode se perceber como o negro está marginalizado e estigmatizado.

⁷⁸ Em relação ao processo educacional no Brasil vemos um processo de marginalização do negro, Walter Lúcio de Alencar Praxedes (2010) assinala que a escola brasileira desde o seus primórdios é usada como um sistema de imposição de valores, tipos de pensamento e formas de produção da vida material. Para o autor, muitas das vezes o índio ou negro foram encarados pela narrativa histórica como bárbaros, ignorantes, irracionais ou até mesmo preguiçosos. O autor também adverte que o racismo na escola influencia no desempenho dos alunos negros, citando a pesquisa feita pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), onde mostra que os negros tinham uma média de nota em todas as disciplinas inferiores em 9,3 pontos ao dos brancos, mesmo esses alunos pertencentes à mesma classe social e da mesma escola, o que evidencia é que poderia estar acontecendo um racismo dentro da escola, em que professores estariam agindo de forma diferenciada nos alunos. O autor também cita o posicionamento da ex-secretária de educação de São Paulo, a professora Rose Neubauer, onde a mesma afirma que professores podiam estar agindo diferente, muito direcionados à expectativa, ou seja, muitos professores agiriam abandonando jovens negros do desempenho escolar, por acreditar que aquele aluno não teria

ponto a autora coloca uma questão importante, que também é discutida pelo *Rapper* Eduardo Taddeo, a identidade.

Eduardo Taddeo (2012) critica bastante o processo de “glamorização do passado” de nomes e figuras de pessoas que formaram pactos com a elite, visando o extermínio da população nativa e principalmente, dos negros escravizados. Além de uma representação inferior das minorias, que permeiam as páginas dos livros de história, que na visão do *Rapper* funciona como um elemento para desarticular um processo de conscientização de identidade coletiva.

Para Flauzina (2006) a criação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, em caráter obrigatório, já demonstra a falta de diversidade e a dívida em representações que se tinha com as populações ditas minorias no Brasil. Para Flauzina (2006) as concepções pedagógicas contribuem para a estigmatização de um povo e a sua exclusão simbólica desarticula todo um processo de identificação com os descendentes desses povos, que não veem seus antepassados como protagonistas e logo não conseguem enxergar si próprios como agentes da própria história, e assim também, não conseguem se articular politicamente com outros que possuem a mesma herança histórica.

É por isso que as elites sempre procuraram obstruir qualquer possibilidade de sedimentação mais efetiva de uma identidade negra no país. Afinal, esse pressuposto em que se assentam as bases de qualquer tipo de reação coletiva. Sem a identidade não há como forjar a própria noção de grupo, restando apenas indivíduos dispersos, incapazes de se articular em torno de uma plataforma em comum. Ao contrário do que ocorre com manejos das identidades culturais de outros segmentos, que podem ser professadas e festejadas livremente, a identidade negra está sempre sob eterna vigilância, sendo obstaculizada e estereotipada qualquer tentativa de uma enunciação mais consequente (FLAUZINA, 2006, p. 109).

“futuro”, além de que citado pela ex-secretária, que jovens negros ao ingressar no ensino fundamental acabam perdendo a autoestima, e isto influencia no desempenho escolar dos alunos. Para Praxedes (2010) uma prática fundamental para se acabar com o racismo é justamente diversificando a escola, para assim potencializar os diversos tipos de alunos e até mesmo do corpo escolar, para o autor não basta não ser racista, é necessário lutar contra esse tipo de preconceito, e lutar contra o preconceito significa não naturalizar quando o aluno negro se evade da escola para trabalhar de serviço braçal, seja ele de empregada doméstica, engraxate, camelô etc. e naturalizar quando um aluno branco tenha sucesso na trajetória escolar. Para o autor, o racismo e outros tipos de preconceito na escola devem ser combatidos, justamente porque é na escola que o indivíduo passa o maior tempo da sua vida social e pública, e que o comportamento aprendido na escola pode ser expandido para a vida extraclasse nos diversos meios social em que o aluno for. Para Praxedes (2010) a escola deve servir de exemplo de como o aluno deve se portar nas diversos círculos sociais da sociedade, e se caso isso não for possível, que a escola se torne ao menos refúgio, ou até uma trincheira de resistência contra a barbárie no cotidiano fora dela.

A autora é taxativa, a falta de representação nos meios educacionais, que impede a articulação e a construção de uma identidade coletiva entre os povos negros no Brasil, se constitui como um dos ângulos do genocídio, já que a falta de representatividade é um entrave que faz com que negros não procurem agir coletivamente e exigir seus direitos. Problematização essa que Eduardo Taddeo pontua claramente em sua obra, e para a autora esse projeto de desarticulação em torno da identidade serve claramente para a manutenção do *status quo*, que para o negro se caracteriza como um Estado genocida, Flauzina ainda diz:

Assim, deve se garantir a identidade negra sempre fraturada como alicerce do pacto social que nos preside. É preciso minar diuturnamente as possibilidades da elaboração de uma imagem positiva do segmento negro, a fim de evitar as identificações. Os negros deve se repelir nunca se reconhecerem uns nos outros, dialogarem como sujeitos de uma herança histórica em comum. Nesse tipo de engenharia, o que está em jogo, em ultima instância, é a garantia de subserviência conferida ao segmento negro no Brasil, como forma de manter assimetrias econômicas e simbólicas, sim, mas principalmente, como salvaguarda de um projeto dirigido a esse segmento. Afinal, um genocídio nas proporções e nos moldes empreendidos contra a população negra no país, só pode se processo contra uma massa de espoliados que não se compreende enquanto grupo. O importante é que se afaste qualquer possibilidade de um diagnóstico e principalmente de uma reação ordenada; possibilidade que, sem dúvida, passa pela construção da identidade negra (FLAUZINA, 2006, p. 110).

Outro ponto que a autora discute é sobre os homicídios na população juvenil negra no Brasil, aspecto esse que foi discutido no começo desse tópico. Para Flauzina (2006) o alto grau de mortandade que se apresenta para a população negra é um projeto genocida⁷⁹ que nunca foi rompido pelo Estado brasileiro, e quando essa mortalidade se volta para a população juvenil está evidente a arquitetura que se forma nesse tipo de violência, é uma engenharia voltada para a eliminação de um contingente de uma população específica, que nega o futuro, nega a possibilidade de um contingente existir e se reproduzir, ou seja, tem como objetivo uma política de extermínio em massa, a autora ainda diz:

⁷⁹Para Ana Flauzina (2006) existe uma narrativa que tende a criminalizar o genocídio negro, colocando proposições de que este não estaria no patamar de genocídio. Para a autora faz parte da face do racismo querer hierarquizar os tipos de tragédia e colocar o holocausto judeu como ápice desse processo, de acordo com Flauzina (2006) as tragédias acontecidas ligadas aos povos brancos ganham maior notoriedade, em relação a segmentos de outros povos. Esse processo de hierarquização é uma forma de inviabilizar o reconhecimento e o ressarcimento dos danos causados à população que sofreu com o desastre, causado intencionalmente por mãos humanas. Ressaltando que, para a autora, a trajetória do negro no Brasil pode ser entendida como um processo de genocídio, que a todo tempo se incide para eliminar o negro da história nacional, tema esse que foi defendido pelo intelectual Abdias do Nascimento (1976).

Deve-se matar os negros em quantidade, atingindo preferencialmente os jovens enquanto cerne vital da continuidade da existência do grupo. Dentro dessa perspectiva, o aumento da taxa de vitimização da juventude ao longo da última década revela que não se trata de um processo herdado de um passado que tende a desfalecer, mas, ao contrário, de um investimento diuturnamente renovado, em que o Estado, como sócio majoritário, não poderia mesmo intervir (FLAUZINA, 2006, p. 116-117).

Flauzina (2006) diz que esse processo de genocídio negro pode ser encarado como um processo de Biopolítica, de acordo com o intelectual Francês, por esse termo pode se entender como o investimento do Estado em “*fazer viver e deixar morrer*”, esta tecnologia surge no final do século XVIII, justamente com o objetivo de controlar uma população específica. Diferentemente do estado soberano, que tinha sua essência no soberano, bem como o poder de vida e de morte de seus súditos, ou seja, ele *fazia morrer e deixava viver* (FOUCAULT, 1976).

Este método, esta tecnologia de biopoder, já vinha sendo utilizada e pensada na engenharia social, que marcou o início do século XX com advento da importação em massa dos imigrantes europeus para “*branquear*” o país, assim como, a não integração do negro na nova ordem assalariada.⁸⁰ De certo modo, ao deixar a população afrodescendente à margem do novo sistema capitalista, o estado promovia o que Foucault (1976) chama de racismo de Estado. O filósofo e historiador francês articula este termo estaria diretamente vinculado à Biopolítica, sendo que, enquanto a Biopolítica controlava a população e incentivava a vida de determinadas “raças” humanas, deixava morrer outras “raças”, apoiada numa ideia de pureza racial, que teve em seu ápice no exemplo do Nazismo.⁸¹

Ao observar os números, que são taxativos na prevalência de morticínios da população negra, observamos que o conceito de Biopolítica no século XXI não comportaria para avaliar as mortes juvenis de pessoas negras. Mas sim um novo conceito aprimorado,

⁸⁰ Ver o livro: *A integração do negro na sociedade de classe*, no qual o sociólogo Florestan Fernandes argumenta que, com a passagem da ordem escravocrata pra a nova ordem assalariada, o negro foi deixado à margem da sociedade, o estigmatizando no mundo capitalista periférico brasileiro. De acordo com o autor o “Brasil teria trocado de roupa sem trocar a pele”, ou seja, mesmo com uma nova ordem, o negro e os afrodescendentes ficaram marcados com o traço da escravidão e inferiorizados tanto na cor, quanto na questão social e econômica.

⁸¹ Em um dos capítulos do volume II da obra, chamado *Nazismo made in Brazil*. Eduardo Taddeo vai argumentar como o Brasil tem semelhança com o Estado alemão no sistema de racismo e negação de cidadania de um determinado grupo específico. No caso brasileiro seria das pessoas pobres moradores de favelas, como presidiários e pessoas que fazem o uso problemático de entorpecentes. Para Taddeo a insensibilidade, a invisibilidade social e o desprezo com que certos grupos são tratados, são marcas aprimoradas do Estado Alemão nazista para o território e sociedade brasileira.

sobre o mesmo processo, este seria de: Necropoder, formulado pelo camaronês Adiche Mbembé. Enquanto que o biopoder teria a primazia pela vida de alguns em detrimento de outros, o Necropoder⁸² teria a primazia pela morte de um determinado grupo específico o que para o nosso trabalho e o trabalho de diversos pesquisadores fica claro nos números dos óbitos juvenis de pessoas negras⁸³.

Ao propor essa revisão do passado, Eduardo Taddeo inscreve a história no jogo de luta pelo poder. O historiador Jean Chesneaux (1995) discutiu esse problema de como a História pode ser utilizada como meio de luta e mobilização, pois o passado é um campo vivo de lutas. Para Chesneaux (1995) a história é escrita por homens que têm uma finalidade de servi-los no presente, dentre os motivos, está a história como meio de legitimação política ou também de neutralização política, principalmente aquela história que serve ao estado e às classes dirigentes, que tem por finalidade manter o *status quo*, segundo o historiador:

Nas sociedades de classe, a história faz parte dos instrumentos por meio dos quais a classe dirigente mantém seu poder. O aparelho de Estado procura controlar o passado, simultaneamente, no nível da política prática e no nível da ideologia. O estado e o poder organizam o tempo passado e moldam sua imagem em função de seus interesses políticos e ideológicos (CHESNEAUX, 1995, p. 30).

⁸² O termo “necropolítica” vai ser utilizado do livro: *Violências em La posmodernidad: Resistencias, paradigmas y conflictos en Latinoamérica* (2015). Em um capítulo intitulado: *Violência e Reposição do Sensível. Contribuição à crítica Pós-colonial a partir da obra do Rapper Carlos Eduardo Taddeo*, escrito pelo historiador Roger Aníbal Lambert Da Silva e pelo filósofo Cleber Daniel Lambert Da Silva. Nesse capítulo os pesquisadores trataram Eduardo como intelectual marcado por experiência de vida durante sua carreira de Rapper e agora escritor, nisto, eles articulam o conceito de Necropoder em primazia pela morte no caso de pessoas negras e pobres, assim como trabalham o conceito de “novos trabalhadores”, discutido pelo sociólogo Jessé Souza. Outro autor que também trabalhará com esse conceito é o antropólogo Jaime Amparo Alves, que problematiza as mortes na capital paulista, onde percebe-se que há uma diferença gritante entre as mortes de pessoas brancas em relação a pessoas negras, sendo as últimas as maiores vítimas. Segundo Amparo (2011) o que ocorre é justamente um estado voltado para a necropolítica, já que a proporção de jovens negros que morrem é muito maior que os jovens brancos, o autor conclui que brancos também são alvejados, mas justamente por estar em uma aérea de vulnerabilidade social elevada e de maioria negra, ou seja, o que potencializa as mortes de pessoas brancas não é o fato de elas serem brancas, mas por estarem em um bairro de maioria negra. Amparo (2011) traz, além de vários dados importantes, um em especial, que é a relação de mortes no bairro Grajaú, o mesmo em que mora o Rapper Carlos Eduardo Taddeo. Na pesquisa, Amparo (2011) demonstra como nesse bairro, no período de 2003 a 2008, foram assassinados 985 pessoas, sendo a proporção dividida entre 417 brancos e 566 negros.

⁸³ É digno de nota que o morticínio das pessoas negras no Brasil continuou crescendo, mesmo após ter se passado o recorte temporal desse trabalho. De acordo com o site *Alma preta* dialogando com altas de violência, 70% das vítimas de homicídio no Brasil correspondem à raça negra. Se continuar nesse ritmo o número de pessoas negras sendo mortas daqui a oito anos em solo brasileiro corresponderá à população da Islândia, estimada em 331 mil pessoas. E segundo o site, em 49 anos será uma população da Eslovênia, com cerca de 2.065 milhões de pessoas e em 101 anos a população da Croácia, estimada em 4.230 milhões. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/em-8-anos-brasil-assassina-uma-islandia-so-de-negros>>. Acessado em 05 de maio 2018.

Chesneaux (1995) aponta que esse direcionamento das classes dirigentes por meio do Estado pode ser de forma direta, controlando o passado com divulgações de fontes que venham favorecê-lo⁸⁴ ou até mesmo ocultando as fontes, como o mesmo comenta:

O poder ainda controla o passado, de forma muito mais ativa e direta. Ele fundamenta sua prática política, sua decisão, suas escolhas sobre o passado, sobretudo o passado mais recente, tal como tem conhecimento por sua polícia, seus organismos de estudos, seus relatórios administrativos. Trata-se de uma “história imediata” de Estado, que opera no sigilo, tanto através da coleta de materiais como de sua exposição (CHESNEAUX, 1995, p. 30).

Mas também, de forma indireta e camuflada, segundo o historiador: “Às vezes, também a utilização do passado é menos direta e menos explícita. É pelo viés da ideologia difusa que a história é chamada para defender a ordem estabelecida e os interesses das classes dirigentes: manuais escolares, filmes e tevê, imaginário” (CHESNEAUX, 1995, p. 30).

É o que o Rapper irá pontuar sobre essa suavização do passado, principalmente em livros didáticos, para Taddeo esse esvaziamento compromete as lutas políticas atuais, pois há uma desarticulação em relação ao passado, e os historiadores contribuem para esse silenciamento, ao se retirar toda propensão política e tensões que envolviam o sistema escravista e o período colonial, nisso ele pontua:

Temendo a eclosão de novos grupos propensos a adesão do discurso indenizatório, é determinado aos “historiadores” que fabriquem a versão do: “foi um mal necessário”. E determinado aos “historiadores” que passem uma borracha no pré-escravismo e principalmente, naquilo que alguns estudiosos denominam como o “pós-escravismo” (TADDEO, 2012, p. 124).

Chesneaux considera que: “o passado é um lastro para as lutas do presente [...] o conhecimento do passado mantém simultaneamente a nostalgia e a cólera, segundo a fórmula

⁸⁴ Neste ponto Chesneaux aponta como o Estado pode controlar as fontes, pois nelas existem memórias coletivas. De acordo com o autor, o Estado e a classe dirigente têm a capacidade de reter fonte, e quando não até mesmo destruir arquivos e materiais ditos “embaraçosos”, o que faz que muitas civilizações sobrevivam apenas com o que disseram os opressores ou deixaram de falar. Um fato marcante e que diz respeito à essa capacidade do Estado em controlar documentos pode ser explicada com aquilo que fez o ministro das finanças Ruy Barbosa em 1899, ao queimar milhares de documentos em relação ao tráfico escravista no Brasil, além de querer apagar o passado histórico do país, a intenção de Barbosa era justamente evitar possíveis indenizações do Estado para fazendeiros que se sentiram injustiçados com abolição da escravatura, já que os escravos para eles eram tratados como propriedades. Esse fato é totalmente criticado pelo intelectual Abdias do Nascimento (1978), essa foi uma tentativa de erradicação da mancha negra em território brasileiro, já que essas documentações tinham todo um balanço financeiro, demográfico e estatístico das pessoas que foram sequestradas da África e trazidas para o solo brasileiro.

cara aos românticos ingleses” (CHESNEAUX, 1995, p. 39). O que Eduardo Taddeo faz é justamente isso, ao propor essa apropriação do passado e injetando um olhar político nele e sobre seus autores, ele busca não apenas mostrar sua visão sobre o período colonial e imperial e suas consequências para o século XXI, mas também projetar nesse passado uma visão política e vinculá-lo ao presente, para servir de base para uma potencializadora reforma e revolução dos meios políticos, econômico e social. E principalmente reverter esse quadro de pouca representação política nos âmbitos econômicos do poder, e muita representação nas estatísticas de morte.

2.3 - A guerra não declarada, uma guerra contra os pobres

“A justiça é como uma serpente, só morde os pés descalços”.
Eduardo Galeano

“Quem não tem dinheiro nunca vai pertencer à classe A, B, C, só se for D”.
Edcity

O ano era 2017, e um novo comandante assume o cargo de liderar a Ronda Ostensiva Tobias Aguiar, a famosa ROTA, na capital paulista. O homem incumbido de chefiar cerca de 700 homens para autuar nas ruas de umas das maiores cidades do mundo, o comandante Ricardo Augusto Nascimento de Melo Araujo, em suas primeiras entrevistas, foi questionado sobre a forma de atuação da tropa de elite da PM em relação a bairros nobres e periféricos da cidade. Araujo respondeu da seguinte forma:

- É uma outra realidade. São pessoas diferentes que transitam por lá. A forma dele abordar tem que ser diferente. Se ele [policial] for abordar uma pessoa [na periferia], da mesma forma que ele for abordar uma pessoa aqui nos Jardins [região nobre de São Paulo], ele vai ter dificuldade. Ele não vai ser respeitado.⁸⁵

Traduzindo a fala do Comandante, a polícia age diferentemente entre indivíduos, entre classes e entre regiões. Podemos extrair três consequências a partir da resposta sincera do “herói” de farda. A primeira é que não é nenhuma novidade o tratamento seletivo dos

⁸⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da-rot.htm?cmpid>. Acessado em 03/11/2018.

órgãos de segurança sobre a população mais pobre. Segundo, mesmo que a fala do representante da Rota tenha sido no ano de 2017 e fuja do recorte temporal desta pesquisa, conseguimos fazer um paralelo com o tempo estudado, e verificar que o que foi exposto nas palavras em entrevista. Já faz parte de uma prática e, principalmente, de uma tradição autoritária de se tratar de maneira diferenciada pessoas nas terras tupiniquins. Baseados nesses dois princípios vamos para a terceira observação: a fala do comandante revela de forma clara a criminalização da pobreza, tema esse que é pedra angular no livro do Rapper Eduardo Taddeo e que pretendemos discutir nesse tópico.

O livro do *Rapper* é sustentado pela tese de que no Brasil há uma guerra não declarada e que a base desse conflito sangrento é a injustiça social. Como temos procurado mostrar nessa pesquisa, os números de mortes não se dão de forma homogênea. Na verdade, existe um grupo específico, um grupo alvo que é vítima desses processos de moer gente, que tem como sócio majoritário o Estado brasileiro.

Compreendemos isso, seja nos dados apresentados nessa pesquisa, seja nas críticas feitas por Taddeo. Entretanto, existe outro desdobramento importante que o livro do *Rapper* traz, que é o tratamento diferenciado dado aos pobres, principalmente pretos e favelados. Distinção essa tão acentuada que faz Eduardo dedicar boa parte de capítulos ao tema, como “*não somos cidadãos de segunda classe, inferiores e descartáveis*”, um país que nas lentes de mundo do ativista produz “*sub-pátrias*”, um Estado que empurra seus filhos, os quais não reconhecem, para a “*marginalização e faz linchamentos físicos e morais*” sobre eles.

No primeiro capítulo procuramos mostrar como o fim dos cortiços e as formações das favelas estavam relacionadas com uma política higienista da época, e como isso afetou as populações mais desassistidas e desprotegidas de recursos, muitas delas descendentes de escravos. Pessoas que além de carregar sobre si o futuro incerto, tinham que tolerar o discurso dominante na época de que eram eles os responsáveis pelo próprio infortuno, já que não eram trabalhadores esforçados o suficiente para sair daquela situação degradante. Além disso, por serem moradores de cortiços e agora de favelas, também compunham a narrativa da época de que aqueles lugares abrigavam bandidos, vagabundos e pessoas inaptas para o trabalho e voltadas para a vadiagem. Discurso esse que era recorrente na virada do século XIX para o XX. Entretanto, se o período histórico mencionado parece distante de nós, não se pode dizer o

mesmo da narrativa e daquele campo de idéias pré-concebidas e estereotipadas das pessoas faveladas do século XXI.

Segundo Taddeo, as pessoas moradoras de favelas são vistas de forma preconceituosa pela sociedade. Para o *Rapper* é como se cada favelado já tivesse consigo uma etiqueta de inferioridade. Ou seja, segundo o ativista, há um processo cultural de criminalização das pessoas que moram nas favelas, já colocando nelas um estereótipo de potenciais criminosos ou degradáveis:

No século XXI, os aprisionados nas trincheiras clandestinas, não são considerados apenas pessoas de baixa renda. Na classificação generalizada da burguesia, eles são seres corrompidos, obscenos, pervertidos, ignorantes e extremamente violentos! Na ótica do Brasil embranquecido, todo nordestino é burro, toda mulher da periferia é vagabunda, toda criança pobre é degenerada, todo negro é ladrão, traficantes ou sequestradores, todo barraco é um depósito de entorpecentes e de armas e toda favela é um ponto de tráfico (TADDEO, 2012, p. 533).

Não obstante, para Eduardo, além do linchamento físico que é caracterizado pelos corpos tombados nas vielas e ruas das cidades brasileiras, os favelados devem lidar com esse linchamento moral que carregam cotidianamente, e que a grande mídia, a serviço da grande burguesia e do patronato brasileiro, levanta e cria monstros que vivem nas favelas e que devem ser abatidos. Contribuindo com papel decisivo na construção da imagem que se tem das favelas e de seus moradores, assim como, legitimando excursões e execuções de policiais. Isso evidencia, para o *Rapper*, uma das características marcantes de uma guerra, que é rotulação do inimigo. Taddeo prossegue:

Nenhuma guerra é uma guerra de fato, sem a presença do dispositivo da difamação. Todos os grandes massacres históricos foram legitimados por meio da técnica da rotulação de adversários. [...] No regime eliminacionista brasileiro, não é diferente. Para que os enterros dos anulados sociais não fossem e não sejam questionados, todos os que integram os cinturões de miséria foram marcados pelo carimbo da marginalização. Após um longo processo difamatório, o rico local conseguiu a proeza de fazer da escassez econômica, um sinônimo de má índole (TADDEO, 2012, p. 532).

Todo esse processo é possível devido à tese que o autor levanta defendendo que os favelados não são legitimamente brasileiros, eles fazem parte de um mini país à parte, e é devido a isso que os direitos que estão garantidos na chamada Constituição Cidadã de 1988,

não são respeitados quando se trata de um morador de uma periferia empobrecida. Nisso, o Rapper considera que o Brasil, com sua arquitetura social e desigual, produziu o que ele chama de *Sub- pátrias*, pessoas pobres, geralmente negras e faveladas que são tratadas de forma exponencialmente diferentes, porque muito além de serem pobres, elas são consideradas estrangeiras dentro do seu próprio país. Para isso Taddeo diz: “As favelas nacionais, são pequenos países embargados por seu continente mãe, povoados por milhares de rejeitados sociais, nivelados à pragas e maldições pela sociedade branca” (TADDEO, 2012. p. 311).

Além disso, o Estado paralelo construído em território brasileiro, na visão do Rapper, atua de modo a discriminar os habitantes das periferias, assim como, o Estado nazista em 1933, ao colocar uma faixa no braço do indivíduo com uma estrela de Davi, assinalando a origem judaica daquela pessoa. No Brasil essa marca estaria nas roupas, no linguajar, na cor e, principalmente, no lugar onde eles moram, no caso as favelas. Ou seja, para Taddeo, dentro do Estado democrático se constituiu uma exceção para os habitantes das favelas, um estado de exceção que para os moradores não é exceção, é a regra.

É digno de nota que esse pensamento do Rapper Eduardo sobre as condições de precariedade e criminalização, que vive a população favelada, não é um campo isolado de quem viveu e vive isso, como o próprio ativista. Já existe um campo acadêmico que procurou enxergar essa classe e teorizou sobre o processo de invisibilização e criminalização da pobreza.

Um dos teóricos mais incisivos acerca disso é o sociólogo Jessé de Souza. Para o pesquisador, é necessário reinterpretar⁸⁶ a sociedade brasileira. Para isso Souza (2009) estudou por mais de vinte anos aquilo que ele chamou de *Ralé brasileira*. Segundo o autor, a sociedade brasileira se construiu como instituição republicana sem romper os laços da escravidão, esse traço é marca característica herdada de Portugal, e não o patrimonialismo e o jeitinho brasileiro. Este ponto da continuidade da escravidão por outras roupagens é importante porque vemos uma intersecção do pensamento do Rapper Eduardo Taddeo e o sociólogo. Conseguimos ver tal semelhança na passagem do livro do ativista em que ele diz:

Mostram que o sistema transitou do regime de escravidão, para o trabalho livre assalariado, mas sem permitir que se extinguisse a cultural

⁸⁶ Souza é crítico das interpretações que se tem do Brasil, principalmente pelos autores mais célebres, sendo eles Sergio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro e Roberto Da Mata.

sociabilidade de classes, definida entre a família senhorial e a criadagem! Sem abrir brechas, para que tomássemos parte das discussões e decisões a respeito das políticas públicas. Quer dizer, sem dar aval sequer, para que pertencêssemos à sociedade civil (TADDEO, 2012, p. 248).

Ou seja, se para Eduardo os favelados historicamente se desenvolveram sem conhecer o significado da palavra cidadania, para Souza (2017) este processo é o reflexo de uma classe que foi sistematicamente abandonada à própria sorte, na verdade no próprio azar, que se tornou a maior contradição do Brasil moderno. Essa classe é herdeira do processo da escravidão, mas também, que incluía homens livres e pobres, que foram constituindo a *ralé* no qual o autor nomeia em seu trabalho. Essa *ralé* que tem seu trabalho explorado, que pode ser morta sem que se tenha pena ou qualquer tipo de solidariedade. Essa marca é uma cicatriz que a sociedade brasileira não conseguiu romper com o sistema escravocrata, ao não prestar nenhum tipo de inserção da população de pobres e negros pobres na nova sociedade assalariada.

Esta mesma classe que vive sob condições precárias e eterna suspeita policial, vítima de um ódio de classe que herdado do processo servil, como assevera o sociólogo:

O excluído, majoritariamente negro e mestiço, é estigmatizado como perigoso e inferior e perseguido não mais pelo capitão do mato, mas sim, pelas viaturas de polícia com licença para matar pobre e preto. Obviamente, não é a polícia a fonte da violência, mas as classes média e alta que apoiam esse tipo de política pública informal para higienizar as cidades e calar o medo do oprimido e do excluído que construiu com as próprias mãos. Essa continuação da escravidão com outros meios se utilizou e se utiliza da mesma perseguição e da mesma opressão cotidiana e selvagem para quebrar a resistência e a dignidade dos excluídos (SOUZA, 2017, p. 83).

Souza vai além ao analisar como são constituídas em seus cernes essas diferenças que irão marcar a classe. Para o sociólogo, a principal diferença é que, o que define a classe não é a renda, pelo contrário a renda é um mero reflexo de condições pré-existentes. Para Souza (2009), é na herança familiar que se tem os verdadeiros marcadores e diferenciadores das classes, pois é nela que vão habitar os capitais culturais, econômicos e sociais que serão fundamentais para a disputa de cargos e espaços na sociedade competitiva.

Se é na herança familiar que se pode reconhecer as classes no decorrer da vida, a chamada *ralé* sai em desvantagem, logo de início, em comparação com as famílias da classe média e classe alta. Isto se dá por suas características, que Souza (2009) conseguiu identificar

como sendo: a desestruturação familiar; um abuso afetivo dos mais fortes em relação aos mais fracos; comprometendo o capital emocional das famílias, que geralmente são monoparentais e matrifocais tendo como figura central a mãe,⁸⁷ já que os homens trocam de parceiras e abandonam os filhos à própria sorte; a dependência química e o alcoolismo fazem parte dessa classe, já que é uma fuga da realidade; e, mesmo com a ausência do homem nesse tipo de estrutura social, o machismo e o sexismo são marcantes. Essas características são identificadoras da chamada *Ralé*, e são reproduzidas, gerando condicionantes que marcam o destino de classe dos indivíduos.

Jessé Souza (2009) explica isso no exemplo de capital cultural, que será dado desde a tenra infância pelos exemplos dos pais. Enquanto que o filho de um pedreiro vê seu exemplo maior no pai que trabalha de forma braçal e que o filho vê como herói, vai brincar com a colher de pedreiro do pai (quando há a presença paterna) isso por identificação afetiva. Nas famílias de classe média já se tem o incentivo à leitura, a concentração, a busca por aprender novas línguas, o pensamento prospectivo, pensamento no futuro, a noção de poupar dinheiro. Todo esse capital cultural terá papel decisivo em um futuro com prováveis recursos escassos. Souza ainda cita que esse capital cultural é invisível e pouco percebido pelas pessoas.

Isso explica, para o sociólogo, a gana e a paixão da classe média pelo conceito de meritocracia. Entretanto, para ele a própria classe sai privilegiada nesse conceito, pois ela tem todas as condições necessárias para se desenvolver enquanto tal. A gana pela meritocracia, tão sonhada pela classe média, é um reflexo em que ela não consegue enxergar o privilégio no qual ela está assentada, ao mesmo tempo em que usa desse subterfúgio para culpar a classe abaixo, no caso a *ralé*, por não conseguir ascender economicamente. Ou seja, na visão da classe média brasileira, a *ralé* é vista como preguiçosa, ociosa, defeituosa e é culpa da mesma por estar em situação de miséria, já que não se esforçou o suficiente para alcançar o sucesso.

Para Souza (2009) é justamente essa ideologia liberal meritocrática que legitima o mundo ocidental, isto é, nessa construção simbólica das sociedades modernas os indivíduos não são tratados de modo igual, mas sim dado a cada um aquilo que merece, inclusive a

⁸⁷ Tanto Darcy Ribeiro no seu livro *O povo Brasileiro (1997)*, quanto Florestan Fernandes, no livro *A integração do negro na sociedade de classe (1968)* já identificavam traços marcantes nas camadas mais pobres dos desarranjos familiares e da presença monoparental com figura central na mãe. É importante notar que vemos isso presente na vida do próprio *Rapper* Eduardo Taddeo, tendo a mãe como elo e mantenedora da família. Assim como é visível ver esses desarranjos familiares na literatura marginal dos anos 2000, sobre a liderança de Férrez em seu livro *Capão pecado (2000)*. Neste livro é perceptível a presença da mãe, os dramas do alcoolismo nas vidas dos homens na periferia do capão redondo e os desarranjos familiares.

visibilidade. Isso explica o tratamento desigual e até mesmo o ódio de classe que é destinado às classes mais pobres e sua criminalização. Jesse Souza (2009) ainda diz:

Se uma criança de classe média, como Isabella Nardoni, é jogada do sexto andar, então toda uma “novela das oito” se desenvolve por semanas a fio em todos os canais da TV. Afinal, todos são “gente como a gente”, e o vínculo de simpatia e solidariedade de classe nos faz pôr “empaticamente” no lugar da vítima ou dos familiares. Exatamente o contrário acontece com as tragédias da Ralé. Elas nunca têm rosto nem muita menos comoção e simpatia. Uma menina pobre jogada pelo pai pela janela um dia depois de Isabela só foi anunciado pela TV pela comparação óbvia com o caso de Isabela. As notícias da “ralé” de resto, ficam nas páginas de dentro do jornal, não tem fotos e quase sempre apresentam apenas números: “sete pessoas morreram ontem em tiroteio no morro da mangueira” (SOUZA, 2017, p. 407).

Outro exemplo citado pelo sociólogo é a diferenciação e a comparação que ele faz entre Brasil, França, Holanda e Alemanha. Enquanto nos países europeus há diferenciação das classes como qualquer outro lugar do mundo, existe nesses países uma noção que diz o que é humano, independente da condição social que ele ocupa. Enquanto que no Brasil não atingimos o patamar de tratar a todos com os mesmos padrões de dignidade e cidadania, tratando alguns como se nem humanos fossem, ou até mesmo nem existissem, como se fossem invisíveis.⁸⁸ Nisto o sociólogo diz que um cidadão de uma classe da França não pode atropelar um membro de uma classe inferior impunemente como acontece no Brasil, quando não, a polícia francesa ou alemã não pode chegar atirando e matando em bairros pobres desses países sem consequências, como acontece cotidianamente nas terras brasileiras (SOUZA, 2009).

É notável a semelhança que as críticas esboçadas tanto pelo *Rapper* quanto pelo Sociólogo apresentam, claro, cada qual no seu universo simbólico e no seu campo de atuação. Entretanto, podemos notar a diferença entre elas no que tange à tese do Eduardo Taddeo. Enquanto que para o ativista estamos numa guerra que não é declarada, que é tornada invisível, para Jesse Souza a guerra é tangível e abertamente declarada. Sobre isso ele diz:

Os escravos foram sistematicamente enganados, compravam a alforria nas minas e eram escravizados novamente e vendidos para outras regiões, eram

⁸⁸ Esse termo de se tornar invisível é recorrente também na visão do *Rapper* Eduardo Taddeo, composta em grande escala em suas músicas, inclusive na sua mais nova canção de trabalho, intitulada *Sociedade dos homens invisíveis*.

brutalizados, assassinados covardemente. A matança continua também agora com os novos escravos de todas as cores. O Brasil tem mais assassinatos-pobres-que qualquer outro país do mundo. São 60 mil pobres assassinados por ano no Brasil. Existe uma guerra de classes hoje declarada e aberta [...] Os brasileiros das classes superiores cevaram a miséria e a construíram ativamente. Construí-se uma classe de humilhados para assim explorá-los por pouco e para construir uma distinção meritocrática covarde contra quem nunca teve igualdade de ponto de partida (SOUZA, 2017, p. 170).

Compreendemos a visão do sociólogo, que enxerga todo esse processo de violência física e simbólica, mas acreditamos que a tese do *Rapper* Eduardo se apresenta mais próxima da realidade, a guerra não é declarada, porque os números que são apresentados pelos governos não são trabalhados como números de guerra e sim como um mero problema de segurança pública. Além disso, a posição do Eduardo, enquanto periférico e ativista, nos permite uma observação da ótica daqueles que sofrem cotidianamente essa violência, mesmo que para eles não seja perceptível esse extermínio. Mesmo assim, Jessé Souza traz contribuições salutaras para compreender esse processo de criminalização, ódio e diferenciação de classe, ao dar um exemplo sobre alguém da classe média que atropela uma pessoa da *ralé*, ou policial que executa um membro das classes populares e mesmo assim ambos são inocentados ou caem no esquecimento. Ele diz:

Ele é inocentado porque as pessoas envolvidas consideram que não se deve punir quem mata um ser humano por descuido. Ele é inocentado porque ele não matou, na verdade um ser humano, mas sim alguma coisa abaixo do humano, como cão ou uma galinha, e ninguém vai preso por matar uma galinha. Como o valor dos seres humanos é construído socialmente, numa sociedade que não homogeneizou o tipo humano considerado digno de respeito e reconhecimento nas condições objetivas do capitalismo moderno, vai sempre haver um discurso para inglês ver, o da igualdade e da lei para todos, e outro efetivo, nunca admitido, mas sempre perceptível nos resultados práticos de todas as práticas sociais e institucionais (SOUZA, 2009, p. 409).

Ou seja, para Jessé Souza a sociedade brasileira foi constituída ao diferenciar pessoas que são gente, e outras que não. Isso fica evidente na fala do Coronel da Rota ao dar tratamento diferencial. Importante salientar que Eduardo está criticando sobre o processo de criminalização da pobreza e do linchamento físico e moral que os favelados sofreram num período em que se tem o Partido dos Trabalhadores no principal cargo federativo do país. Um partido de centro esquerda que produziu crescimento econômico, transformando de certa

forma o cenário que era composto,⁸⁹ que buscava a integração, principalmente da classe baixa ao consumo, na produção de renda e no assistencialismo.

Um governo que tinha como *slogan* a seguinte frase: “Brasil um país de todos”. Entretanto, para a figura do *Rapper* não foi bem assim, a posse de um partido de centro esquerda não modificou a situação de miserabilidade e de alvo de violência vinda do estado, na vida dos favelados.⁹⁰ Esses, aliás, que conseguiram o poder de compra e satisfação com o consumo compulsivo, mas não deixaram de ser as maiores vítimas da morte. Acerca disso, o *Rapper* diz:

Hoje, na terceira gestão presidencial consecutiva do PT, os ex-pobres e indigentes beneficiados com o alavancamento do poder de consumo, em enfim, podem comprar a vista ou a prazo, os lençóis que são usados para embalar os pedaços de corpos diferentes donos, para levá-los ao asfalto em colaboração ao rabeção que não pode adentrar as chamadas áreas de risco (TADDEO, 2012, p. 242).

Ou seja, para Taddeo, o poder de compra e o assistencialismo foram migalhas que sobraram da riqueza nacional, a mudança efetiva não foi feita, muito pelo contrario, o partido beijou a mão do patronato brasileiro, este mesmo que há séculos se constituiu sobre o genocídio e o massacre da população mais pobre. Para Taddeo, o crescimento econômico do Brasil não superou o crescimento em escala industrial da produção de corpos tombados em becos e vielas. E pior, por ter uma justiça parcial, o Estado, além de não conseguir solucionar boa parte desses homicídios, faz parte de quem puxou o gatilho. Nisto, o ativista assevera:

⁸⁹ Para Jorge Caldeira (2017) o cenário brasileiro já vinha em mudanças significativas desde o governo Itamar Franco, com a estabilização da economia devido à criação do Plano Real, que teve como um dos organizadores o Ministro da Fazenda, e logo em seguida líder do executivo, Fernando Henrique Cardoso (FHC). Esses avanços podem ser notados no critério educacional, com uma taxa de alunos matriculados em 1994 a 83%, para chegar em 2002 a 99%, assim como a mortalidade infantil que cai de 47,1 em 1994 para 34,4 em 2002. E até mesmo a expectativa de vida que subiu de 66 anos para 68,6 anos. De acordo com Caldeira, o governo petista fazia críticas ao governo FHC, aproximando do chamado neoliberalismo, enquanto que o Partido dos Trabalhadores se firmava como de esquerda e pautado numa política de inclusão dos pobres, com programas de cunho de ação social maior, como exemplo do *Fome Zero*. Ao assumir o executivo em 2002 se tornou um partido pragmático, manteve a política do governo passado, o que fez com que conseguisse o apoio do setor empresarial e com exportações boas conseguiu ampliar o nível de emprego e de renda dos trabalhadores (CALDEIRA, 2017).

⁹⁰ Digno de nota que essa é uma posição do Eduardo Taddeo, nem toda a comunidade do *hip hop* pensa da mesma forma, indicando que existem tensões dentro de um mesmo movimento e opiniões que se divergem, caso claro é o posicionamento do também *Rapper* Paulo Soares, o “Mano Brown”. Para o músico, os governos Lula e Dilma modificaram o pensamento e a vida da população periférica, tendo um olhar para a comunidade mais carente.

O resultado de nossa aceitação e inoperância, é um país livre e democrático na vanguarda da América Latina, que mais do que superlotar presídios e áreas de risco, consegue a façanha de hiper-lotar cemitérios. No paraíso tropical o PAC mais urgente é o programa de aceleração de cemitérios (TADDEO, 2012, p. 251).

A crítica feita ao Partido dos Trabalhadores não é exclusividade do *Rapper* paulista. Para o historiador Fabio Luís Barbosa dos Santos (2016), o PT se transformou em partido da ordem, que continuou com a mesma gestão anterior, no caso de FHC, uma agenda neoliberal, ou seja, no campo da macroeconomia uma política conservadora. E mesmo com algumas melhoras exemplificadas em uma lenta recuperação do poder aquisitivo, uma melhoria da distribuição de renda, a diminuição do desemprego, a redução da extrema pobreza por meio da ampliação de consumo que aumentou o crédito, isso tudo em época de aumento de *commodities* graças à expansão chinesa. Mas para o pesquisador o Brasil continuou na mesma linha que já vinha antes, que era basicamente a perpetuação da desigualdade e dependência⁹¹ que marcou o governo do PSDB no executivo, transformando os dois partidos, os Tucanos e Petistas como governos da ordem.

Na mesma ótica, o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica, ao conceder uma entrevista no ano de 2018,⁹² afirmou que o grande erro da esquerda latino americana foi “transformar pobres em consumidores e não em cidadãos”. A originalidade do *Rapper* Eduardo foi perceber e fazer essas críticas antes do desmoronamento das esquerdas latino americanas, especialmente no Brasil. Compreendemos que a posição do *Rapper*, enquanto intelectual marginal e a singularidade do seu pensamento, conseguem dar conta desse processo nas periferias/favelas brasileiras. Isto leva o militante Taddeo a outra crítica, sobre a chamada ascensão da classe D para a classe C. Para o *Rapper*, esse fato não se consumou na

⁹¹ Para Santos (2016) essa política que fundamentou o Partido dos Trabalhadores quando se aglutinou a crise em 2016, o partido nunca teve uma saída à esquerda, mostrando seu comprometimento com o mercado e com o *status quo* que eles ajudaram a permanecer. Tanto é que, quando Michael Temer assume o comando do país por meios duvidosos (para não falar em golpismo e gangsterismo) convoca Henrique Meirelles para comandar a economia nacional, o mesmo nomeado por Lula em 2003, ou seja, não foi supressa pra ninguém essa continuidade, mesmo que mais agressiva pelo lado pmdebista, com outras roupagens, é claro, mas sem trocar de pele.

⁹²Em entrevista na cidade de Los Angeles o ex-presidente Uruguiaio Pepe Mujica afirmou que a prioridade dos governos de esquerda latino americanos era com a fome, mas que falharam em não encerrar a dependência com o sistema global que cada vez mais se expande, ainda com o Uruguiaio, os latinos americanos querem consumir como países de primeiro mundo, mas que no frígir dos ovos, não conseguimos resolver nosso problemas mais básicos. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46624102>>. Acessado em 30 de dezembro de 2018.

prática, tendo o governo maquiado os números e ofuscado a realidade da situação, principalmente para a população periférica e favelada. Baseado nisso ele diz:

Não é preciso ser economista para concluir que as transformações sociais exaltadas por aquele, que é considerado por muitos como o melhor governo federal de todos os tempos, passou anos luz de dar início a repartição financeira necessária para um recuo real da desigualdade brasileira (TADDEO, 2012, p. 222).

Ou seja, o ativista compreende que durante o governo petista os favelados não avançaram no campo econômico, tendo apenas mudanças circunstanciais, mas que de fato não mudaram e nem resolveram o ponto nevrálgico que era a desigualdade e, por consequência, a criminalização da pobreza. Tema esse que também foi percebido por Jessé Souza (2009), mas para o sociólogo, a explicação estaria no fato de que o Brasil moderno se construiu em condições periféricas do capitalismo, ainda de forma deficiente e seletiva, e que nunca no Brasil houve um esforço para a equalização das condições sociais de classes inferiores. Para Souza (2009), havia uma concepção de que o avanço do mercado alavancaria essa classe e melhoraria sua condição, processo que não ocorreu, e o que sobrou foram apenas esforços ou projetos assistencialistas que foram insuficientes, justamente por serem de curto prazo.

Taddeo (2012) insiste na sua crítica, dizendo que no campo social a situação pouco mudou, os favelados continuaram sendo vistos como diferentes. Essa marca faz o *Rapper* traduzir isto a ponto de considerá-los uma nação à parte, essa diferença pautada na desigualdade, ou, quando pior, propiciando em escala exponencial uma indiferença⁹³. Nisto o *Rapper* assevera que os favelados não podem aceitar o “tá ruim, mas tá bom” ou “do mal o menos pior”. Mas para isso a informação e a criticidade são coisas que todo morador das zonas negligenciadas deveria buscar. O texto do ativista é enfático:

Nas senzalas nos deram as partes menos nobres dos porcos, nos adaptamos e inventamos a feijoada, agora querem que nos adaptemos com os eletroeletrônicos, que são sobras da riqueza. Advirto de antemão, que essa adaptação contemporânea é indigesta e não tem, nem de longe, o sabor inigualável da maravilhosa feijoada (TADDEO, 2012, p. 224).

⁹³ Aportamos nos conceitos de diferença, desigualdade e indiferença do livro do historiador José D’Assunção Barros chamado: *A construção Social da cor: Diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira (2017)*. Para o historiador, a diferença é algo que marca e é imutável, enquanto que a desigualdade abriga eixos móveis que podem ser relativizados no tempo e no espaço. Entretanto, em muitos casos a diferença foi traço marcante para legitimar a desigualdade como no caso em que o autor trabalha em seu livro na escravidão e sequestros de africanos na África.

Se a criminalização da pobreza foi uma construção social arquitetada e sedimentada no Brasil, e se mesmo um partido de esquerda, erguido sob a égide das demandas sociais populares, não conseguiu resolver o problema de pessoas que são tratadas de forma exponencialmente diferente por morar em áreas historicamente criminalizadas, isso porque se submeteu ao pragmatismo conservador da política brasileira, existe um fator que torna ainda mais aguda essa criminalização dos favelados, que é a problemática das drogas ilícitas. Se o combate aos entorpecentes ilícitos será uma política de Estado, será nas favelas que veremos seus combates mais violentos, isso devido ao varejo da droga que geralmente são feitos nessas regiões, assim como, a criminalização que já se tem sob essas áreas e seus moradores.

A consubstanciação de narcotráfico, áreas periféricas-faveladas e Estado, gera apenas um denominador comum: extermínio. É claro que Taddeo não se exime de tratar dessa realidade que se torna o motor de altas taxas de homicídios no país, e diante disso que nos proporemos a discutir no próximo tópico.

2.4 - Uma guerra contra as drogas, que mata mais que a própria droga

*Que recebemos penas hediondas em julgamentos
Porque acatamos a proibição das drogas sem questionamento*

Eduardo Taddeo

O ano é 2007 e tem o lançamento de um dos filmes que seria sucesso de bilheteria daquele ano, sob direção de José Padilha, intitulado: *Tropa de Elite - Missão dada é missão cumprida*. Uma das cenas mais marcantes desse primeiro filme é quando policiais do Bope sobem a favela e executam traficantes e prendem estudantes que estavam usando drogas. Na cena nauseante, o capitão Nascimento, interpretado pelo ator Wagner Moura, manda enfileirar os estudantes e escolhe um para interrogar. De repente coloca o rosto do estudante sobre o corpo do traficante morto e começa perguntando quem matou aquele homem. O estudante, atônito, responde que foram os policiais, resposta essa que irrita o capitão, que após surrar o usuário, afirma categoricamente que os responsáveis da morte daquele traficante foram os

próprios estudantes, já que estariam financiando toda a droga, e os policiais estavam ali para limpar aquela sujeira toda.

A resposta do capitão traduz muito bem das telas a mentalidade que se tem quando o assunto são drogas ilícitas, proibicionismo e o seu combate. Fica evidente na produção cinematográfica, de inspiração de vida, uma contradição: se proíbe as drogas por elas serem consideradas um risco à vida, entretanto, realiza-se extermínios que matam mais que a própria droga. Como demonstrado no filme, onde o capitão Nascimento executa traficantes para apreender usuários e alguns entorpecentes ilícitos.

A chamada guerra contra as drogas, além de aumentar exponencialmente o número de pessoas na cadeia por tráfico, alimenta cada vez mais os algarismos mórbidos de óbitos no Brasil. Não obstante, o problema do tráfico de entorpecentes e seu confronto com as forças legais do Estado não atinge de forma igual o tecido social brasileiro, e novamente a classe vulnerável que fica mais exposta a essa chaga é a classe mais pobre, os favelados periféricos. Portanto, podemos afirmar que há uma guerra contra as drogas, e esta mesma guerra faz parte de um conflito maior contra uma população específica. Segundo, que se faz e utiliza da ferramenta da guerra contra as drogas para justificar a violência do Estado contra grupos tradicionalmente criminalizados, neste caso, os favelados. E terceiro, que o conflito bélico contra os entorpecentes ilícitos tem alvos bem definidos por cor e classe social, que mata mais que a própria droga.

Baseado nisso, o *Rapper* Eduardo não vai fugir do embate e irá problematizar a questão, reservando em seu livro capítulos específicos que trataram do tema, sendo eles: *Outros tentáculos do Estado*, *Amor ao pró\$\$\$\$imo*, *Quero a legalização das Drogas e a proibição da ignorância e do walmart da morte* e *Meu modelo de descriminalização ideal*. A originalidade de Eduardo Taddeo é que ele vai além do texto escrito da lei e suas proibições, o ativista vai historicizar a questão, assim como irá propor uma nova forma de relação com os entorpecentes, os usuários e o Estado mediando essa situação. É bom frisar que o *Rapper* já possui uma postura muito clara sobre essa problemática: apesar de não ser usuário de nenhuma droga,⁹⁴ ele é a favor da legalização de todas as substâncias psicoativas, mas ao mesmo tempo não é incentivador de nenhuma delas.

⁹⁴ Eduardo Taddeo diz em seu livro que é abstêmico e que a única substância no qual possui certa dependência é o café.

Para Taddeo, o problema das drogas e o proibicionismo escondem na verdade um projeto classista, racista e eliminacionista. Ele entende que o combate aos entorpecentes, do modo como é feito no Brasil, é apenas uma estratégia para expor bodes expiatórios dessa guerra às drogas. Taddeo pontua que o uso de drogas é milenar entre os humanos, o Rapper chega a citar dados arqueológicos de 11.900 anos de registro de consumo de substâncias que alteravam o estado psicomotor. Como por exemplo os Sumérios, que utilizavam o ópio como forma de alívio e bem estar, e egípcios que utilizavam o suco da papoula para fins terapêuticos, e até mesmo casos famosos como do psicanalista Sigmund Freud que utilizava e prescrevia cocaína para seus pacientes. Entretanto, para o *Rapper* a proscricção de entorpecentes é recente e quem irá liderar esse processo de proibições e criminalização é os Estados Unidos da América.

Não obstante, os pesquisadores Felipe Motta, Vitor Dieter e Flavio Bortolozzi⁹⁵ afirmam que o proibicionismo é uma agenda recente no mundo, que data especificamente do século XX. Ele teve seu berço na América do Norte, com a leva de imigrações no final da segunda década da *era dos extremos*,⁹⁶ devido ao fim da Primeira Guerra Mundial, em que os europeus vieram em grande escala se abrigarem e recomeçarem suas vidas. Essa onda imigratória gerou preocupações no governo norte-americano, sobre como lidar com essas populações de irlandeses, italianos, judeus, eslavos, e até mesmo chineses, além dos afro-americanos e caribenhos. E o alvo da política criminal americana foi justamente nos entorpecentes, inclusive no álcool, já que eram os bodes expiatórios para capturar e prender os indesejáveis que não se ajustariam ou que pudessem comprometer a cultura estadunidense.

Compreendendo esse processo, o *Rapper* vai criticar o proibicionismo como uma condição imperialista americana que teve suas bases pautadas na xenofobia e no moralismo. Ao apontar essas duas causas, que na visão do Eduardo alicerçaram o proibicionismo, ao mesmo tempo ele aponta a contradição delas, exemplo esse quando ele cita:

É no mínimo paradoxal, não é mesmo? A religião que fundamentou os dissimulados puritanos criminalizadores das drogas, foi impressa pela primeira vez em paginas fabricadas com a planta da qual se originou a maconha! E ainda tem mais; os esboços originais da declaração da

⁹⁵Debate sobre proibicionismo ocorrido pelo podcast *Salvo melhor juízo*. Disponível em: <<https://soundcloud.com/salvo-melhor-ju-zo/smj-48-historia-do-proibicionismo>>. Acessado em 30 de dezembro de 2018.

⁹⁶ Termo *era dos extremos* foi utilizado pelo o historiador Eric Hobsbawm para definir o século XX, que para ele durou de 1914 a 1991.

independência norte americana e da constituição do país “reto e abstêmico” foram estampados sob o mesmo material. Às vezes me pergunto: Será que os proibicionistas fumaram uma dessas páginas? (TADDEO, 2012, p. 544).

Após apontar a contradição do eixo religioso, Taddeo se dirige à questão xenofóbica e de como as drogas foram usadas como pretexto para atacar grupos minoritários, oriundos de outras etnias, especialmente negros e sul americanos. Para isso Taddeo postula:

O preconceito de grupos minoritários é uma peça chave na montagem do quebra cabeças. Pois é ele que nos faz perceber, que aquilo que os defensores da criminalização realmente apontavam, como grande risco à sobrevivência de seus pares, não eram os entorpecentes em si, mas a suposta violência causada por homens não brancos, que teoricamente se descontrolariam após inalá-los, injetá-los ou ingeri-los (TADDEO, 2012, p. 548).

Ou seja, para o ativista esses eram realmente os verdadeiros medos dos norte americanos em relação às drogas: de imigrantes destacando a xenofobia, que além de comprometer a segurança americana com o uso de entorpecentes, poderia comprometer a “moral religiosa” daquela sociedade. De acordo com Taddeo, com o intuito de resolver esse conflito nacional, mas que depois se espalhou como uma cruzada mundial, os EUA contaram com três fatores determinantes: a prepotência; um Produto Interno Bruto (PIB) estratosférico; e uma força bélica inigualável, que foi acatada pelo Brasil em um primeiro momento por medo das sanções econômicas, mas que depois se tornou política governamental do Estado brasileiro, justamente por ver o potencial financeiro do proibicionismo. Taddeo pontua que:

A proibição das drogas que assola os moradores dos campos de concentração do Brasil é tão somente, um pacote de medidas norte - americanizadas. Um pacote que foi destinado a atender três propósitos: exterminar estrangeiros ilegais, proteger lucros dos capitalistas e inflacionar itens que até as primeiras legislações penais sobre o tema, eram vendidas a preço de banana (TADDEO, 2012, p. 548).

Se olharmos para a literatura que se debruça a estudar sobre o tema, Taddeo se apegua a causas e circunstâncias importantes que alavancaram o proibicionismo em escala mundial. Neste sentido, um pesquisador que tem o pensamento alinhado ao do *Rapper* é o Juiz e Cientista Político Luís Carlos Valois (2017), ao discutir sobre: *O direito penal das guerras às drogas*. Ele afirma que o proibicionismo faz parte de um pacote comercial e moral

americanizado,⁹⁷ importado para o Brasil, a ponto de virar uma política de Estado, tornando nosso país aluno da América Inglesa. Para o autor:

Por isso não há nenhuma americanização do Brasil em curso. O Brasil já está americanizado. Americanizado a ponto de nem mais perceber qualquer influência dos EUA, pressão, intimidação ou persuasão. Americanização a ponto de, quando se levanta a hipótese da americanização, parecer ofensa aos mais caros princípios da classe média que viaja anualmente a Miami para fazer compras (VALOIS, 2017, p. 330).

Valois (2017) também cita a ideia de uma moralização religiosa como um dos pilares do proibicionismo e da guerra às drogas, dizendo que os reformadores evangélicos, em busca de uma sociedade moral, ébria, sem vícios, relacionavam o conceito de democracia com a capacidade de seus cidadãos de exercê-la sobriamente, e que para isso, a sociedade deveria corrigir seus “defeitos morais”.

As pessoas deviam consumir, mas de acordo com o padrão moral cristão bem estabelecido, que não colocasse em risco a democracia. Nesse mesmo ritmo, para Valois (2017), a sociedade americana foi levada a criar os primeiros sistemas prisionais complexos geridos pelo Estado, que tinham como princípio, não proteger a sociedade do infrator das leis, mas sim isolar o infrator das forças “corruptivas” da sociedade. Ou seja, a questão moral do indivíduo que transgrediu o pacto social passa a ser vista como uma questão de Estado, e essa política é expandida a outros lugares do mundo. Com isso, Valois diz:

Foram, portanto, os esforços dos movimentos religiosos norte-americanos os primeiros a “estimular legislações estaduais e federais de proibição das drogas nos Estados Unidos, como também a criação de um regime global de proibição nas convenções internacionais e de agências para controle de drogas das organizações internacionais (VALOIS, 2017, p. 52).

Em outras palavras, a moral religiosa, assim como assinala Taddeo (2012) e Valois (2017), foi uma das primeiras escadas a atingir e estabelecer o proibicionismo. Ao se

⁹⁷ Para Valois (2017) a parceria que Brasil e Estados Unidos fazem pode ser percebida com a política varguista na Segunda Guerra Mundial e foram cada vez mais se aproximando a base de interesses financeiros e militares, período esse que foi de maciça aculturação do modelo de vida americanizado. Em seguida, apoio a ditadura militar brasileira com treinamentos na escola superior de guerra dado por militares americanos dentro e fora do Brasil. Além dessa postura de aproximação dos países já se tinha desde o século XIX a chamada doutrina Monroe que tinha em seu lema “ A América para os americanos”, ideia essa liderada pelos Estados Unidos da América de impedir o avanço imperialista europeu sobre os países latino americanos, tendo o próprio EUA fazendo esse papel.

buscar uma sociedade sem vícios, pautaram numa postura proibitiva e punitiva como elemento correccional, em busca de se “higienizar” a comunidade e garantir o pacto social. O cientista social ainda conclui que:

A soma desse interesse pela cura do outro com ideal punitivista que, no contexto do século XIX, podemos chamar de ideal penitenciarista, criou raízes na cultura ocidental. Apesar de nos dias atuais muitas dessas organizações religiosas estarem combatendo o encarceramento em massa, a mistura original de cura e punição ficou institucionalizada e faz parte permante do discurso governamental, agora independentemente do suporte religioso (VALOIS, 2017, p. 54).

Ou seja, o proibicionismo gerou uma guerra contra os entorpecentes e nessa guerra: “O certo é que a guerra às drogas, como todas as guerras, propicia um espectro de violência no qual qualquer um pode sucumbir independente do grau de probabilidades” (VALOIS, 2017, p. 54). É de suma importância lembrar, como bem discutiram Motta (2017), Bortolozzi (2017) e Dieter (2017), que o termo específico de guerra às drogas vai ser cunhado já na segunda metade do século XX, que tem em seus grandes propagadores dois presidentes americanos: Richard Nixon, que governou os Estados Unidos de 1969 até 1974; e Ronald Reagan, que teve seu mandato executado de 1981 a 1989. Segundo os pesquisadores, em pleno rigor da Guerra Fria contra a união soviética, Nixon declara que o inimigo número um dos Estados Unidos da América são as drogas, e que a retórica de Nixon ganhou termos literais com o mandato de Reagan⁹⁸.

É relevante dizer que nesse período histórico dos anos 70 e 80 do século XX, é um tempo que os Estados Unidos estão passando por crises econômicas, e que se tem os desdobramentos da política dos direitos civis e dos direitos emancipacionistas que ameaçavam os interesses dos grupos hegemônicos e das classes dirigentes estadunidenses. Novamente a problemática das drogas é utilizada como política disfarçada para atingir esses grupos que tinham conseguido avançar na política de cidadania e direitos humanos. Para confirmar isso destacamos a fala do assessor de Nixon na época, John Ehrlichman:

⁹⁸ Podemos observar essa política criminal de guerra às drogas justamente no processo de encarceramento da população americana. É o que mostra o documentário chamado *13º emenda* produzido pela diretora e cineasta Ava DuVernay. Este documentário mostra como a população carcerária dos Estados Unidos subiu radicalmente, estimulado pela política punitivista, especialmente no que tange a problemática das drogas ilícitas. Em 1970 são 357,292 mil presos, que praticamente quase duplicam em 1980 chegando a 513, 900 mil presos e já na década de 1990 com números de 1,179, 200 mil presos. Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/80091741?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cb0267196-658f-4f73-b914-fbc2e4cb3fbe-34055151%2C%2C>>. Acessado em 28 de janeiro de 2019.

A campanha de Nixon em 1968, e a Casa Branca de Nixon depois disso, tiveram dois inimigos: a esquerda anti-guerra e os negros. Entendem o que estou dizendo? Sabíamos que não podíamos tornar ilegal ser contra a guerra ou negros. Mas ao fazer o público associar os hippies à maconha e aos negros com heroína, e depois criminalizar fortemente ambos, poderíamos perturbar essas comunidades. Poderíamos prender seus líderes, invadir suas casas, romper suas reuniões e vilipendiá-los noite após noite no noticiário da noite.⁹⁹

Ao compreendermos o processo da proibição e da criminalização, ambos envolvidos em questões racistas e de cunho moral religioso, é necessário lançar os olhos para o Brasil e compreender como esse método importado dos ianques se instaurou e suas consequências para a sociedade brasileira. Lembrando que Valois (2017) disse sobre o risco dessa guerra para todos, e que qualquer um pode sucumbir. É evidente que aqueles que estão em condições de vida precárias maximizadas sentem mais o peso da mão punitivista do Estado, no caso específico do Brasil, os favelados vulneráveis a esse tipo de gestão populacional.

No primeiro capítulo apresentamos um esboço de como as favelas foram geridas, especialmente pelo abandono do Estado e como elas se construíram, geralmente em áreas de proteção ambientais, lugares em que a especulação imobiliária não poderia atacar, e como, de fato, isso já provava a falta de fiscalização do poder público sobre esse tipo de moradia. Ao chegarem os anos 1980, com o desgaste da Ditadura Militar, juntamente com as posições ideológicas da Guerra Fria e o alinhamento do Brasil com os EUA, outro inimigo foi criado para se combater, nesse caso, os entorpecentes. O bode expiatório da vez foi o traficante favelado que habitava os morros, que viu sua imagem ser construída como o inimigo da nação. Nesse caso uma política racista de perseguição a grupos minoritários como nos Estado Unidos.

Aliado ao proibicionismo, temos o aumento do preço dos entorpecentes, o que desperta interesses em áreas empobrecidas para a ascensão econômica, além claro, da pouca visibilidade política e policial que se tem sobre esses locais. Entretanto, com esse novo

⁹⁹ "Nixon's 1968 campaign, and Nixon's White House after that, had two enemies: the anti-war left and the blacks. Two understand what I'm saying? We knew we could not make it illegal to be against war or black people. But by making the public associate hippies to marijuana and blacks with heroin, and then criminalizing both strongly, we could upset these communities. We could arrest their leaders, invade their homes, break their meetings and vilify them night after night on the evening news". Fala retirada do documentário *13º emenda*.

elemento, surge a figura do inimigo: o traficante, que torna os territórios favelados um terreno explosivo, visto que teremos uma gestão desses tráficos feita com medidas violentas. Posto que os traficantes não podem recorrer a meios legais para resolver seus problemas, assim como grupos da própria área ou fora, disputando territórios, além do confronto com as forças policiais. O historiador Henrique Carneiro comenta essa situação:

O hiper-valor como signo expressa o bode expiatório simbólico e real da atualidade, o inimigo por definição, o traficante, figura a qual se reduz, por metonímia, o conjunto dos crimes. Em qualquer tiroteio nas favelas com as vítimas anônimas de sempre, o seu designativo na mídia e nos comunicados oficiais é como traficantes. Sujeito que parece ser “mais perigoso” que ladrões, assassinos ou estupradores, a ponto de se aprovar no congresso brasileiro, em 2013, um projeto de lei que agrava apenas para o tráfico, tornando-as mais elevadas do que aquelas que são dadas ao homicídio (CARNEIRO, 2018, p. 33).

Esse aumento dos preços ocorre justamente, porque o tipo de política proibicionista que se estabeleceu gera mercados potenciais lucrativos. Valois cita isso ao dizer que:

As leis do mercado não seguem o rigor do que convencionalmente entendemos por lei, e o que mais veremos na história da proibição é o rigor da repressão servindo para aumentar a produção e diminuir o preço, porque a proibição torna o produto mais valioso, fazendo a produção aumentar mais e o aumento desta faz o preço diminuir, portanto não há regras rígidas no mercado das drogas, e a força da oferta e da procura ignora qualquer medida proibitiva (VALOIS, 2017, p. 54).

Além do proibicionismo, Eduardo cita os famosos autos de resistência, que são basicamente “confrontos” entre policiais e traficantes nos morros. Esses autos são gerados quando a polícia invade os morros e tem contato com os traficantes, quando há resistência do criminoso em ser preso ou ele reage, os policiais podem intervir com a força para detê-los, e caso esse suspeito tente contra a vida dos militares os mesmos podem repelir a ameaça com agressão, mesmo que isso implique o óbito do suspeito, gerando os autos de resistência, que são legitimados por boa parte da sociedade nessas excursões policiais. Taddeo cita que: “Nessas tais resistências a prisão seguidas de morte, em 46% dos casos, os corpos apresentam 4 ou mais impactos de bala. Apresentam 4 ou mais sinais claros de uso excessivo da força bruta e presença de fortes indícios de execução sumária” (TADEEO, 2012, p. 246).

É importante ressaltar que essa opinião não é exclusiva do *Rapper*, especialistas sobre o tema também convergem com o pensamento do ativista, um dos mais incisivos pesquisadores sobre esse assunto, o Delegado e Doutor em Ciências Políticas, Orlando Zacone,¹⁰⁰ que defendeu em sua tese: *Indignos de vida: A forma jurídica de política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro* (2015). Nisto, o cientista trabalhou com 314 inquéritos policiais de autos de resistência do período de 2003 a 2009 na cidade do Rio de Janeiro, período esse que esboçou uma maior letalidade na cidade. Zacone (2015) percebeu que existia uma impunidade crônica desses processos, já que os mesmos apresentavam falhas ou eram parciais, geralmente contando apenas com a versão dos policiais e indícios de práticas de execuções sumárias como tiros a queima roupa; nas palmas das mãos, que indicavam que a vítima tinha colocado as mãos para se defender; e vários tiros na nuca.

Mesmo com todos esses indícios os processos eram encaminhados para o arquivamento. Esses processos se davam justamente pelo Ministério Público e todo sistema de justiça, no qual o autor chamou de máquina burocrática do descaso e do esquecimento, já que os pedidos de arquivamento se davam em sua maioria de forma generalizada e que enquadrava os policiais, mesmo com todos os indícios de execuções como auto defesa ou excludente de ilicitude. Zacone (2015) concluiu que o que dava legitimidade para esses processos serem arquivados era a produção dos estereótipos de inimigo. Nisto ele diz:

Em centenas de promoções de arquivamento, analisadas nesta pesquisa, podemos observar que é na definição da presença do inimigo em territórios segregados que se dá a legitimação das mortes produzidas a partir de ações policiais [...] O depoimento dos policiais, a construção do inimigo, através da criminalização da vítima, bem como a definição da periculosidade do local onde ocorreram os fatos, “comunidades favelada”, são os ingredientes do discurso dos promotores de justiça criminal a legitimar a força letal na cidade do Rio de Janeiro. (ZACONNE. 2015. P155, 156).

Em suma, para Zacone (2015), todo esse estereótipo construído sobre o traficante como um monstro, como um inimigo a ser abatido, é justamente para legitimar a morte do mesmo e ao mesmo tempo ganhar tons de civilidade, nas palavras do cientista político: “A construção do inimigo requer que ele seja identificado como a fonte do perigo e nunca alguém exposto ao perigo” (ZACONNE, 2015, p. 260). Essa ineficiência em se provar,

¹⁰⁰ Também foi o delegado responsável em boa parte do inquérito no caso Amarildo, o pedreiro. Caso emblemático, onde Amarildo Dias de Souza desapareceu após uma excursão policial na favela da Rocinha no Rio de Janeiro, confundido com um traficante, foi torturado e morto.

investigar os casos de autos de resistências, para o cientista, se torna a principal lógica do sistema, que é ser ineficiente para aquela população.

Essa máquina burocrática de esquecimento e descaso que conceituou Zaconne (2015) tem seu processo explicado por Taddeo (2012) naquilo que discutimos no tópico: 2.3 *uma guerra não declarada, uma guerra contra os pobres*, em que os favelados são vistos como imigrantes em sua própria pátria, e, nesse sentido, os direitos e garantias legais não seriam aplicados para eles, desde o aparato policial, passando pelo Ministério Público, ineficiente para resolver e solucionar os casos de chacinas e execuções extrajudiciais. Nisto Taddeo protesta, dizendo:

As sub-pátrias não contam com delegacias policiais confiáveis, constituídas e dirigidas por seus habitantes, para investigar as mortes ocorridas nas chamadas incursões do exército inimigo. Com isso, aquele famoso corporativismo entre a Polícia Militar, Polícia Civil e Institutos Médicos Legais estaduais, faz com que a grande maioria das execuções sumárias, arbitrárias e extrajudiciais ocorridas nesses locais, fiquem impunes. Com isso, aquela famosa conspiração burguesa contra os pobres, faz com que raríssimos assassinatos sejam apurados e encaminhados para o Ministério Público. Com a cena do crime violada, sem coleta de provas, sem reconstituição do crime e com apenas o gambé que matou como testemunha, habitualmente, as “investigações” são conduzidas apenas para um resultado: o “arquivamento” (TADDEO, 2012, p. 318).

Além dos problemas entre traficantes e Estado, traduzidos em extermínios, e cuja expressão mais significativa se dá nos famosos casos de resistência, em que se tem uma violência reproduzida em grandes casos, desde execução e uma segunda morte causada pelo Ministério Público. Eduardo Taddeo pontua outra questão relevante, que é o próprio Estado não conseguir resolver a problemática das drogas ilícitas, problema que o próprio Estado de direito ajudou a criar. O *Rapper* chamou de “*outros tentáculos do Estado*” as chamadas milícias, onde agentes e ex-agentes da lei entram para o mundo do narcotráfico pelo seu alto poder lucrativo. Após expulsar gangues de traficantes da favela, eles próprios assumem a função de chefiar o tráfico e acabam sendo tão algozes da população desesperada quanto os antigos donos das famosas bocas.

Essa façanha, para Taddeo, demonstra a total incapacidade do Estado, em que os próprios agentes da lei, polícia e ex-militares, que deveriam combater o crime de narcotráfico, assumem a posição de traficantes, agravando a situação de moradores, pois geram uma margem maior de insegurança. A conclusão é que a população fica refém do Estado, que

proíbe e criminaliza as drogas, mas ao mesmo tempo tem seus agentes que utilizam a mesma prática criminosa para reproduzir maior violência e exploração dos moradores, que não sabem e têm medo de denunciar as violências, os desmandos e a criminalidade para o próprio Estado.

Esse paradoxo, em que o Estado que deveria proteger os cidadãos, e ao mesmo tempo é o que sustenta a violência e dá aval para que ela se reproduza e se mantenha, que foi exposto por Eduardo (2012). Mas que também foi alvo de crítica da estadunidense Judith Butler, em outro contexto, mas que se cruza com o problema apresentado:

Em outras palavras, elas recorrem ao estado em busca e proteção, mas o estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas. Estar protegido da violência do Estado-Nação é estar exposto à violência exercida pelo Estado-Nação; assim, depender do Estado-Nação para proteção contra a violência significa precisamente trocar uma violência potencial por outra. Deve haver, de fato, poucas alternativas. É claro que nem toda violência advém do Estado-Nação, mas são muito raros os casos contemporâneos de violência que não tenham nenhuma relação com essa forma política (BUTLER, 2015, p. 47).

Ou seja, a problemática das drogas ilícitas gera um espiral de conflito sangrento que deságua exponencialmente na população periférico-favelada. Nesse sentido, é importante ressaltar a advertência dita por Zaconne (2015), onde ele trabalha com a tese de que há uma irracionalidade e uma racionalidade no axioma do enfrentamento das drogas no Brasil. No primeiro momento, uma irracionalidade na medida em que se proíbem as drogas pelos seus efeitos e tem como mobilização maior a proteção à vida. Entretanto, se trava uma guerra contra as drogas, que mata mais que a própria droga no seu consumo. Num segundo momento, o paradoxo apresenta uma racionalidade que é deixar expostos para serem abatidos certos “indesejáveis” ou “indignos de vida” da sociedade.

Para o cientista político, um marco para o fim desse problema das drogas e seu enfrentamento com as forças do Estado, seria colocar um ponto final no poder punitivo do Estado e sua plenitude, o que também se faz presente no pensamento do *Rapper* Eduardo, pois para ele o problema da segurança pública não deve ser tratado apenas com balas, armas e mortes, e sim com políticas públicas que venham de fato coibir o crime, e melhor, não deixar que ele ocorra:

Aí irmão, não é correto, que governadores e secretários de segurança tracem metas pautadas em ações de pirotecnia e de confrontos letais, para o

estabelecimento de um convívio social pacífico e harmônico. A garantia da ordem pública e a elucidação de crimes, nada tem haver com chacinas. Para que real nação signatária da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a média oficial de óbitos promovidos pelo Estado nas grandes cidades do Brasil, é um atestado de genocídio. Não é normal, nem em quadros de guerras declaradas, que forças governamentais destinadas a servir e proteger cidadãos ostentem como padrão de qualidade e eficiência, a marca anual da polícia brasileira; cerca de três mil mortos (TADDEO, 2012, p. 245).

Então, se a problemática das drogas gera um derramamento de sangue e não tem uma lógica, como demonstrou Zaconne (2015), Eduardo Taddeo vai além e explica os motivos pelos quais os materiais entorpecentes, ditos ilegais, continuam sendo proibidos. Para isso mapeamos oito pontos que para o Rapper mantêm os laços do proibicionismo no Brasil até o século XXI. O primeiro, doenças causadas por pães psicóticas como a síndrome do pânico, que aumentam a procura para seguradoras que têm ramos ligados à proteção, desde pessoal até patrimonial.

O segundo elemento é o emprego de vigilantes e de toda uma arquitetura pautada como exemplos de licitações para construções de presídios de segurança máxima, já que nada encarcera mais no Brasil do que tráfico de drogas. Terceiro, o aumento do funcionalismo público para área de segurança presenteando a indústria armamentista que serve a dois braços, um o Estado e o outro os meninos dos morros que portam armas de grosso calibre.

Quarto, as indústrias farmacêuticas e ortopédicas agradecem, dado que são impulsionadas a vender seus produtos para as vítimas e sobreviventes da violência urbana no Brasil. Quinto, os negócios funerários seguem a todo vapor, já que os corpos também não irão faltar para enterrar as vítimas de uma guerra não declarada. Sexto, as campanhas eleitorais são prato cheio para salvadores da pátria que prometem acabar com a violência e fazer das zonas de exclusão currais eleitorais.

Sétimo aspecto: fonte de renda para editoras que terão material de sobra para fazerem suas matérias contendo corpos desfigurados como protagonistas principais; e, oitavo, o poder judiciário que lucra com tamanha oferta de julgamentos e processos criminais para se debruçar (TADDEO, 2012, p. 564). Baseado nessas informações, para o Rapper, o proibicionismo significa basicamente: “racismo e capitalismo e não humanismo, e os critérios que mantêm vivos no Brasil não são científicos e sim da imposição cultural” (TADDEO, 2012, p. 552).

Após toda essa problematização levantada pelo *Rapper* Eduardo, ele afirma categoricamente ser a favor do fim do proibicionismo. O ativista cita o exemplo da lei seca que vigorou no próprio solo americano como um modelo de fracasso no âmbito social, mas que gerou lucro para uma nova máfia que surgiu para fornecimento de álcool para seus clientes. Nisto o *Rapper* propõe responder algumas perguntas que geralmente são feitas, caso a legalização e as descriminalizações das drogas venham a acontecer.

A primeira das perguntas seria: caso a legalização ocorra, haveria um uso generalizado da população para consumir tais substâncias? Para Taddeo, essa é uma ideia absurda, já que o uso dos entorpecentes é feito em vários lugares e por diversas pessoas, ou seja, a aquisição existe e com facilidade para aqueles que querem usar. Na verdade a proibição e o uso da força coercitiva estão voltados apenas para os favelados. Portanto, o *Rapper* acredita ser ilógico que apenas uma mudança na lei faria com que todos fossem para o consumo, pois o consumo já é feito e em alta escala e por todos os cantos das cidades do Brasil. Para o *Rapper* esse exemplo também serve para as substâncias que já são liberadas como o álcool, e nem por isso há um consumo desenfreado para consumir tal substância. Eduardo cita que a única diferença que poderia haver no consumo seriam as propagandas, caso as drogas fossem liberadas, mas que isto pode ser perfeitamente controlável pelo governo.

Outro ponto levantado sobre a problemática das drogas consiste justamente naquilo que é o cerne da proibição, que seria a proteção à vida. Taddeo é bem claro ao afirmar que as drogas podem matar, entretanto o desprezo mata bem mais. Para isso ele utiliza o exemplo da Cracolândia, no centro da capital paulista. Para Eduardo, aquelas cenas de pessoas desoladas e com uso problemático do crack servem como modelo para inflar os argumentos de pessoas que defendem o proibicionismo, em razão que se liberassem o comércio de drogas os brasileiros se tornariam parecidos com aquelas pessoas. Entretanto, para o *Rapper*, se todas as pessoas que utilizam entorpecentes no nosso país estivessem na Cracolândia, o Brasil simplesmente pararia, tendo em vista que em certo grau, uma boa parcela da população brasileira faz uso de algum tipo de droga. A questão por trás daquelas cenas de indivíduos esqueléticos, que fazem o uso problemático do crack e derivados, é que eles sofrem na verdade de um descaso estatal e um desprezo pela maioria da população, que marginaliza e segrega esses indivíduos.

Taddeo levanta outro ponto sobre o proibicionismo que é: se as drogas forem liberadas, isso aumentaria o gasto com saúde pública e inflaria o SUS. Ele vê essa argumentação como remota, entretanto, responde que mesmo que isso acontecesse, no outro lado da balança haveria de forma exponencial uma diminuição das vítimas de violência que chegam aos hospitais, vítimas da proibição e da guerra travada pelas drogas. O que poderia ocorrer seria uma troca, uma inversão desses pacientes/clientes.

Outro ponto debatido pelo ativista é que os usuários financiam o tráfico,¹⁰¹ o que para Taddeo vai ser o oposto, na verdade quem financia o atacado e o varejo são aqueles que insistem na proibição, que obtém vantagens financeiras com o sistema vigente. Taddeo também vai ser crítico quando expõe as famílias daqueles que fazem o uso problemático de entorpecentes, geralmente famílias que são desestruturadas por não conseguirem lidar com o vício do ente.

Para o Rapper, na verdade, é a própria proibição que alavanca e dificulta uma rede de solidariedade e a falta de informação para lidar com pessoas que fazem uso problemático. Sendo o álcool utilizado de forma indiscriminada, também causa danos familiares terríveis e mesmo assim está legalizado e descriminalizado. Por falar em entes queridos, Taddeo cita que quem mais sofre com a proibição são as mães de meninos que entram para a vida do crime e buscam nela uma forma de ascensão.¹⁰²

Ninguém tem mais estômago para ver os filhos escondidos e atentos em lajes nas madrugadas, tentando identificar um inimigo invasor para carbonizá-lo vivo em pneus encharcados com querosene. As marcas nos ombros dos garotos franzinos feitas pelas correias que seguram fuzis do mesmo peso que eles, deixam hematomas nas almas de pais que há tempos perderam as esperanças. As marcas nos ombros dos garotos franzinos feitas pelas correias que seguram fuzis deixam hematomas nas almas de pais que não sabem qual palavra de ordem gritar, qual ideologia seguir e nem que adversário vencer (TADDEO, 201, p. 596).

Eduardo prossegue dizendo que a propaganda proibitiva leva as pessoas ao caminho oposto, pois gera curiosidade, além de claro, na visão do *Rapper*, a desinformação sobre o tema. Baseado nessas informações ele é contundente: “Está na hora da

¹⁰¹ Importante salientar que foi essa a fala do personagem capitão Nascimento utilizada para abrir esse tópico.

¹⁰² Sobre esse assunto ver o documentário feito pelo Rapper Mv Bill e Celso Athayde sobre a vida de garotos que entram para a vida do crime buscando reconhecimento. Nome do documentário é: *Falcão meninos do tráfico*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=B-s2SDi3rkY> >. Acessado em 07 de janeiro de 2018.

descriminalização total” (TADDEO, 2012, p. 594). Mas Taddeo não apenas diz, ele vai propor um modelo próprio de descriminalização.

Ao pensar o modelo de descriminalização, o *Rapper* vai ser totalmente original. Segundo ele, esse novo modelo não deveria ser pautado na injustiça, e para que ele seja justo, o comércio de entorpecentes deveria ficar nas mãos daqueles que lutam pela sua vida nos becos e vielas das favelas, os próprios traficantes do varejo:

A legalização defendida por mim, não lesa e nem destitui de cargos os que têm no repasse dos entorpecentes o único sustento. No meu projeto de salvação, não está incluso entregar de mãos beijadas as revendas dos bairros pobres aos burgueses. Se nos usaram até hoje nessas funções, no melhor da festa merecemos permanecer com os títulos de propriedade como forma de indenização bem justa [...] se eu for falar em reparação bem adequada, os sujeitos que foram transformados em criminosos pela interdição norte-americana, deveriam ser anistiados pelo governo, assim como o são os meninos soldados africanos resgatados pela UNICEF (TADDEO, 2012, p. 527).

Para o ativista, as pessoas que foram privadas de liberdade por motivos de tráfico de drogas deveriam ser anistiadas, além do ressarcimento financeiro por danos físicos e morais, por ter carregado durante dias, meses ou anos uma culpa que não seria sua. Eduardo vai além, ao pensar que no seu modelo de descriminalização, assim que o cativo saísse da cadeia deveria ser inserido nesse mercado e se tornar executivo, empresário e comerciante do mesmo ramo pelo qual foi trancafiado. Para Taddeo, isto traria uma série de benefícios para a sociedade, como por exemplo o número da população carcerária iria diminuir, assim como os mortos em decorrência de disputa de territórios entre narcotraficantes e da guerra com as forças policiais do Estado.

As drogas, que antes serviam para alimentar os números mórbidos, serviriam para aumentar a riqueza nacional, e os estados, ao invés de criar uma guerra com repressão a substâncias ilícitas, arrecadariam impostos que seriam destinados a outros fins mais nobres como moradia, saúde, saneamento básico e educação, entre outros. A principal novidade no pensamento do *Rapper* seria basicamente o fim da guerras às drogas, que beneficiaria a todos, inclusive os próprios donos das chamadas “bocas de fumo”:

Pergunte a qualquer um no comando operacional de uma quebrada, se ele não ficaria feliz em ter a sua situação revista pelas autoridades e ainda poder proporcionar divisas para serem convertidas em obras sociais. Dez em cada

dez detentos pulariam de alegria, se pudessem trocar um calabouço de quatro metros quadrados por um aconchegante escritório de empresário. Se pudessem, no lugar de iram negociar com o governo carbonizando ônibus, serem recebidos em palácios para montar parcerias que levassem ajuda imediata as comunidades carentes (TADDEO, 2012, p. 600).

Não obstante, para Eduardo Taddeo, os traficantes que são extorquidos por policiais militares, não se importariam em pagar impostos legais ao Estado. O ativista ainda diz que sairia até mais barato para os traficantes se esse tipo de taxaço ocorresse no seu modelo de descriminalização. Eduardo vai além, ao dizer que com a legalização e a descriminalização, os EUA seriam os verdadeiros prejudicados, visto que países como Colômbia, Bolívia, Peru e Afeganistão aumentariam seus recursos financeiros e se tornariam potências econômicas mundiais. Taddeo chega a comparar as drogas com petróleo para dar uma noção da geração de riqueza. Para o ativista, os EUA saem privilegiados com o proibicionismo, já que os países que historicamente fazem o uso dessas substâncias seriam autossuficientes e poderiam até mesmo ameaçar a hegemonia norte americana (TADDEO, 2012, p. 610).

Eduardo conclui ao dizer que o proibicionismo nunca deu certo pelos fins que pretendia alcançar e principalmente os meios pelos quais ele procurou fazer isso. E é nessa militância que ele procura dizer, em letras garrafais, a importância da legalização e da descriminalização. Eduardo, como ele bem disse, advogou em causa própria e não por ele ser usuário, mas por entender que os corpos que são dizimados e abatidos nessa cruzada contra as drogas são os próprios favelados, no qual ele se insere:

Não aguento mais ver a minha gente dividida entre os que são dizimados e marginalizados por exercerem funções que poderiam ser perfeitamente lícitas, os que vivem em estado de choque com medo do próximo projétil de HK e os que aos prantos procuram sentido para viver, depois que uma bala perdida encontrou os endereços de suas casas (TADDEO, 2012, p. 612).

Se começamos esse tópico citando a cena inicial do filme *Tropa de Elite*, encerraremos o mesmo citando o filme dois da franquia, dessa vez a parte final, onde o capitão Nascimento, após ter passado por experiências que mudaram sua posição sobre a problemática das drogas, policiais e milícias, o agora ex-policia diz que é muito difícil combater o sistema, em razão que ele próprio faz novos arranjos, se reorganiza e, por isso, ainda existem traficantes em favelas, por isso que ainda existem favelas, e com um tom quase

profético ele diz as seguintes palavras: “O SISTEMA É FODA, AINDA VAI MORRER MUITO INOCENTE”. De outubro de 2010 quando o filme 2 da franquia foi lançado, para 2012, a fala do personagem da produção cinematográfica praticamente se materializou, e os problemas das drogas e seu enfrentamento matou, encarcerou milhares de pessoas, a grande maioria delas pobres e pretas, aumentado os números mórbidos daquilo que o *Rapper* Eduardo Taddeo chamou de: “A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CADÁVER”, nesse caso o Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tá no Rap de atitude é igual tá na máfia
Pra sair é só rígido num caixão de lata*

Eduardo Taddeo

Ao escrever as considerações finais desse trabalho, em dezembro de 2018, me deparo com a seguinte manchete no jornal: “Fim da intervenção federal no Rio de Janeiro” a operação foi considerada um sucesso pelas forças estadual e federal, pois conteu os números de latrocínios, assaltos a mão armada e roubos de cargas. Entretanto, um número me chamou atenção: mortos em enfrentamentos com policiais e com as forças federais cresceram, o número de lesões corporais seguidas de morte aumentaram 33% e mortos em operações policiais subiram 38%, além de até a presente data, mais de 90 policiais terem sido mortos.

A operação, que na verdade foi chamada de “missão” pelo general Braga Neto, repito, considerada um sucesso, foi a mesma que legitimou o exército a tirar fotos de cidadãos que moravam nas favelas para “checar” seus antecedentes criminais, tratando toda uma comunidade por apenas morar na favela como suspeita.¹⁰³ A tal suspeita, que acompanha essa classe desde o final do século XIX e que no XXI ainda persiste, numa atitude explícita de acreditar que o crime estaria apenas ali nas periferias, isolando um complexo e estrutura de um crime cada vez mais organizado e ao mesmo tempo também mais desorganizado.

Esta operação considerada um sucesso pelo general foi a mesma que, em 23 de junho, assassinou a criança Marcos Vinicius por volta de nove horas da manhã, quando ele saía para ir para a escola. Escola essa que já tinha sido fechada inúmeras vezes por confrontos entre policiais e traficantes. Marcos, ao perceber que não teria como continuar o trajeto, resolve voltar, mas infelizmente não conseguiu completar o caminho, foi alvejado com um tiro nas costas que atravessou por sua barriga. Carregado com vida até a UPA, encontrou a mãe. A demora da ambulância foi justificada pela ordem de policiais que tinham impedido a mesma de entrar, até uma ordem superior avaliar e permitir a entrada do SAMU. A cada momento a vida de Marcos era ceifada, e antes de morrer ele disse para a mãe: “*Mãe, eu sei*

¹⁰³ Matéria Disponível em :< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/militares-tiram-fotos-de-moradores-de-favelas-do-rio-para-checar-antecedentes.ghtml>>. Acessada em 26/12/2018.

quem atirou em mim, eu vi quem atirou em mim. Foi o blindado, mãe. Ele não me viu com a roupa de escola?”

Casos como esse podem passar despercebido pelo discurso, em tom de vitória, do general e de seus correligionários, entretanto não podem ser esquecidos por um pesquisador. Nunca a frase de Marc Bloch fez tanto sentido: “O historiador deve farejar carne humana”. Principalmente, quando o cheiro dessa carne está estampado em sorrisos de vitória, ou, com o sangue escorrendo nas mãos daqueles que exercem o poder. A tragédia acontecida, que afetou Marcos e a sua família, é emblemática por resumir muito bem como o Estado Brasileiro trata o problema da segurança urbana, com repressão, suspeição, descaso e extermínios. Essa violência seletiva, voltada para a população favelado-periférica representa vidas que são ceifadas e que para os governantes, e porque não as elites brasileiras, não são passíveis de luto e nem de memória.

Nesse âmbito é importante esse trabalho, pois coloca de frente um favelado que pensa sobre essas questões, que as problematiza e que, principalmente, calcula a culpa das tragédias e dos mais de 60 mil caixões anuais decididos a sete palmos no chão, diariamente, em solo brasileiro. Mortes essas que têm cor, classe e faixa etária bem denificada. Ao se lembrar os números nacionais sobre a violência homicida no Brasil, fica claro que não se tem apenas um mero caso de segurança pública, ou efeitos de apenas uma má administração do Estado, ou principalmente uma violência que atinge a todos da mesma forma.

Estamos diante de uma guerra que não é declarada, e não é o fato dela ser velada que exime sua gestão, organização e sua articulação para destroçar carne preta, pobre, jovem e favelada. É o contrário! É o seu invisibilamento que permite toda essa maquinaria perversa, cruel e desigual. É nesse sentido que esse trabalho foi feito. O Brasil está sob trincheiras, e foi preciso um favelado agir como correspondente dessa guerra, denunciando, militando, expondo essa chaga que atinge desigualmente o tecido social brasileiro.

No primeiro capítulo mostramos o itinerário de formação do *Rapper* Carlos Eduardo Taddeo, suas dificuldades, o ambiente no qual estava inserido e seu despontar enquanto uma figura importante no cenário *Hip Hop*. Assim como evidenciamos a urbanização brasileira como conservadora e caótica, agravando ainda mais a situação daqueles que estavam às margens desse processo, no caso os favelados, ao mesmo tempo o sofrimento e labuta marcaram essa classe. Explicitamos a figura da *literatura marginal* e o movimento *Hip Hop* como barreiras de resistência e ao mesmo tempo resignificando o olhar

do centro para a periferia, colocando suas perspectivas ao centro, com a arte de alta qualidade e de conteúdo crítico.

Caminhamos no segundo capítulo para trabalhar a tese do *Rapper* e sua visão de um Brasil marcado por uma guerra não declarada. Verificamos números, checamos estatísticas e várias outras fontes que trabalham sobre violência e constatamos a calamidade que se instaurou no Brasil, chegando a ter números de homicídios maiores que países em guerra, inclusive alguns deles somados. A partir disso, guiados pela perspectiva do *Rapper* compreendemos que a violência crônica no Brasil não afeta as pessoas de forma homogênea na sociedade, e sim pessoas pretas, pobres, jovens e favelados, que são as maiores vítimas e com maiores chances de mortes.

Se as pessoas faveladas são os alvos dos números mórbidos, ficou claro que não é apenas no campo onde os corpos são tombados que a violência ocorre, mas também na sua criminalização, que demonstramos que ocorre pela sua condição social e onde moram. Percebemos também que o proibicionismo funciona como um motor para aumentar os números de mortes no Brasil, assim como o nível de encarceramento de pessoas que são alvos históricos de uma violência institucionalizada.

Em suma, Eduardo provou em seu livro que existe uma guerra não declarada no Brasil, e que os problemas relacionados com a segurança pública não serão resolvidos com armas, bombas e intervenções federais, mas sim, com o combate das desigualdades, a integração da população mais carente ao Estado Democrático de Direito e a prática diária do exercício da cidadania. O *Rapper* demonstrou que as mazelas que afetam os favelados não são apenas causas do século XXI, mas sim de um flagelo da escravidão, que ainda persiste no novo milênio e que permeabilizou por todo tecido social, e se instituiu porque o Brasil moderno não homogeneizou o estatuto de ser gente portador de direitos.

A pesquisa conseguiu dialogar bem com autores conceituados como Jessé Souza, Ana Flauzina, Adiche Mbembé, Orlando Zaconne, Luís Carlos Valois e dentre outros que dão alicerce a esse trabalho, mas lembrando de que, não necessariamente para legitimar o que o *Rapper* estava dizendo. Pelo contrário, a sua originalidade demonstra que mesmo sem a formação acadêmica até então, uma pessoa comum pode muito bem pensar nos problemas que o aflige, colocar nomes nos mesmos e indicar suas causas, efeitos e, principalmente, seus culpados. Isso dá ainda, maior crédito para o *Rapper*, e também uma resposta à universidade, que tem que abaixar seus muros juntamente com sua arrogância de detentora do saber, para

aumentar o diálogo e reconhecer suas limitações dentro de um escritório com ar condicionado, onde teoriza sobre a vida. Enquanto no lado de fora ela acontece, ou pior, se deteriora.

Essa pesquisa revelou dois países: um que aparenta ser, e um que de fato é. Taddeo nos mostrou como um país que se auto intitula “país do carnaval”, “pátria de chuteiras” “Terra do samba”, não demonstra de fato o que ele é: um país segregado, racista, classista e homicida,¹⁰⁴ e que pior, se orgulha de não falar sobre o assunto, assim como, legítima e quando não, aplaude aos mortos da dita *ralé* debatida nesse trabalho.

Se por um lado isso é verdade, por outro, a resistência de Eduardo, enquanto favelado, *Rapper* e principalmente sobrevivente, motiva as novas gerações a entrarem na luta e em luta por um país de fato democrático, que respeite os direitos humanos e que preserve a vida de todos os cidadãos e não apenas de alguns em detrimento de outros. Se essa guerra não é declarada como afirmou Carlos Eduardo Taddeo, acreditamos que esse trabalho deu um passo a tonar-la cada dia mais visível, tangível e principalmente, concreta aos olhos daqueles que não a percebem, ou daqueles que a percebem e por omissão ou ação, são cúmplices desse país, que mais que especialista em futebol, é especialista em matar gente.

¹⁰⁴ Além, claro, de ser um país homofóbico, transfóbico e feminicida, que mesmo não tendo desenvolvido esse trabalho com tal enfoque, os números não deixam se enganar.

REFERÊNCIAS

“A guerra não vai acabar”. **Facção Central**. CD *A marcha fúnebre prossegue*. São Paulo: Discoll Box, 2001.

A 13º Emenda. Direção de Ava DuVernay. Netflix, 2016. Documentário 01h40min. Disponível em: < <https://www.netflix.com/search?q=13&jbv=80091741&jbp=3&jbr=0>>. Acessado em 30/12/2018.

ADORNO, Luís. **Abordagem nos Jardins tem de ser diferente da periferia, diz novo comandante da Rota**. UOL, São Paulo. 24 de agosto. 2017. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da-rota.htm?cmpid&cmpid=copiaecola>>. Acessado em 03/11/2018.

ALEMDARIMA. **Terra de Plebeu**. Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/alemdarima/terra-de-plebeu.html>>. Acessado em 10 de fevereiro de 2018.

ALMAPRETA. **Em oito anos, Brasil assassina uma “Islândia” só de negros**. Disponível em: < <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/em-8-anos-brasil-assassina-uma-islandia-so-de-negros>>. Acessado em 05/05/2018.

ALVES, Jaime Amparo. Topografias da violência: Necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**, Volume 22, 2011, p. 108-134. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47222/83830>>. Acessado em 05/05/2018.

“Apologia ao crime”. **Facção Central**. CD *A marcha fúnebre prossegue*. São Paulo: Discoll Box, 2001.

ME, Angela; BISOGNO, Enrico; MALBY, Steven. **Global Study On Homicide Trends, Contexts, Data, 2011**. Disponível em: < https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/noticias/2011/10-outubro/Globa_study_on_homicide_2011_web.pdf>. Acessado em: 10 de abril de 2018.

BAHIANA, Ana Maria. **Transformamos pobres em consumidores e não em cidadãos, diz Mujica**. BBC Brasil, Los Angeles. 21 dezembro. 2018. Disponível: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46624102>>. Acessado em: 28/12/2018.

BARCELOS, Caco. **Rota 66: A história da policia que mata**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARROS, José D’Assunção. **A construção social da cor: Diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira**. 3ªEd. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BETIM, Felipe. **Mãe de jovem morto no Rio: “É um Estado doente que mata criança com roupa de escola”**. .EL PAIS BRASIL, Rio de Janeiro. 25 junho, 2018. Disponível: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/22/politica/1529618951_552574.html>. Acessado em 31/12/2018>.

BICUDO, Hélio Pereira. **O Brasil Cruel e sem maquiagem**. São Paulo: Moderna, 1994.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORTOLOZZI , Flavio; HANSEN, Thiago; MOTTA, Felipe. **A História do proibicionismo**. Soudcloud, 2017. Podcast. 02h10min: 25s. Disponível em: <<https://soundcloud.com/salvo-melhor-ju-zo/smj-48-historia-do-proibicionismo>>. Acessado em 30/12/2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALDEIRA, Jorge. **História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

CANAL COELHO. **Tropa De Elite**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JvqJ3KpVvqY>>. Acessado em: 29/12/2018.

CANAL DIALÉTICO ARCANJO LIMA. **Facção central na Sonia Abraão e etc. (SEM TRAVAR)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jMtqwyLYp38&t=2382s>>. Acessado em 02 de janeiro de 2018.

CANAL DEBATESDOCABO. **TROPA DE ELITE 2 - TRECHO DO FINAL**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B91KXfhSWqY>>. Acessado em 30/12/2018.

Canal: MV Bill. **Documentário Falcão - Meninos do Tráfico**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B-s2SDi3rkY>>. Acessado em 07/01/2012.

CANAL PERIFATUBE. **Ferrez Entrevista Eduardo Taddeo**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kHQrLkeDUa>> .Acessado em 01 de janeiro 2018.

CANAL RAPGYN GOIAS. **Cobertura rapgyn no Show do Facção Central em Goiânia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NZvRwNiTY34>>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

CANAL RAPNACIONAL. **Tv Rap Nacional Entrevista Eduardo Facção Central**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bXSnZuBxRz8>>. Acesso em 03 de janeiro de 2018.

CANAL TV BOITEMPO. **Ermínia Maricato: "Cidade é luta de classes!"**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9R4S6ZaDniU>>. Acessado em 20 de janeiro de 2018.

CANAL JUSTIFICANDO. **Estado de Exceção. Entrevista Pedro Estevam Serrano**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HUevuJgZQCA>>. Acesso em 22 de janeiro de 2018.

CARNEIRO, Henrique. **Drogas: A história do proibicionismo**. São Paulo: Autonomia literária, 2018.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O bagulho é doido ta ligado?** Revista Piauí. .Ed 10. Julho de 2007. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-bagulho-e-doido-ta-ligado/>>. Acessado em 04 de janeiro de 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: um longo caminho**. Rio de Janeiro. 2005.

CARTA CAPITAL. **O que se sabe sobre o caso do menino morto pela PM de SP.**

Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-se-sabe-sobre-o-caso-do-menino-morto-por-policiais-em-sp>>. Acessado em 27/11/2017.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro. **Causas e consequências do crime no Brasil.** Rio de Janeiro: BNDES, 2014.

_____. **Mapa dos Homicídios ocultos no Brasil.** Brasília: IPEA, 2013.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. **Democracia Racial e homicídios de jovens negros na cidade partida.** Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo Leandro de. Demografia e homicídios no Brasil. In: CAMARANO, Ana Amélia. **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?.** Rio de Janeiro: IPEA, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. **Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado. Sobre história e historiadores.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

“Chico Xavier do gueto”. Facção Central. CD *Direto do campo de extermínio.* Hortolândia: Face da Morte, 2003.

D’ELIA FILHO, Orlando Zaccone. **Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos da cidade do rio de janeiro.** Rio de Janeiro: RENAAM, 2015.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ESTADÃO.COM. **Brasil é confirmado como sede da Copa do Mundo de 2014.** Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,brasil-e-confirmado-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014,72847>. Acessado em 04/01/2018.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe.** São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Rodolfo Tiengo. **Novos rumos da narrativa de não-ficção o jornalismo literário na revista Piauí.** 2007. Monografia em Comunicação Social- Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Unifae. São João da Boa Vista- São Paulo.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **O corpo negro caído no chão: O sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro.** 2006. Dissertação (Mestrado em Direito), Faculdade de Direito – Universidade de Brasília, Brasília-DF. 145f. Disponível em:< http://www.cddh.org.br/assets/docs/2006_AnaLuizaPinheiroFlauzina.pdf>.

- FOLHA UOL. **Estátua do Borba gato e monumento às bandeiras são 'pichados' em SP.** Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1818322-estatua-do-borba-gato-e-monumento-as-bandeiras-sao-pichados-em-sp.shtml> >. Acessado em 12/12/2018.
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade.** São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: A decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** Rio de Janeiro: Global, 1977.
- GÓES, Luciano. **A “tradução” de lombroso na obra de Nina Rodrigues: O racismo como base estruturante da criminologia brasileira.** Rio de Janeiro: Revan, 2016.
- G1.com. **Presídios alvo de massacres tinham presos sem condenação e absolvidos.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/presidios-alvo-de-massacres-tinham-presos-sem-condenacao-e-absolvidos.html> >. Acesso 27/11/2017.
- G1.com. **Bala perdida atinge mulher grávida e o bebê dentro da barriga no RJ.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/07/bala-perdida-atinge-mulher-gravida-e-o-bebe-dentro-da-barriga-no-rj.html> >. Acesso 27/11/2017.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Isso aqui é uma guerra. **Facção Central.** Direção: Dino Dragone. Brasil: Firma Filmes, 2000.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2001.
- LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda hip-hop: despertando um movimento em transformação.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória.** 5ªed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 525-538.
- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos avançados USP,** 2003, v. 17, n. 48, p. 151-166. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/737> >. Acessado em 20/01/2018.
- NASCIMENTO, Abadias do. **O genocídio negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha do. **“Literatura Marginal”:** os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP. 211f. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php> >. Acessado em 30/03/2018.
- OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Música e política: percepções da vida social brasileira no rap.** 2011. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 187f. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16401> >. Acessado em 03/02/2018.

PRAXEDES, Rosângela Rosa. Cor e Segregação Racial no Brasil. In: COSTA, Luciano Gonsalves (Org). **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da educação sobre as relações étnico-raciais**. Maringá: Eduem, 2010.

PIMENTEL, Spensy. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as origens da favela. **Mercador - Revista de Geografia da UFC**, vol. 10, n. 23, set./dez., 2011, p. 33-48.

RASHID. **Ruaterapia**. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/rashid/ruaterapia-c-mano-brown-e-max-de-castro.html>>. Acessado em 10/02/2018.

SABOTAGEM. **O rap é compromisso**. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/sabotage/rap-e-compromisso.html>>. Acessado em 10/02/2018.

Racionais MC's. **Negro Drama**. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/>>. Acessado em 10/02/2018.

Renan Inquérito. **Poucas palavras**. Disponível em :< <https://www.vagalume.com.br/inquerito/poucas-palvras.html>>. Acessado em 10/02/2018.

RIBEIRO. Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

_____. **O Brasil como problema**. Brasília: UNB, 2010.

RIGON, Bruno Silveira; FRANÇA, Leandro Ayres. As periferias brasileiras como espaços de exceção: um genocídio cotidiano pela violência policial. **Revista profanações**, Universidade do Contestado, jul./dez. 2014, ano 1, n. 2, p. 197-218.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. **Além do PT: A crise da Esquerda brasileira em perspectiva latino-americana**. São Paulo: Elefante, 2016.

SANTOS. Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SAPORI, Luís Flávio; SOARES, Gláucio Ary Dillon Soares. **Porque cresce a violência no Brasil?** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SATRIANO, Nicolás. **Militares tiram fotos de moradores de favelas do Rio e de seus documentos**. G1, Rio de Janeiro. 23 fevereiro. 2018. Disponível em:< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/militares-tiram-fotos-de-moradores-de-favelas-do-rio-para-checar-antecedentes.ghtml>>. Acessado em 31/12/2018.

SCHWARCZ, Lillian Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos Marginais. In: GOFF, Jacques Le (org). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fonte, 2005.

SILVA, Cleber Daniel Lambert da; SILVA, Roger Aníbal Lambert Da. Violência e Repossessão do Sensível. Contribuição à Crítica Pós-Colonial a Partir da Obra do Rapper Carlos Eduardo Taddeo. In: MEDINA, Carlos Federico; CORTEZANO, Delsy Johanna Santos; AMARO, Fernando Pattaro. (orgs). **Violencias en La posmodernidad: resistencias, paradigmas y conflictos em Latinoamérica**. Barranquilla: Editorial Coruniamericana, 2015.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2009

TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado.** São Paulo: Garamond, 2012.

TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado- volume II.** São Paulo: Garamond, 2016.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Substância venenosa.** Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/carlos-eduardo-taddeo/substancia-venenosa.html>>. Acessado em 25/02/2018.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: As transformações do rap no Brasil.** 1ª Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VALOIS, Luís Carlos. **O Direito penal das guerras as drogas.** 2ª ed. Belo Horizonte: D'Plácido, 2017.

VIEIRA, Aline Deyques. **O Clarim dos Marginalizados: temas sobre a literatura Marginal Periférica.** Curitiba: Appris, 2015.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência: Novos padrões da violência homicida no Brasil.** São Paulo: Instituto Sangrari, 2011.

_____. **Mapa da violência: Os jovens no Brasil.** Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf>. Acessado em 03/01/2019.